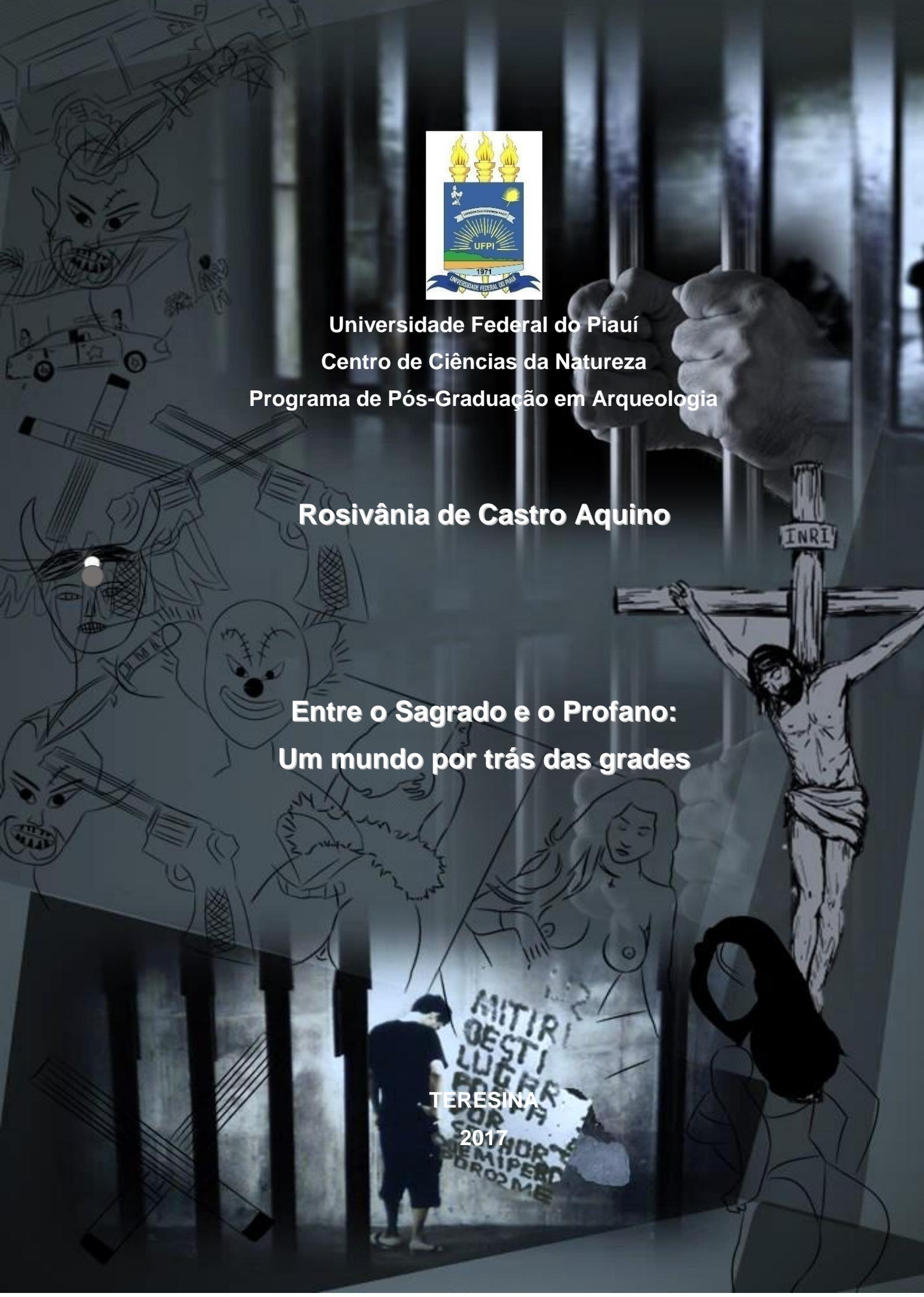


Universidade Federal do Piauí
Centro de Ciências da Natureza
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

Rosivânia de Castro Aquino

**Entre o Sagrado e o Profano:
Um mundo por trás das grades**

TERESINA
2017



UFPI-CCN/PPGARq.

Rosivânia de Castro Aquino

**Entre o Sagrado e o Profano:
Um mundo por trás das grades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Centro de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.

Orientadora:

Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento

Coorientador:

Andres Zarankin

Teresina

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do CCN

A657e

Aquino, Rosivânia de Castro.

Entre o sagrado e o profano: Um mundo por trás das grades /
Rosivânia de Castro Aquino. – Teresina, 2017.

144f.: il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro
de Ciências da Natureza, Pós-Graduação em Arqueologia, 2017.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento.

Coorientador: Andres Zarankin.

1. Arqueologia. 2. Penitenciária Tenente Zeca Rúben. 3. Interção
Social. 4. Fenomenologia Husserliana. I. Título. CDD 930.1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA - CCN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA - PPGArq
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Ininga - Teresina, Piauí, Brasil - CEP 64049-550
e-mail: pgarq@ufpi.edu.br - telefone: (86) 3215-5723

Ata da sessão de Defesa da Dissertação de Mestrado da discente Rosivania de Castro Aquino, do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí (nº de registro 20161003193)

Aos 18 (dezoito) dias do mês de dezembro de 2017 (dois mil e dezessete) realizou-se, a partir das 10h 30 min, no Auditório do Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí, a defesa de dissertação da Mestranda **Rosivania de Castro Aquino**, intitulado "**Entre o Sagrado e o Profano: Um Mundo por trás das Grades**". A Banca Examinadora foi constituída pelos professores Grégoire André Henri Marie Ghislain Van Havre, presidente da banca e docente permanente do PPGArq/UFPI, Fernanda Codevilla Soares, titular e docente externo (UFMG), Denis Barros de Carvalho, titular e docente externo (CCE/UFPI), e Sônia Maria Campelo Magalhães, docente permanente do PPGArq/UFPI. De acordo com o regimento do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, o presidente da banca abriu a sessão passando a palavra a candidata, que fez a exposição do seu trabalho. Em seguida, foram realizadas as arguições. A candidata respondeu a cada um dos arguidores. Finalizado esse processo, a Banca Examinadora se reuniu, sem a presença da candidata e do público, e deliberou unanimemente pela sua APROVAÇÃO.

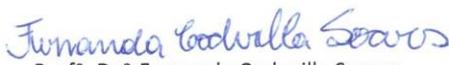
Recomendações sugestões: INCLUIR COMO APÊNDICE OU CATÁLOGO OS GRAFISMOS REGISTRADOS; REVISÃO DA ABNT.

Nada mais havendo a constar, lavrou-se e fez-se a leitura pública da presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Coordenador do Curso.

Ressalta-se que esta ata não é documento comprobatório da conclusão do Mestrado em Arqueologia do PPGArq/UFPI. Ela comprova apenas a Defesa da Dissertação de Mestrado. Para a conclusão do curso, e, conseqüentemente, a obtenção do título de Mestre em Arqueologia, faz-se necessário ainda o depósito da versão final da Dissertação.

Teresina, 18 de Dezembro de 2017.


Prof. Dr. Grégoire André Henri Ghislain Van Havre
Presidente da banca e docente permanente PPGArq


Profª. Drª Fernanda Codevilla Soares
Docente Externo UFMG


Prof. Dr. Denis Barros de Carvalho
Docente externo UFPI


Profª. Drª. Sônia Maria Campelo Magalhães
Docente permanente PPGArq


Prof. Dr. Angelo Alves Corrêa
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
(PPGARq/CCN/UFPI)

PROF. DR. ÂNGELO ALVES CORRÊA
Coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Arqueologia
SIAPE 22321228

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha mãe Maria Evangelista Aquino, e às minhas queridas irmãs pelo apoio incondicional e contribuição ao longo dessa jornada de dois anos de pós-graduação.

AGRADECIMENTOS

A realização do mestrado em Arqueologia tem sido uma experiência de verdadeira mudança em mim e em minha vida. Não seria possível concretizá-lo sem o apoio, incentivo e orientação direta e indireta de várias pessoas. Por isso, meu sincero agradecimento a todos os professores, funcionários e colaboradores que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (Ppg-Arq) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) que aprovaram meu projeto, e acreditaram que chegaríamos até aqui.

Agradeço à minha orientadora e conselheira acadêmica, a professora Dra. Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento, pela coragem de enfrentar um trabalho tão atípico aos realizados no programa, dando-me apoio, incentivo e doses de ânimo para seguir em frente. Durante estes meses de convivência, ela contribuiu para uma experiência gratificante ao me dar total liberdade intelectual neste trabalho, apoiando-me nas decisões de escolha das correntes teóricas, na confecção e manejo da dissertação, envolvendo-me em novas ideias e exigindo uma alta qualidade em todos os meus esforços.

Ao querido professor Dr. Andres Zarankin, meu co-orientador e amigo, pelo seu papel de encorajamento, incentivo incondicional, além da disposição amigável e positiva para esclarecer todas as minhas dúvidas, apesar de sua agenda lotada de compromissos. Seja por ligação, trocas de mensagem ou videochamada, estava sempre a postos para ajudar-me, dando-me conselhos, ideias, apoio moral e paciência para me orientar através deste trabalho, acreditando no meu potencial como pesquisadora e apostando que poderei chegar muito mais além. Por isso e muito mais, meu muitíssimo obrigada.

Aos professores do programa, em especial, a Sônia Maria Campelo, Joina Borges, Conceição Lage, Flávio Calippo e Gregoire Andre, pelas aulas ministradas, pelos conselhos, críticas e sugestões. E aos colegas de Mestrado, em especial a querida Ludiane Vilela, amiga que tenho imenso carinho, dívida e uma enorme gratidão, pelas incansáveis vezes em que buscou solucionar meus problemas acadêmicos dentro e fora da Universidade. Aos demais colegas, Juan Marcelo, Ana Joaquina e Heralda, que me forneceram uma atmosfera amigável e cooperativa, além de comentários úteis e perspicazes sobre meu trabalho. A junção e absorção

de conhecimentos vindos de todos vocês, modulam a arqueóloga e pesquisadora que sou hoje. Obrigada pela oportunidade de me fazerem crescer neste campo de pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer ao querido amigo David Capucho, secretário do Programa, um português amável que tenho grande carinho e gratidão. Inúmeras vezes não hesitou em imprimir meus “textinhos”, fazer cópias e escâner de arquivos, arrumar a internet do computador, emprestar-me canetas, lápis, folhas de papel, guardar meu capacete da moto, abrir a sala do Mestrado, até amarrar meus cadarços... Oferecendo-me cafezinho, docinhos, lanches, nas longas tardes que passei escrevendo este trabalho. Por todas as nossas conversas, brincadeiras, pelas várias injeções de ânimo, força, otimismo, “*Você vai conseguir, vai chegar lá, dá pra saber!*”.

Um agradecimento especial ao professor Dr. Dênis Barros, professor do Departamento de Fundamentos da Educação/CCE – UFPI, por seus conselhos e comentários, além de ter sido gentil o bastante em revisar todo o texto da dissertação. Quem diria que algum dia fôssemos nos conhecer em uma fila de supermercado, em que falava com uma amiga sobre este trabalho de pesquisa e acabaríamos trocando telefone, e-mails e, principalmente, boas ideias que colaboraram para chegarmos até aqui.

Gostaria de reconhecer e agradecer amigos e familiares, que me apoiaram durante todo o mestrado. Devo muito a meus pais, Maria Evangelista Aquino e Crispino Aquino, que incentivaram e me ajudaram em todas as fases da minha vida pessoal e acadêmica; e desejaram ver essa conquista se tornar realidade. As minhas irmãs: Crisvanete Aquino, por todo incentivo e apoio; à Vanicéia Aquino, pelo carinho, conselhos e por me ajudar na impressão dos volumes. E, finalmente, em especial, à Crisvânia Aquino, por sua imensa ajuda, colaboração e incentivo, sem os quais eu não estaria escrevendo estes agradecimentos, muito menos concretizando este tão sonhado trabalho. Foi ela que, no último instante, no último dia inscrição de projeto para a seleção do Mestrado, incentivou-me e me encorajou a inscrever o projeto, fazendo-me acreditar que eu conseguiria passar no teste, e receber o título de mais uma mestra na família.

Agradeço aos meus amigos, minha “turminha” de São Raimundo Nonato – PI (são muitos, acredito que não caberia aqui), e aos de Canto do Buriti – PI, em especial ao querido Renato Lima. Carinhosamente, ele leu este trabalho, enchendo-

me de elogios poéticos, levantando a minha autoestima e acreditando na minha capacidade dissertativa. E a minha doce “*menininha*”, *blue-flower*, Bruna Pereira, que, apesar da sua recém-chegada em minha vida, incentivou-me a não desistir dos meus objetivos, segurando a minha mão nos momentos difíceis e de desânimo, acreditando em mim, no meu potencial, encorajando-me a realizar meus sonhos. O que seria de mim sem seus olhinhos?!

Agradeço a todos aqueles que me deram força para que eu completasse mais esse ciclo da minha vida. Ciclo, que comecei há três anos, e que será estendido em outros quatro no tão almejado doutorado.

E, finalmente, acima de tudo, agradeço a Deus, por proporcionar estes agradecimentos a todos, por tornar minha vida mais afetuosa, além de ter me dado uma família maravilhosa e amigos sinceros. Deus, que a mim atribuiu alma e missões pelas quais já sabia que eu iria batalhar e vencer, agradecer é pouco. Por isso lutar, conquistar, vencer e, até mesmo cair e perder, fazem parte do mistério chamado vida.

RESUMO

O que você estava fazendo antes de começar a ler as primeiras páginas desta dissertação? Estava em alguma reunião importante? Lendo um livro, talvez? Vendo sua caixa de *e-mails*, trocando mensagens no *WhatsApp* ou em suas redes sociais? Como está o clima lá fora? Ensolarado ou nublado? E se algo ruim acontecesse e, de repente, você acordasse em uma cela de uma prisão, o que faria? Não sei bem o que faria, ou quais seriam suas experiências dentro desse espaço, mas em São Raimundo Nonato – PI, os detentos da Penitenciária Tenente Zeca Rúben (1967-2007) deixaram marcas da transformação do seu espaço prisional, onde a criação de desenhos e murais de palavras nos mais variados tipos de suportes presentes nos banheiros, pátio e, principalmente, nas paredes e teto das celas fazem parte de uma prática integrante da vivência e experiência de seus criadores nessa prisão. É, neste cenário, que voltaremos nossa atenção nas próximas páginas, na tentativa de compreender como os presidiários significaram e (re)significaram este espaço carcerário em uma (re)descrição linguística, que se origina, possivelmente, na experiência sensorial e fenomenológica. Além de perceber visões de mundo específicas, identidades, memórias e recordações engendrados nos grafismos presentes nas paredes e no teto das celas, por meio da análise de duas temáticas: *apelo religioso e sexualidade*, configurando o Sagrado e o Profano de um “mundo” que está por trás grades. Nesta dissertação, iremos conhecer, juntos, como a Arqueologia trará respostas para os grafismos dessas duas temáticas específicas, tendo conceitos da fenomenologia husserliana, heideggeriana e pontyana como base teórica, pois se pressupõe que no ato de desenhar e escrever nas paredes e tetos das celas, estão concebidas ações cognitivas e perceptivas; emoções, fenômenos e sentidos, conceitos fortemente trabalhados por estas correntes filosóficas. Assim, tal estudo poderá representar um passo a mais no registro testemunhal, na valorização social e na reflexão coletiva sobre a experiência e vivência humana no espaço carcerário, contribuindo para construção e/ou reconstrução do passado, mesmo o mais recente.

Palavras-chave: Penitenciária Tenente Zeca Rúben; Arqueologia; Fenomenologia husserliana, heideggeriana, pontyana.

ABSTRACT

What were you doing before you started reading the first few pages of this dissertation? Were you at an important meeting? Perhaps reading a book. Checking your mailbox or exchanging messages on WhatsApp, or maybe in your social networks? How's the weather outside? Sunny or cloudy? And if something bad happens and you suddenly wake up in a prison cell, what would you do? I don't know what you would do, or what would be your experiences in this space, but in São Raimundo Nonato – PI, the prisoners of the Lieutenant Zeca Rúben Penitentiary (1967-2007) left marks of the transformation of their prison space, where the creation of drawings and murals of words in the most varied types of supports present in the bathrooms, courtyard and mainly in the walls and ceiling of the cells, are part of an integral practice of the experience of its creators in that prison. It's in this scenario that we turn our attention to the next pages in an attempt to understand how inmates meant and resignified this prison space in a linguistic redescription that originates, possibly, in the sensorial and phenomenological experience. In addition to perceiving specific world visions, identities, memories and remembrance begotten in the graphics presented on the walls and the ceiling of the cells, through the analysis of two themes: *religious appeal and sexuality*, configuring the Sacred and the Profane of a "world" that is behind bars. In this dissertation we will know together how Archaeology will bring answers to the graphics of these two specific themes, having concepts of the Husserlian, Heideggerian and Pontyana Phenomenology as theoretical basis, since it is assumed that in the act of drawing and writing on the walls and ceilings of the cells, cognitive and perceptive actions, emotions, phenomena and senses are conceived, concepts strongly worked by these philosophical currents. Thus, such a study could represent a further step in the testimonial record, social appreciation and collective reflection in the human experience and experience in the prison space, contributing to the construction and/or reconstruction of the past, even the most recent.

Keywords: Penitentiary Lieutenant Zeca Rúben; Archaeology; Husserlian, Heideggerian, Pontyana Phenomenology.

SUMÁRIO

PROLÓGO	12
1 INTRODUÇÃO	17
2 POR TRÁS DAS GRADES: A HISTÓRIA DA PENITENCIÁRIA TENENTE ZÉCA RUBEN	23
2.1 <i>Gênese do Sistema Penitenciário</i>	23
2.2 <i>As Prisões no Brasil</i>	25
2.3 <i>História da Penitenciária Tenente Zéca Ruben</i>	25
3 NAS PAREDES DA MEMÓRIA: UM MUNDO ALÉM DAS GRADES	33
3.1 <i>Os caminhos da Fenomenologia</i>	39
3.1.1 <i>Caminhos da Fenomenologia em Husserl- Fenomenologia Transcendental</i>	40
3.1.1.1 <i>Mas o que é Fenomenologia?</i>	42
3.1.1.2 <i>Vivenciamento Carcerário em Edmund Husserl</i>	46
3.2 <i>Fenomenologia Pós-Husserl</i>	46
3.2.1 <i>Dasein, Cotidiano e Espaço</i>	49
3.3 <i>Merleau-Ponty e a Noção Corpo-Sujeito</i>	49
3.3.1 <i>O espaço carcerário como experiência corporal e a formação identitária</i>	58
3.4 <i>Entre Muros e Ferros</i>	58
4 ARQUEOLOGIA NAS PAREDES: CHEGOU A HORA DE FOTOGRAFAR, MEDIR E ANALISAR	68
4.1 <i>Chegou a hora de fotografar, medir e analisar, mas também tocar, sentir e experienciar</i>	73
5 AS PAREDES FALAM SIM	91
5.1 <i>Como os presos se comunicam? Entre o sagrado e o profano</i>	96
5.1.1 <i>Apelo Religioso</i>	97
5.1.2 <i>Sexualidade</i>	105
6 IDENTIDADE DE EXISTÊNCIA: CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
7 REFERÊNCIAS	121
8 APÊNDICE A - OUTRAS FOTOGRAFIAS COLETADAS DURANTE A PESQUISA ARQUEOLÓGICA	128

When we do not have the words to say something, drawing can define both the real and unreal in visual terms. (KOVATS, 2007, p. 8).

PRÓLOGO

Quando apresento este trabalho, em Congressos ou Simpósios, para colegas e outras pessoas, sempre sou questionada sobre como surgiu a ideia de estudar os grafismos feitos por presidiários, e de como a Arqueologia abre campos de possibilidades para isso. Confesso que, há 4 (quatro) anos, jamais poderia imaginar esta conexão. Obviamente, nesta época, em que eu cursava, provavelmente, o quarto ou quinto período da Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial, na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), ainda me faltavam leituras sobre este tema em específico, e sobre estudos arqueológicos que contemplassem um passado mais recente.

A curiosidade sem relação a esse tema surgiu quando encontrei um artigo¹, escrito por dois antropólogos (LÓPEZ, 2008), sobre os desenhos e murais de palavras feitos por presos políticos e comuns no Quartel San Carlos, na cidade de Caracas, na Venezuela, e sua conexão com a Arqueologia. Era noite, e eu estava extremamente exausta de ter passado o dia carregando baldes, fotografando cada decapagem concretizada, anotando etiquetas, e com as costas doloridas do contorcionismo, que fiz para escavar certas quadrículas sem derrubar o perfil estratigráfico. E para apanhar todos aqueles “carvõezinhos” com a pinça? Mesmo assim, continuei as leituras daquele livro, e fiquei encantada de como a Arqueologia pode ir muito além dos estudos das culturas pré-coloniais e coloniais, de como realmente ela se desdobra nas “Muitas Arqueologias” (TILLEY, 1994). Sim, era véspera de mais uma aula de campo (Métodos e Técnicas Arqueológicas II), e não hesitei em ficar até tarde lendo, tanto é que no dia seguinte...

NA PARADA DE ÔNIBUS ÀS 05:40h

Maria Betânia, minha prima, que estudava o curso de Arqueologia comigo, ao me ver, com aquela cara de ressaca, já foi logo questionando:

— Rôsyh, você está com uma cara horrível, o que houve?

¹ NAVARRETE, López. Rabiscando atrás das grades: grafite e imaginário político-simbólico no Quartel San Carlo (Caracas/Venezuela). In: FUNARI, Pedro Paulo A.; ZARANKIN, Andrés; Reis, José Alberioni (orgs). Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina na Era das Ditaduras (Década de 1960-1980). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008, p. 53-78.

– Fiquei até tarde da noite lendo um artigo de um livro, que ganhei recentemente.

– Meu Deus! Não sei como você aguenta.... Eu cheguei bem cansada em casa, só fiz o jantar para o pai, e logo fui dormir. Mas que artigo é este?

– Depois eu te conto. Você está levando o que de bom, hoje, para gente comer?

– Eu fiz o de sempre.... Mal deu tempo para cozinhar alguma coisa que preste.

– Cadê a Raquel? Ela vai perder o ônibus...

O ônibus chega, e Raquel vem correndo gritando: “Esperem aí!”

O ônibus percorria vários pontos da cidade, apanhando os colegas de Campo. Então, reclinei a poltrona, que era sempre a do fundo, e refleti mais uma vez sobre o texto que li na noite anterior. “Será que aqui, na cidade, teria algum recinto prisional parecido com o Quartel San Carlos? Os presos daqui também teriam gravado nas paredes suas memórias, suas visões de mundo, suas percepções? Se ao menos eu encontrasse algum desenho, alguma frase ou texto nas paredes! Meu Deus, seria bem interessante!”. Passei todo o percurso pensando nisto, desde a cidade até chegarmos na Toca da Invenção², onde realizávamos a quinta campanha de escavações arqueológicas.

Enquanto tento escavar a quadricula 30 C, olho de soslaio para Parentinha³ que escava a quadrícula ao lado, 30 D. E, então, ela corta os meus pensamentos:

– O que é, Parentinha, que você está aí viajando? Você vai fazer uma vala se continuar distraída assim! E esta cara? Que olheiras são estas?

– Está tão horrível assim? Eu estou meio sonolenta desse jeito, porque fiquei até tarde lendo um artigo que tinha no livro Arqueologia da Repressão, onde dois antropólogos estudam desenhos de presos políticos em um quartel, e fazem meio que um elo de ligação de que o homem nunca deixou de pintar e gravar, nas

² O sítio arqueológico Toca da Invenção (Nº39 – CNSA PI00579) localizado no município Coronel José dias, no Parque Nacional da Serra da Capivara, faz parte da trilha Hombu composta também pelos sítios pré-históricos e históricos, como: Toca da Pedra Caída, Toca da Ema do Sítio do Brás, Casa do Alexandre e Museu do Neco Coelho. A Toca da Invenção é um sítio arqueológico multicomponencial caracterizado como “abrigo sob rocha”, onde foram encontrados indícios de ocupação histórica, - antigo forno utilizado por maniçobeiros – e pré-histórica – pinturas rupestres. O sítio era comumente utilizado como sítio escola pelos estudantes da UNIVASF para a realização de escavações arqueológicas.

³ Apelido que dei carinhosamente a mim e a minha amiga Kelly Aquino, por termos coincidentemente o mesmo sobrenome e não sermos parentes de fato, e se somos, não descobrimos ainda o elo de parentesco.

paredes, suas memórias, suas visões, ou seja, desde a pré-história até os tempos atuais, entende?

– Nossa! Que interessante, Parentinha! Eu nunca vi isso.

– Eu também não! Fico pensando se, em São Raimundo, tem alguma prisão com desenhos. Isto deve ser comum em presídios. Sei lá, alguma delegacia desativada, não sei...

– Parentinha, ali em frente ao Bradesco tem uma cadeia velha, não tem não? Acho que ela está desativada.

– Será? Nossa! É mesmo! Será que lá tem alguma coisa? Eu adoraria estudar isto.

– Né! Vamos lá ver, qualquer dia?

– Vamos sim!

Tempos mais tarde, Parentinha e eu fomos atrás de informações sobre a velha cadeia em vários pontos da cidade de São Raimundo Nonato, dentre eles: prefeitura, cartório, fórum de justiça, delegacias, mas ninguém parecia disposto a colaborar com qualquer informação. Não sabiam o paradeiro da documentação⁴ do prédio, muito menos da chave da porta de entrada. E então? Como saberíamos que lá teria alguma coisa? Foi quando em visita ao tenente Ivonaldo, historiador, e atuante no quartel da cidade, concedeu-me a licença para um chaveiro tirar o molde da fechadura e produzir uma chave para que eu pudesse ter acesso à penitenciária.

Até que finalmente conseguimos entrar na Penitenciária, e ficamos surpreendidas com a quantidade de expressões gráficas, pichações, desenhos de várias temáticas, formas e feitos com diferentes tipos de matéria-prima, desde lápis de colorir, canetas, até giz de cera e tintas. O que mais nos intrigou, em nossas primeiras impressões, foi o fato de todas as celas estarem preenchidas destes grafismos, ou seja, todo o espaço fora utilizado, modificado e, possivelmente, ganharam vida, identidade e pertença por parte de quem ali o habitou. Grande parte destes grafites correspondiam a temáticas variadas realizadas durante os anos de 1990 e 2000, embora certamente outras expressões do período ditatorial estivessem presentes ainda que por baixo de camadas de tinta ou até mesmo cobertas por outras pinturas e grafismos.

⁴ Ainda hoje não consegui encontrar esta documentação. Todas as informações históricas da Penitenciária Tenente Zeca Rúben foram obtidas por meio de entrevistas orais.

Assim, os primeiros trabalhos realizados e artigos publicados do presente estudo se iniciaram no decorrer de minha graduação em Arqueologia, em que busquei compreender, por meio da Arqueologia Cognitiva, como os desenhos dos presos se estruturavam dentro de uma única cela, “a cela 2”. Nesta cela, foram identificados mais de 160 grafismos distribuídos em todos os suportes, paredes e teto, classificados em dez temáticas, onde, para o trabalho de conclusão do curso, fiz um recorte para as cinco temáticas mais recorrentes: apelo religioso, sexualidade, apologia ao crime, cronologia e passa tempo/recreativo.

Durante o trabalho de monografia, confeccionei o texto em terceira pessoa, conduzindo-o com a escrita mais científica e objetiva possível. Trabalhei com dados e estimativas, busquei compreender como os símbolos se estruturam dentro do espaço.

Já no mestrado em Arqueologia, desde a criação do projeto até a concretização desta dissertação, uma das preocupações que tive era escapar da divisão completamente artificial, que se estabelece entre a teoria e a prática em qualquer trabalho científico, uma vez que eles são intimamente relacionados na produção do conhecimento sobre o passado (ROSA, 2007). Com esse pensamento em vista, busquei conduzir a escrita do texto tentando evitar a separação entre as orientações teórico-metodológicas seguidas e as atividades práticas realizadas. Em todos os capítulos, discuto conceitos e abordagens, procurando sempre vinculá-los à prática ou a exemplos, que tragam um melhor entendimento daquilo que a teoria propõe.

Como o(a) leitor(a) pode perceber, optei em redigir este texto em primeira pessoa do singular. Tal escolha relaciona-se com a importância de colocar-me, enquanto arqueóloga, como construtora e intérprete do passado, além de traçar aqui narrativas que corroborem com um melhor entendimento desta pesquisa. É uma forma de assumir o compromisso na elaboração de uma produção discursiva sobre o passado, mesmo o mais recente, por meio da adoção de uma postura subjetiva, de caráter humano, no presente (SHANK; TILLEY, 1988, 1987, 1992). Já que tradicionalmente as visões mais ortodoxas em Arqueologia têm se limitado a apresentar visões positivistas, onde os textos redigidos em primeira pessoa do plural ou terceira pessoa, imprimem um narrador onisciente que representa a ciência e “revela” de forma “verdadeira” como foi o passado, transmitindo um discurso do poder que não pode ser criticado.

Além disso, por se tratar de um tema que forma parte de uma Arqueologia do Contemporâneo (RUIBAL, 2014), e mesmo pelas teorias que estou trabalhando, decidi escrever esta dissertação com uma linguagem mais simples, sem tantos jargões arqueológicos, sem o rebuscamento da escrita acadêmica.

Deixo claro que fiz essas e outras escolhas, em grande parte motivada pelas certezas de quais caminhos que não queria trilhar. Uma preocupação que tinha em mente era de não desvincular os eventos em relação às suas instâncias de tempo. Ao estudar os grafismos produzidos por pessoas contemporâneas, pude perceber que, no espaço carcerário, o passado, presente e futuro mostram-se invariavelmente interligados. Já que em 1967, regime ditatorial brasileiro, a Penitenciária Tenente Zéca Ruben foi criada com o propósito de reduto prisional. As celas foram ocupadas, modificadas e transformadas pelos detentos, dando-lhes identidade, principalmente nas últimas décadas, perdurando no presente, por meio da presença física dos vestígios resultantes destas ações.

Em um tempo não tão distante, esse mesmo espaço físico, que foi socialmente constituído anteriormente, era vivenciado de outros modos, por outros indivíduos, sendo continuamente alterado e (re)significado à medida que o tempo passa. Em momentos próximos do presente, que vão se tornando passado rapidamente, o mesmo lugar torna-se o espaço de trabalho para mim como pesquisadora, e quem mais se aventurar no tema, no sentido de trazer à tona as memórias, desejos e visões de mundo destes povos reclusos (MESKELL, 2009).

Assim, buscando alcançar uma Arqueologia Alternativa e, principalmente, a multivocalidade, presença de muitas vozes em uma informação (RIVOLTA, 2014) de um grupo recluso específico, esquecido pela poeira do tempo, há três anos são desenvolvidas pesquisas arqueológicas na Penitenciária Tenente Zeca Rúben, que culminaram em interessantes apontamentos sobre o pensamento cognitivo humano dentro do espaço carcerário. Os mais variados tipos de grafismos (expressões gráficas, pictóricas, símbolos emblemáticos, murais de frases e palavras, recortes de jornal e revistas) presentes nas paredes e tetos das celas classificadas em pelo menos dez temáticas específicas, dentre as mais recorrentes o apelo religioso, sexualidade, apologia ao crime e cronologia, converteram-se em um tema crucial no campo dos estudos culturais, seja como representação comunicativa e estética, seja como manifestação cultural e política.

1 INTRODUÇÃO

“Imagine você estando em uma prisão! Como fazer para esse bendito tempo passar? Aqui você tem a impressão de que ele não passa (...). Quantas atividades prazerosas ou não temos que criar, inventar para passar o tempo. Aperfeiçoar o tempo, perder e ganhar tempo. Somos escravos dele. O ócio, o não fazer nada, deixar que o tempo nos leve ao seu bel-prazer de um legado que sempre nos apraz aqui no cárcere.” (SANTANNA, 2014, p. 153)

Você já questionou a natureza de sua realidade? Já se questionou sobre os seus propósitos de ser e estar no mundo? Sobre o porquê de nossa vida contemporânea ser tão agitada, cheia de compromissos, regras, deveres a serem cumpridos? Por que por mais que realizemos uma série de coisas em um dia, ainda nos falta “tempo” para fazer aquilo que planejamos e/ou gostaríamos?

Enquanto você lê estes questionamentos, e talvez reflita sobre eles, inúmeras coisas estão acontecendo no mundo lá fora: pessoas conversam; outras trocam mensagens no *WhatsApp*; um passarinho voa de sua janela; alguém tom uma generosa quantidade de café para se manter acordado, porque precisa terminar aquele relatório, e, infelizmente, saiu com os amigos na noite anterior e deu *virote*⁵... Motoristas de ônibus buzina para algum desatento ao sinal aberto; o rapaz do carrinho de sorvete grita: “Picolé, sorvete, aqui tem! ”. Ah não! Começou a chover!

⁵ Como diz na letra da música do Wesley Safadão, “Vou dar virote”, significa perder a noite trabalhando ou em uma festa; tomar todas. (VILLANOVA, 2007).

Pessoas correm depressa para não se molhar. Enquanto o senhor, que tem uma pequena plantaçozinha de milho, feijão no quintal, festeja com a chuva.

E se algo ruim acontecesse e de repente você acordasse em uma cela de uma prisão? O que faria? Bom! Imagine que advogados não resolveriam o seu caso por agora, se é isto que está pensando na primeira coisa que faria. E se por algum motivo houvesse restrições para visitas de familiares?

Tente imaginar uma cela simples, e uma penitenciária pequenininha, sem praticamente nenhuma atividade de lazer ou trabalho, nada parecido com a Penitenciária Estadual de Fox River em *Prison Break*⁶. Pense em algo bem menor que isto, com pouco mais de quatro celas e um pequeno pátio para apenas tomar sol. E então? Quais seriam suas experiências dentro desse espaço?

Quem está do lado de fora de um presídio e, mais ainda, quem nunca esteve em um local assim antes, não imagina quais as sensações, emoções e sentimentos experienciados por um preso, afinal vivemos o tempo da correria do dia a dia; e pela constante mudança de cenários, em que as preocupações com o nosso eu e o imediato dominam nossos interesses.

Nossa vida cotidiana é experimentada dentro de uma sensação de contínuo, um contínuo fluxo de tempo, uma temporalidade e uma sensorialidade não narradas, que superam a consciência coletiva e individual (PELLINI, 2016). Nós aceitamos os eventos diários sem qualquer questionamento, quanto mais se eles se referem a grupos reclusos como os presidiários. Assim, raramente consideramos que um determinado evento poderia se dar de uma outra maneira. Estamos imersos em um mundo, que normalmente se desdobra de maneira automática.

Nesta vida do “automático”, as pessoas se encontram cada vez mais pressionadas pelo relógio. Os prazos são muito curtos e o número de atividades crescentes. O ritmo social e o fluxo informacional são extremamente intensos, havendo um excesso de informação a circular pelo mundo, acessível a todos, principalmente com o advento da internet móvel, com o uso contínuo das redes sociais e de aplicativos de mensagens instantâneas como o *WhatsApp* em smartphones, tablets e outras mídias digitais (SARIEDDINE, 2009). Cria-se, no

⁶ *Prison Break* (em Portugal *Fuga da Prisão*, no Brasil, *Prison Break: Em Busca da Verdade*) é uma bem-sucedida série de televisão estadunidense de ação e suspense, transmitida originalmente pela Fox de 29 de agosto de 2005 a 15 de maio de 2009. Em 2015, a FOX renovou a série para um revival de 9 episódios, que foi ao ar no início de 2017.

entanto, uma nova necessidade: a de se estar ciente de tudo o que está acontecendo a todo momento.

Cada pessoa tem uma maneira particular de perceber e agir no mundo. Em alguns casos, a combinação entre memórias do passado e diferentes visões de mundo, em certa medida, passam a ser bons elementos para fazer com que um preso desenhe e escreva, nas paredes e no teto, na tentativa de mascarar a dureza do cárcere.

Respondendo os questionamentos anteriores, não sei bem o que você faria dentro de uma cela ou quais seriam suas experiências dentro desse espaço. Mas em São Raimundo Nonato – PI, os detentos da Penitenciária Tenente Zeca Rúben (1967–2007) deixaram marcas da transformação do seu espaço prisional, onde a criação de desenhos e murais de palavras, nos mais variados tipos de suportes presentes nos banheiros, pátio, nas paredes e teto das celas. Tais marcas fazem parte de uma prática integrante da vivência e experiência de seus criadores nessa prisão.

É neste cenário, que voltaremos nossa atenção nas próximas páginas, na tentativa de compreender como os presidiários significaram e (re)significaram este espaço carcerário, em uma redescrição linguística que se origina, possivelmente, na experiência sensorial e fenomenológica. Além de perceber visões de mundo específicas, identidades, memórias e recordações engendrados nos grafismos presentes nas paredes e no teto das celas, por meio da análise de duas temáticas: *apelo religioso e sexualidade*, configurando o sagrado e o profano de um “mundo” que está por trás grades.

O fascínio por este estudo incentivou-me a querer ir muito além das estruturas, buscando outros horizontes que a base processual da Arqueologia não me proporcionaria. Estamos lidando com cultura material produzida por indivíduos, e onde estaria, nas estruturas, a relação de fato do sujeito-objeto? Logo no início, questionei sobre a natureza de sua realidade e sobre seus propósitos de ser e estar no mundo. Porém, dentro de uma prisão, a natureza da realidade muda. Ou melhor, se não muda, ela se adapta ou não àquele espaço, e os propósitos deste novo mundo, entre grades e muros, passam a ser outros.

Nesta dissertação, irei discutir como a Arqueologia trará respostas para os os grafismos dessas duas temáticas (*apelo religioso e sexualidade*), tendo a fenomenologia husserliana, heideggeriana e pontyana como base teórica, já que

estas correntes trazem um “novo olhar” para o estudo da materialidade; e a cultura material como um todo, argumentando as relações fenomenais de intencionalidade, existencialismo, percepção, corpo e espaço.

Segundo a ótica fenomenológica, nos lugares do mundo, ocorrem engajamentos, vivências, experiências, que os transformam tanto em termos físicos como abstratos. Sendo assim, destaco que o objetivo principal deste trabalho se refere à análise dos vários tipos de relações sociais, sensoriais, tanto dos indivíduos como de suas criações ocorridas no espaço em estudo. A penitenciária, aqui, é vista como um espaço cultural em constante modificação, fisicamente alterado, mas igualmente percebido, significado e (re)significado ao longo do tempo. Tanto que é, que brevemente será transformado em um Centro Cultural⁷. Os significados, que resultam desses vínculos entre os indivíduos e o mundo material, uma vez desencadeados, não possuem fim.

A fenomenologia foi utilizada, neste trabalho, por se tratar de uma corrente teórica que envolve a tentativa de descrever os objetos da consciência da forma como eles se apresentam à consciência. Ela se propõe a revelar o mundo como ele é de fato experienciado pelo sujeito, de modo direto, não como poderíamos, pela via teórica, supor que ela é. O objetivo não é explicar o mundo (em termos, digamos, de casualidades físicas, acontecimentos históricos ou disposições psicológicas), mas descrevê-lo, o mais precisamente possível, conforme os seres humanos o experienciam (TILLEY, 2014). A fenomenologia é antes um estilo e um modo de pensar do que um conjunto de doutrinas, normas ou procedimentos que podem ser seguidos; um modo de Ser no mundo e um modo de pensar sobre ele; opõe-se diretamente à “atitude natural” empirista e positivista (científica) quando esta é aplicada ao estudo de pessoas e da sociedade.

Desta maneira, organizei o texto da dissertação a fim de abordar eixos temáticos, vinculados à fenomenologia, sempre os correlacionando com a temática carcerária, de modo que a teoria e prática se completassem. Por meio da abordagem de tais temas, direciono o trabalho para a análise dos engajamentos que ocorreram entre os detentos e o mundo físico (paredes, teto) que compõe o espaço estudado, os quais foram responsáveis pela sua transformação (tanto física quanto significativa) com o passar do tempo.

⁷ No capítulo 1 abordarei um pouco mais sobre este projeto.

No capítulo 2, **Por trás das grades: a história da Penitenciária Tenente Zeca Rúben**, apresento de forma sucinta como se deu origem do sistema penitenciário no âmbito mundial e suas classificações no Brasil, no sentido de caracterizar o objeto de estudo deste trabalho, seu entendimento frente à organização funcional das estruturas físicas e sociais. Em seguida, apresento a história da penitenciária e suas estruturas arquitetônicas.

No capítulo 3, **Nas paredes da memória: Um Mundo além das grades**, traço uma discussão geral acerca das correntes teóricas da Arqueologia, de como o pós-processualismo incorporou conceitos da fenomenologia, nas análises sujeito-objeto e a utilização de tais correntes neste trabalho. Em seguida, abordo sobre a fenomenologia transcendental de Husserl (2000), a ação do vivenciamento tratado pelo filósofo, correlacionando-a com a noção de espaço e o espaço carcerário, na medida que a vivência está ligada a atos psíquicos pertencentes à estrutura própria de todo ser humano; trazendo à tona as percepções, a reflexão, a lembrança, a imaginação e a fantasia. Depois, abordo a fenomenologia pós-Husserl, enfatizando as noções de *dáisen* e o cotidiano, a noção de espaço tratados por Heidegger (2005). Em seguida, discuto as abordagens de Merleau-Ponty (2011) nas noções de corpo-sujeito e o espaço como experiência corporal e formação identitária. Finalizo, discorrendo sobre a experiência da materialidade e estudos da cultura material em fenomenologia.

No capítulo 4, **Arqueologia nas Paredes**, apresento como foram desenvolvidas as abordagens em campo, iniciadas desde a graduação em Arqueologia até sua continuidade no mestrado em Arqueologia, que resultou neste trabalho dissertativo. Discorro sobre a experiência sensorial em cada cela, além da montagem das unidades gráficas e seleção das temáticas, que foram estudadas com auxílio da fenomenologia.

No capítulo 5, **As paredes falam sim!** ao abordar a penitenciária, principalmente as celas, enquanto substâncias, avalio os contatos perceptivos e corporais estabelecidos entre os presos e seu ambiente físico na produção de grafismos. Neste sentido, ao considerar os elementos gráficos das paredes e dos tetos, como não arbitrários, portadores de características ativas, procuro entender as formas pelas quais as substâncias, como a cela, interferiam e continuam interferindo no contato com os indivíduos. Para tanto, apresento a análise de duas temáticas de maior recorrência dentro do espaço estudado (apelo religioso e sexualidade). Estas

temáticas estão enquadradas na noção do “sagrado e profano”; e foram escolhidas pela sua particularidade. As demais temáticas, encontradas nesta prisão (apologia ao crime, cronologia, símbolos diversos, passa tempo recreativo), farão parte de um projeto para Doutorado, por isso não as analisei neste trabalho. Neste capítulo, busco compreender, também, como os presos se comunicam e o que os grafismos produzidos por eles podem nos dizer, conforme as correntes teóricas citadas.

No capítulo 6, “**Identidade de existência**”, busco as últimas considerações para esta dissertação, demonstrando a natureza da realidade dos presos, por meio dos grafismos. Não se trata de uma tentativa de reconstruir o passado, muito menos uma tentativa de reproduzir, no presente, sensações passadas. Neste trabalho, também não trarei de volta as emoções sentidas. Veremos que a fenomenologia foi utilizada não para tentar reproduzir ou saber, por exemplo, o gosto do almoço dos detentos, o som ou o ruído das suas vozes, tampouco o cheiro de mofo que exalava de suas celas, o tatear dos objetos que foram utilizados para desenhar e/ou escrever nas paredes. No entanto, como fenômenos do mundo material e humano se mostram, na tentativa de entender como o paladar do almoço, o som das vozes dos detentos, o cheiro de mofo, o tatear (manuseio) dos objetos para desenhar e escrever, nestes exemplos, estruturam e influenciam no ato de registrar nas paredes e no teto da cela, realidades e visões de mundo específicas. Ou seja, por meio dos sentidos, realidades, identidades e memórias eram criadas, imbuídas nos registros gráficos deixados por aqueles que ali estiveram.

A relevância do trabalho reside na necessidade de se ampliarem os estudos arqueológicos da região de São Raimundo Nonato-PI que, por excelência, contemplam os *modus vivendi et operandi* dos povos que aqui estiveram há milênios, ainda que fazendas de gado e outras culturas históricas tangíveis e intangíveis já estejam recebendo alguma importância. Além da atenção que será dada às narrativas multivocais desses grupos reclusos, por meio da sensibilidade de ouvir suas vozes, gritos, angústias, diferentes visões e realidades de mundo presentes nos registros gráficos. Logo, tal estudo representa um passo a mais no registro testemunhal, na valorização social e na reflexão coletiva sobre a experiência e vivência humana no espaço carcerário, contribuindo para construção e/ou reconstrução do passado, mesmo o mais recente.

2

**POR TRÁS DAS GRADES: A HISTÓRIA DA PENITENCIÁRIA TENENTE
ZÉCA RUBEN**

Antes de apresentar a historiografia da Penitenciária Tenente Zeca Rúben, optei por fazer uma breve abordagem sobre o sistema penitenciário para ajudar no entendimento da organização funcional das estruturas físicas e sociais do objeto de estudo deste trabalho.

2.1 Gênese do Sistema Penitenciário

“A prisão: um quartel um pouco estrito, uma escola sem indulgência, uma oficina sombria, mas, levando ao fundo, nada de qualitativamente diferente.” (FOUCAULT, 1987, p.262).

O termo prisão vem do latim *prensio*, significa tanto o ato de prender, de deter, de capturar o indivíduo, como o local onde o sujeito fica retido, preso. Na elaboração de leis, empregam-se indistintamente essas duas concepções (RATES, 2000). Além disso, as prisões têm como objetivo básico manter o indivíduo privado de sua liberdade até que sua situação se resolva pelas autoridades competentes.

As prisões, até o século XVIII, eram marcadas por penas cruéis e desumanas. Nelas, não havia privação de liberdade como forma de pena. Elas funcionavam como custódia para garantir que o acusado não fugisse e as provas eram obtidas por meio de torturas muitas vezes realizadas em público. Desta forma, o acusado

aguardava o julgamento e a pena subsequente, privado de sua liberdade, em cárcere (SALLA, 2006).

A pena privativa de liberdade passou a fazer parte do rol de punições do Direito Penal apenas no século XVIII. Neste sentido, Foucault (1999) aborda que a mudança de punição veio junto com as mudanças políticas da época. Com a queda do antigo regime e a ascensão da burguesia, a punição deixou de ser um espetáculo público, já que assim incentivava a violência, para uma punição fechada que seguia regras rígidas. Mudou-se o meio de se fazer sofrer. Deixou-se de punir o corpo do condenado e passou-se a punir sua alma. Com essa mudança acabou-se com as punições imprevisíveis e ineficientes do soberano sobre o condenado.

Segundo Carvalho Filho (2002), também no final do século XVIII, surgiram os primeiros projetos do que se tornariam as penitenciárias. Foi então, em 1777, que John Howard (1726-1790) publicou a primeira edição de *The State of Prisons in England and Wales* na qual fez uma crítica à realidade prisional da Inglaterra. Ele propôs uma série de mudanças, sendo a principal, a criação de estabelecimentos específicos para a nova visão de cárcere. Até então, os prisioneiros, lotados nas prisões de toda Europa e Estados Unidos, ficavam aguardando a punição e estas não possuíam infraestrutura ou eram pensadas na nova realidade punitiva.

O inglês Bentham (1748-1832) era adepto de uma punição proporcional. Ele dizia: “a disciplina dentro dos presídios deve ser severa, a alimentação grosseira e a vestimenta humilhante”, porque todo esse rigor servia para mudar o caráter e os hábitos do delinquente. Em 1787, ele escreveu “Panóptico”, concebido como uma penitenciária modelo, que é um conceito em que um vigilante conseguia observar todos os prisioneiros sem que estes o vissem. A prisão seria uma estrutura circular, com as celas em sua borda e o meio onde se encontra a torre com um vigia “onipresente”.

Foucault (1999) usava o termo panóptico como uma metáfora para as sociedades ocidentais modernas e sua busca pela disciplina. No modelo panóptico, não são necessárias grades, correntes ou barras para a dominação dos presos. A visibilidade permanente é uma forma de poder própria. Segundo esse autor, não só as prisões evoluíram conforme esse modelo, mas todas as estruturas hierárquicas como escolas, hospitais, fábricas e quartéis.

De acordo com Salla (2006), na virada do século XVIII e início do século XIX, surgiram na Filadélfia, os primeiros presídios que seguiam o sistema celular ou

sistema da Filadélfia. Tratava-se de um sistema de reclusão total, no qual o preso ficava isolado do mundo externo e dos outros presos em sua cela, que além de repouso servia para trabalho e exercícios.

Rates (2000) lembra que, em 1820, surgiu outro sistema nos Estados Unidos, conhecido como “Sistema Auburn” ou “Sistema de Nova Iorque”. Esta continha certa similaridade com o sistema da Filadélfia, a reclusão e o isolamento absoluto, mas nele a reclusão era apenas durante o período noturno. Durante o dia, as refeições e o trabalho eram coletivos, todavia, impunha-se regra de silêncio. Os presos não podiam se comunicar ou mesmo trocar olhares, a vigilância era absoluta.

2.2 As Prisões no Brasil

Segundo Fabrinni (2010), no Brasil houve uma reforma prisional nos moldes europeus que o incluiu no rol das nações ditas “civilizadas”. Tal reforma foi muito mais uma adaptação dos paradigmas jurídicos e penais do velho mundo para as necessidades e particularidades da sociedade escravista do século XIX, do que necessariamente uma mudança. Assim, como quase tudo no Brasil, a modernização do aparato prisional brasileiro não se deu por meio de uma mera cópia fiel dos modelos europeus, mas se apresentou de maneira particularizada, caracterizando-se pela mistura de padrões entre o modelo moderno liberal e o tradicional escravocrata.

Com base nas execuções penais nº 7.210/84, Salla (2006) classifica os estabelecimentos prisionais do Brasil em cinco tipos fundamentais:

- a) **Penitenciária** – destinada aos condenados à pena de reclusão, em regime fechado (Art. 87);
- b) **Colônia Agrícola, Industrial ou Similar** – estabelecimentos construídos para os presos de justiça, cujo cumprimento da pena seja em regime semiaberto (Art. 91);
- c) **Casa do Albergado** – destina-se aos presos de justiça, cujo cumprimento de pena privativa de liberdade seja em regime aberto e a pena de limitação de final de semana. Nesses estabelecimentos, os presos trabalham normalmente durante o dia e recolhem-se à noite (Art. 93);

- d) Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico** – são estabelecimentos destinados aos inimputáveis e seminimputáveis (Art.99), ou seja, as pessoas portadoras de doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, desde que comprovado que o agente era portador dessa doença quando da prática da transgressão criminal, e que era inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato (Art.26);
- e) Cadeia Pública** – estabelecimentos prisionais próximos de centro urbano destinado a presos provisórios, ou seja, antes da sentença condenatória definitiva (Art.102).

Os lugares ou estabelecimentos de segregação de indivíduos são conhecidos, atualmente, como cárcere, cadeia, presídio, penitenciária, casa de detenção, custódia ou prisão. Antigamente, outros nomes eram empregados como: enxovia, aljube, masmorra, calabouços, ergástulos, dentre outros. Estes se dividem em uma série de repartições: estabelecimentos penais, estabelecimentos polivalentes, estabelecimentos para jovens, adultos e idosos, presidiários, penitenciários, médico-penais, assistenciais e conjuntos penais (SALLA, 2006). Há penitenciárias de segurança máxima especial, de segurança máxima, de segurança média, colônia agrícola, casa do albergado, centro de observação, hospital de custódia e de tratamento psiquiátrico, presídio, cadeia pública, estabelecimentos mistos, patronatos e conselhos da comunidade.

Nesse contexto, Fabrinni (2010) explica que os estabelecimentos penais são todos aqueles utilizados pela justiça com a finalidade de alojar os presos, quer provisórios ou condenados, ou ainda, aqueles que estejam submetidos à medida de segurança. Estabelecimentos polivalentes são os recintos penais que, de acordo com as necessidades locais, possuem seções, módulos ou anexos com destinações diversas. Eles abrangem, pelo menos, as finalidades próprias do estabelecimento principal, para homens e mulheres (jovens, adultos ou idosos). Estabelecimentos penitenciários são os recintos penais destinados ao recolhimento de presos condenados à pena privativa de liberdade. Conjunto penal é onde está a reunião, em um mesmo lugar, de mais de um estabelecimento penal autônomo.

As penitenciárias podem ser: de segurança máxima especial, que diz respeito ao estabelecimento penal destinado a abrigar o preso condenado, em regime fechado, dotado apenas de celas individuais. A de segurança máxima difere desta

somente no sentido que indivíduo pode estar lotado em celas individuais ou em celas coletivas. A de segurança média é o estabelecimento penal destinado a angariar preso condenado em regime semiaberto, dotado de alojamentos coletivos.

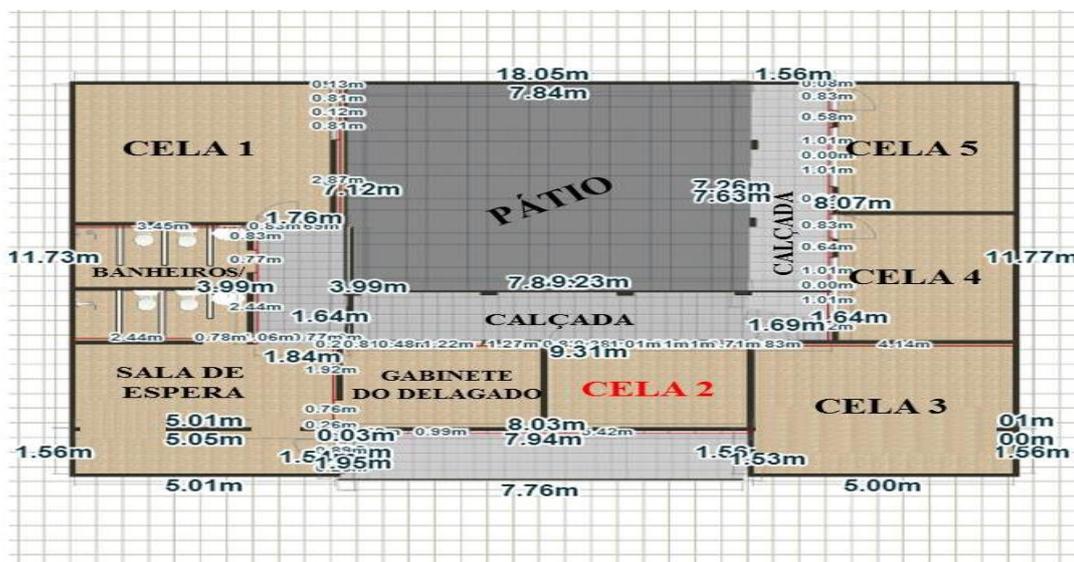
Rates (2000) afirma, também, que a prisão é uma medida coagente, de força e acima de tudo um sacrifício da liberdade individual, mas reclamada pelo interesse social, porque existem indivíduos que não podem ficar em liberdade.

2.3 História da Penitenciária Tenente Zéca Ruben

A Penitenciária Tenente Zeca Rúben localiza-se na Rua Avelino Freitas – Centro, cidade de São Raimundo Nonato – PI. Ela foi construída por meio de um convênio do Governo do Estado do Piauí, sob a administração de Helvídio Nunes e a prefeitura municipal da referida cidade comandada por Newton de Castro Macêdo. Teve sua inauguração no dia 31 de agosto de 1967 (FIGURA 3 e 4).

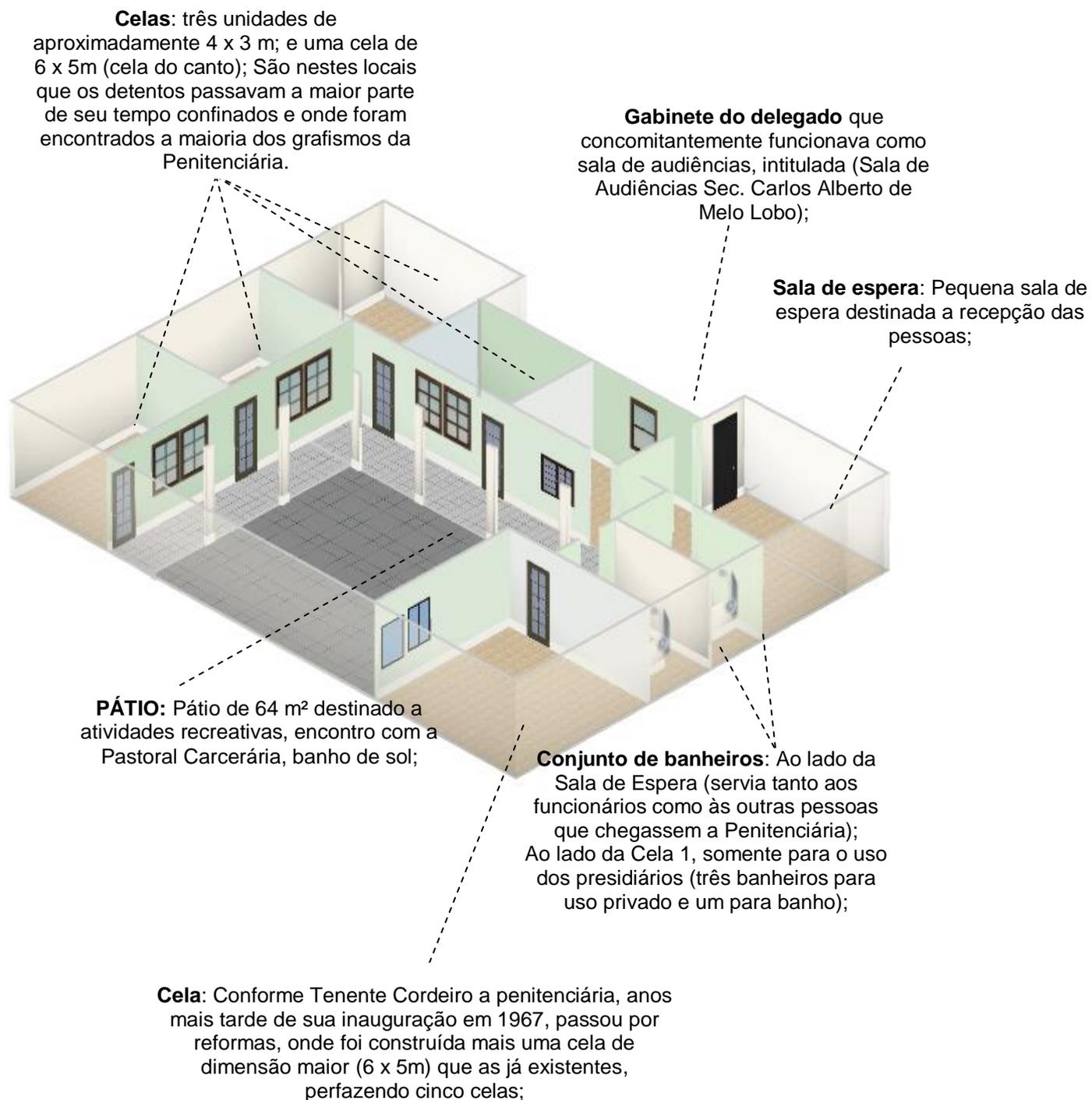
O prédio da penitenciária é uma estrutura quadrangular (FIGURA 1 e 2) composta por: gabinete do delegado; sala de espera; pátio; celas; conjunto de banheiros.

Figura 1: Planta baixa da penitenciária



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Figura 2: Penitenciária em 3D, vista lateral e dos fundos.



Fonte: Elaborada pela autora (2015; 2016; 2017).

De acordo com relatos orais de Atenágoras Araújo⁸, último delegado da penitenciária, no período de 2003 a 2007, um dos principais motivos que levou a construção da Penitenciária, foi a disposição geográfica do antigo quartel da Companhia de Polícia Militar de São Raimundo Nonato, construído em fins da década de 1950.

O quartel localizava-se diante da praça Júlio Paixão, popularmente chamada, até os dias atuais, de Praça do Relógio, tida na época como principal polo comercial da cidade, rodeado de feiras, lojas e tráfego de pessoas. A rua do quartel também era ponto de passagem para Igreja Matriz, de tal modo que as senhoras, damas, esposas dos coronéis, ao transitarem para catedral, acabavam sendo vítimas de insultos e chacotas por parte dos presidiários, que se escoravam nas pequenas grades das janelas expostas. Por isso, pensou-se em um local mais “apropriado” e estratégico para a instalação da penitenciária. Ela deveria funcionar em uma rua isolada e incólume de movimentação de pessoas, ainda que fosse no centro da cidade. Mesmo assim, com o passar dos anos e em virtude da expansão econômica, a rua que se instalaria a nova penitenciária tornou-se um importante ponto comercial para a cidade.

Enquanto se efetivava a construção da Penitenciária Tenente Zeca Rúben, os presidiários do antigo quartel foram transferidos, temporariamente, para uma delegacia improvisada, onde atualmente funcionam, concomitantemente, o Instituto de Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN) de São Raimundo Nonato e o Núcleo de Extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Já o antigo prédio do quartel foi utilizado como açougue municipal, sendo reformado anos depois para abrigar o Fórum de Justiça; mais tarde, a sede da Prefeitura Municipal; e, atualmente, a Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer, e a Sala do Empreendedor.

⁸ Informação obtida durante entrevista realizada no dia 18 de setembro de 2014, na delegacia da mulher.

Figura 3: Placa da inauguração da penitenciária



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Figura 4: Fachada da Penitenciária Tenente Zeca Rúben



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

A penitenciária recebeu a designação de Tenente Zeca Rúben para homenagear o personagem Zeca Rúben que, segundo tenente Moreira⁹, era um homem de família rica e tradicional de São Raimundo Nonato. Diz-se que teve seu título de tenente comprado, possivelmente no Rio de Janeiro, enquadrando-se nas chamadas “patentes compradas”.

Ainda, em conformidade com o tenente Cordeiro, um dos primeiros delegados da aludida penitenciária da década de 1970, tenente Zeca Rúben era um homem malfazejo, conservador e rígido. Ele matava e batia sem piedade. Faleceu atropelado por um trem, na cidade do Rio de Janeiro.

Em seus primórdios, a penitenciária foi administrada pelo capitão Geraldo de Sousa Ganso, popularmente conhecido como “capitão Ganso”, que efetivava as prisões, tomava conta de outras diretrizes e demais questões afetas ao universo prisional. Ele atendia praticamente toda a região sudeste do Piauí, em virtude de vários municípios estarem sob a jurisdição de São Raimundo Nonato. Nesse período, a penitenciária recebia poucos presos, comportando dois ou três homens no máximo por cela. Isso se dava pelo fato de não existirem tantos crimes e delitos; ou porque as questões eram resolvidas de acordo com a justiça individual das pessoas. Além disso, somente homens eram presos, e estes ficavam trancafiados integralmente nas celas.

De acordo com o tenente Cordeiro, os detentos não tomavam banho de sol, nem faziam atividades físicas ou de lazer. Eles recebiam alimentação levada por familiares, tomavam um banho que, geralmente, acontecia ao meio-dia; e após isso eram recolhidos para suas celas. Como se tratava do período ditatorial, o tratamento dado aos presos era mais severo, seguindo metodologias da imposição, do medo e do castigo. Logo, os detentos passavam a respeitar os militares.

O fato é que, desde a sua construção (na ditadura militar) até o fim da sua vigência, em outubro de 2007 (no período democrático), exatamente 40 anos, funcionou como delegacia e casa de milícias, para cumprir as operações básicas de penitenciária e unidade prisional. Foi ponto de resguardo de detentos em regime fechado ou semiaberto, prestação de queixas e reduto estratégico militar.

⁹ Informação obtida por Francisco Moreira Viera (Tenente Moreira), delegado da Penitenciária na década de 1990. (Entrevista realizada no dia 16 de setembro de 2014, em sua residência).

Desde 2007, a penitenciária esteve fechada; e seu espaço físico, com o passar do tempo, foi sendo modificado pela ação das chuvas, do vento, do calor e pela falta de manutenção; evidenciados por paredes desmoronadas ou desgastadas, repletas de cupins e outras pragas; tetos infiltrados e pátio coberto por vegetação. Possivelmente, desde a sua desativação, o local fora pouco frequentado, salvo as vezes em que, no ano de 2014, comecei a fazer o levantamento dos desenhos e murais de palavras presentes nas celas, resultando em meu trabalho de conclusão do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial. Assim, este local, em momentos próximos do presente, que vão se tornando passado rapidamente, torna-se espaço de trabalho para mim e outros pesquisadores, que queiram estudá-lo. Além disso, a penitenciária já é alvo de expectativas para o futuro, uma vez que foi autorizada, neste ano de 2017, sua reforma, ampliação e transformação em centro cultural multidisciplinar, onde abrigará aulas de música, instrumentos musicais, dança, teatro e outras manifestações culturais típicas da cidade de São Raimundo Nonato.

Assim, este mesmo espaço, outrora reservado para aprisionar e resguardar detentos, 47 anos mais tarde serviu de fonte de estudo para Arqueologia. Percebe-se que será um novo espaço ressignificado, pois permitirá que grupos culturais da região tenham um local para estudar, treinar e se apresentar. Neste sentido, pode-se dizer que um novo lugar já existe, uma vez que já foi idealizado, projetado e imaginado para fins artístico-culturais.

3

NAS PAREDES DA MEMÓRIA: UM MUNDO ALÉM DAS GRADES

“Não pense que é pretensão minha, mas eu penso que tudo que vive, tudo que respira, tem uma história para ser contada, por mais insignificante que seja, porque fica gravado nas paredes da Memória e, às vezes, essas histórias vão parar no museu do esquecimento. Porém tem sempre alguém que acessa esse arquivo, o resgata e o torna vivo. É nisso que eu tenho que acreditar. Deus nos deu essa incrível máquina humana (...) e esse mundo que me foi dado para viver é um mundo cão.”
(SANT’ANNA, 2014, p. 29).

Certa vez ao ler o livro “Cartas de um Detento”, deparei-me com essa passagem escrita por Marcos, quando ele estava preso. Mesmo não estando implícito o termo “Arqueologia” e suas variáveis, foi uma das definições mais simples e ao mesmo tempo completa para classificar essa disciplina, ciência ou como queira defini-la, que eu já li. E é que sabemos muito bem da dificuldade que nós arqueólogos enfrentamos para conceituá-la.

De fato, tudo que vive e respira tem uma história para ser contada. Mas também, tudo que é criado, modificado, significado e/ou ressignificado por este ser, em outras palavras, a cultura material e as paisagens culturais são dotados de história, vivência, sentidos e experiências. Na maioria das vezes, grande parte

desses vestígios acabam caindo no “Museu do Esquecimento” ou cobertas pela poeira do tempo.

Como Marcos disse, tem sempre alguém que acessa esse arquivo, o resgata e o torna vivo. Entende-se que o trabalho do arqueólogo vai muito além de encontrar e analisar artefatos e estruturas, já que as histórias dos vestígios arqueológicos não terminam com a deposição, mas continuam até os dias atuais. As atividades de descoberta, interpretação, arquivamento e exibição são tidas como relevantes no estudo do processo de vida da materialidade. Adotar esta linha de pensamento permite que compreendamos como esta materialidade se desdobra no presente e se estende tanto para o passado, quanto para o futuro (HOLTORF, 2002).

Conforme Thomas (2004), nosso mundo é um palimpsesto de temporalidades, de vestígios e resíduos das coisas, o passado, os fenômenos de hoje e as possibilidades para o futuro. Este “mundo” tornou-se fonte de estudo do pensamento arqueológico, embora somente nas últimas décadas, com o advento da Arqueologia do “passado contemporâneo”, o passado mais recente (século XX e XXI) ganhou visibilidade. Basicamente, a Arqueologia, na atualidade, concentra-se no estudo da cultura material e das paisagens culturais em todos os aspectos da experiência humana, como elementos culturais da pré-história, da história, além de cruzar com pesquisas interdisciplinares que envolvem patrimônio, arte, gênero, etnografia, história moderna, até ambientes de repressão, resistência, combate, morte, prisão, caracterizados pela Arqueologia da Repressão¹⁰.

O estudo arqueológico nas prisões, em penitenciárias, ainda é pouco frequente. Esporadicamente arqueólogos escavam prisões submersas, como foi o

¹⁰ "A Arqueologia da Repressão e a Resistência é um campo de estudos de alcance internacional, multi-temática, que amplia seu campo de investigação para além dos contextos de resistência, combate, prisão, juízo, tortura, morte e desaparecimento de pessoas nos períodos repressivos. E engloba a materialidade inerente a construção de mecanismos de poder diretamente relacionados, ou não, aos aparatos repressivos, como forma de compreensão ampla das ações dos governantes e lideranças, bem como do próprio campo científico dialógico aos mesmos. Abarca os estudos do silêncio, da repressão relativa a indivíduos, grupos e temas específicos, não apenas no que se refere os opositores políticos dos regimes, mas também a outros profissionais (cientistas, professores universitários, escritores, periodistas, entre outros) atuantes no período, em especial dentro do campo da Arqueologia. Busca, finalmente, trabalhar na divulgação do tema, como no estabelecimento de diálogos entre os diversos discursos sobre os contextos repressivos, nacional e internacionalmente" (POLONI, 2014).

caso de uma prisão do século XIX, descoberta sob um estacionamento próximo a Casa Estadual de Rhode Island¹¹, Estados Unidos; a escavação da Penitenciária de Port Arthur¹², no Texas; a investigação da *Spike Island* em Alcatraz, Irlanda, que é uma fortaleza da era napoleônica, convertida em prisão de condenação, em 1884, trabalhada no *Spike Island Archaeological Project*¹³. Neste projeto, os arqueólogos estudaram o triângulo de relações entre condenados, seus detentores e a instituição; a cultura material da prisão, os edifícios utilizados para abrigar condenados e guardas, e a área do cemitério onde os prisioneiros foram enterrados. Além disso, uma pesquisa de *graffiti* nos edifícios remanescentes restantes foi realizada como um meio de acessar as atitudes dos condenados em relação ao seu encarceramento. Outro exemplo de estudo dos grafites, em contexto carcerário, são os do Quartel San Carlos em Caracas/ Venezuela, trabalhados por Rodrigo Navarrette e Ana Maria Lopez. “Num trabalho criativo, os autores expõem análises de diversas imagens produzidas por presos políticos nos anos de 1970 e 1980, além de caracterizar a metodologia do trabalho de campo feito por eles” (FUNARI; ZARANKIN e REIS, 2008).

¹¹ Arqueólogos que trabalhavam antes da construção de um shopping center desenterraram os restos de células de seis por dez pés e ainda menores salas de punição de 3,5 a seis pés. Uma conta de jornal contemporâneo descreveu o complexo da prisão e da prisão, conhecido como a Prisão Estadual de Rhode Island, prisão do século XIX, caracterizada por seu mau cheiro, superlotação e regime severo de confinamento solitário <Disponível em: <https://archive.archaeology.org/9711/newsbriefs/prison.html>>. Acesso em: 10 mai.2016

¹²No ano de 2016, a equipe de Arqueologia de Port Arthur completou a maior exploração arqueológica já realizada no local. A escavação ocorreu atrás da Penitenciária e focada na área de Ablutions (compreendendo blocos de lavagem e sanitários, galpões de abrigo, sala de dia e estaleiros de ginástica) e lavanderia (habitação de lavanderia, lojas, casa de banho e caldeira). A equipe passou 7 meses investigando características e depósitos associados com a franquia completa da história de Port Arthur (1830-77). <Disponível em: <http://portarthur.org.au/heritage/penitentiary-precinct-archaeological-excavation/>>. Acesso em: 10 mai.2016

¹³ O Projeto Arqueológico da Spike Island investiga a natureza da prisão convicta do século XIX. Na Irlanda e na Grã-Bretanha, o confinamento de longo prazo só se tornou o meio dominante de punição e controle social nas primeiras décadas do século XIX. Esse século foi crítico no desenvolvimento do moderno sistema prisional. A arquitetura de muitas das prisões construídas especificamente desse período reflete novas idéias sobre a natureza redentora do isolamento, disciplina e trabalho. As prisões eram expressões físicas dramáticas do poder estatal, mas também eram locais em que tal autoridade poderia ser contestada. Atrás da fachada proibida da instituição, existe a experiência individual do preso e dos guardas da prisão. Os depósitos de sub-chão em um bloco de prisão, as células de punição e as acomodações de guardiões têm potencial para produzir cultura material correlacionada com esses diferentes contextos. O site de um dos poucos edifícios prisioneiros propostos, desde que a "Prisão de Ferro" demolida também será escavada em temporadas futuras.

Percebemos que a Arqueologia tem se preocupado com os aspectos cotidianos amáveis do mundo contemporâneo, do lado obscuro da modernidade (ditaduras, violência, política, guerras, colonialismo), patrimônio alternativos, subalternos (RUIBAL, 2014), oferecendo diferentes perspectivas para se pensar sobre todos os elementos culturais das pessoas de um passado mais distante ao mais recente. Tendo em vista as limitações em se estabelecer os significados dos artefatos, objetos criados e utilizados pelos antigos ou pelo indivíduo contemporâneo, os arqueólogos desenvolveram recursos teóricos valiosos para quem estuda a cultura material. Dentro dessa perspectiva, como poderemos acessar, resgatar e tornar “visível” os grafismos deixados pelos presidiários na penitenciária em estudo? Quais teorias recorrer?

Ao longo do pensamento arqueológico, cada corrente teórica trouxe contribuições inestimáveis que permitiram à Arqueologia seu avanço e amadurecimento, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Se o histórico-culturalismo proporcionou à Arqueologia conceitos e procedimentos analíticos básicos para o entendimento da cultura material, a Arqueologia Positivista ou Processual foi proveitosa na geração de métodos, e o Pós-processualismo ou Arqueologia Interpretativa (SHANKS; HODDER, 1995) deu à disciplina uma densidade teórica nunca antes alcançada, reposicionando-a no cenário das ciências sociais (LIMA, 2011).

A necessidade de incorporação dos aspectos simbólicos, cognitivos, junto com a dimensão sensorial ao estudo da cultura material (GELL, 1998) expandiu possibilidades analíticas, abrindo caminho para a investigação do domínio até então praticamente inexplorado pela Arqueologia. Muitos destes aspectos receberam fortes contribuições da fenomenologia que trabalhada junto a Arqueologia, resulta no que conhecemos hoje como *Arqueologia Sensorial*¹⁴.

Nos últimos anos, a utilização da Fenomenologia, em estudos arqueológicos, tem sido um dos desafios teóricos mais provocativos da disciplina.

¹⁴ Arqueologia Sensorial busca entender a experiência humana por meio da compreensão de como se dá a relação entre os indivíduos e o mundo material, partindo do pressuposto de que da mesma maneira que os objetos suscitam sensibilidades eles são sensíveis aos modelos senso-culturais de um grupo (PELLINI, 2016).

As ideias, conceitos e discussões concedidos dessa corrente filosófica são empregados de duas maneiras: primeiro como fonte de reflexão crítica sobre o positivismo cartesiano e segundo como ferramenta hermenêutica para auxiliar a interpretação da cultura material do passado e do presente. Neste sentido, os trabalhos de Husserl (2000), Heidegger (2005), Merleau-Ponty (2011), como veremos nessa dissertação, dentre outros, têm estado em discussão com algum detalhe nesse crescente corpo de literatura, embora os críticos tenham questionado até que ponto as descrições do caráter da experiência humana específica para o mundo ocidental moderno podem corroborar com os estudos das sociedades passadas e ou contemporâneas, (GOSDEN; WEINER, 1996).

Conforme Brück (2005), a fenomenologia visa descrever o caráter da experiência humana, especificamente as formas em que apreendemos o mundo material por meio da intervenção direcionada em nossos arredores. A natureza e o significado da materialidade estão claramente no cerne do pensamento arqueológico, uma compreensão de como os seres humanos percebem e compreendem o mundo material é, portanto, crucial. Argumenta-se que o engajamento incorporado com o mundo material é constitutivo da *existência*. Em outras palavras, é por meio da realização de ações que possuem efeito no mundo, que realizamos nosso *ser*. Para uma disciplina que defende a centralidade social, cultural e ontológica dos objetos para as pessoas, as abordagens fenomenológicas fornecem claramente um antídoto para modelos abstratos que priorizam o papel da mente na cognição humana.

A Arqueologia fenomenológica tem tido destaque, particularmente na Grã-Bretanha, nos estudos da pré-história, período Neolítico, como foi o caso da publicação do livro *A phenomenology of landscape* de Christopher Tilley, em 1994, que provocou considerável interesse na comunidade arqueológica (BRÜCK, 2005). Baseando-se na fenomenologia para criticar os estudos tradicionais da paisagem como espaços neutros sobre o qual as atividades humanas são mapeadas, Tilley (1994) desenvolve uma abordagem inovadora para a interpretação das paisagens pré-históricas, argumentando que estas devem ser contextualizadas levando em consideração sua memória, significado, experiência pessoal e identidade. Este livro representa o primeiro volume completo sobre o assunto dentro da disciplina,

embora, ao mesmo tempo, Thomas (1993)¹⁵ e Gosden (1994) também tenham começado a discutir a relevância do trabalho de Heidegger (2005) para a Arqueologia. Assim, Tilley (1994) argumenta que, nós arqueólogos, precisamos nos reencontrar com os aspectos qualitativos da paisagem e da cultura material, explorando as formas em que os significados sociais e culturais são atribuídos aos lugares. Portanto, emprega a fenomenologia como uma metodologia, bem como uma filosofia, argumentando que ela pode fornecer um ponto de entrada em entendimentos passados, ou presentes do mundo material.

As abordagens fenomenológicas consideram o significado do indivíduo na teoria arqueológica recente, onde o papel do agente humano ativo e experiente em mudanças sociais, econômicas e políticas, tem sido um dos princípios primários da arqueologia pós-processual, desde a sua criação, no início da década de 1980, (HODDER, 1986; 2000). Esta foi uma maneira importante de desafiar a teoria dos sistemas desumanizados da arqueologia processual e de fornecer alternativas às abordagens deterministas ambientais. No entanto, com base na fenomenologia, Thomas (2002; 2004) argumenta que um foco no agente individual simplesmente reproduz os conceitos passados do pensamento racionalista, do pensamento pessoal para o pós-Iluminismo. O individualismo liberal, dos séculos XVIII e XIX, representou o “eu” como uma entidade delimitada e homogênea, claramente distinta dos outros e possuindo sua própria vontade (MAUSS, 1985; MORRIS, 1991, 1994).

Por muito tempo, o fazer arqueológico esteve voltado para uma perspectiva analítica, tipológica e cientificista. Os artefatos arqueológicos, a cultura material como um todo, eram estudados meramente por suas formas físicas, incluída em

¹⁵ O segundo expoente de maior destaque no desenvolvimento de abordagens fenomenológicas dentro da arqueologia é Thomas (1993a; 1993b; 1996; 2004). Thomas baseia-se na fenomenologia para desenvolver uma crítica sustentada e perspicaz do positivismo cartesiano. Ele argumenta que uma aceitação implícita do primado ontológico do mundo material está subjacente à maioria de escrita arqueológica. Tanto o Nova Arqueologia, que prioriza o registro objetivo de dados, e abordagens pós-processuais, que argumentam que as coisas podem ser interpretadas de diferentes maneiras, aceita a existência anterior do mundo material, embora, neste último caso, se argumentasse que o folheado cultural e o significado subjetivo é posto em cima da realidade física. Ele traça a história de dualismos, como mente-corpo, cultura-natureza e sujeito-objeto (THOMAS, 1996, 2002, 2004), estabelecendo-os firmemente dentro do quadro conceitual do racionalismo pós-moderno, (BRÜCK, 2005).

sistemas culturais, buscando-se padrões. Mais tarde, percebeu-se que as pessoas, dotadas de uma consciência e criadora dessas culturas, estavam sendo deixadas de lado e paradas no “Museu do Esquecimento”. Então, os Arqueólogos da geração 1980 entenderam que não só a cultura, mas a sociedade também deveria ser estudada em seus aspectos simbólicos, culturais e particulares. No entanto, algo ainda precisava ser modulado na relação sujeito e objeto, como por exemplo, suas vivências, experiências, seu modo de ver, sentir e estar no mundo.

Assim, respondendo aos questionamentos anteriores sobre como poderemos acessar e resgatar os grafismos deixados pelos presidiários na penitenciária, farei uso de conceitos e pensamentos da fenomenologia, a partir de autores como Husserl (2000), Heidegger (2005) e Merleau-Ponty (2011) aplicada à Arqueologia. Já que não pretendo apenas estabelecer as tipologias dos grafismos, classificando-os em temáticas ou encontrar padrões, estimativas; tampouco entender puramente como os símbolos se estruturam no espaço. Busco as relações entre sujeito (pessoas/detentos) e objeto (seus desenhos e murais de palavras), neste grau de simetria, de vivência e experiências dentro do espaço carcerário.

A fenomenologia está presente, aqui, porque se pressupõe que, no ato de desenhar e escrever nas paredes e tetos das celas está concebido ações cognitivas e perceptivas, emoções, fenômenos e sentidos. Talvez um dos fios mais produtivos das abordagens fenomenológicas, dentro deste contexto arqueológico, seja a contribuição, ainda que singela, na desconstrução do pensamento dualista processual do sujeito-objeto. É possível que somente vendo objetos, figuras, desenhos e inscrições como inanimados, possamos aderir a um modelo segundo o qual os seres humanos importam significado. Se, por outro lado, estamos aos poucos reconhecendo que artefatos, edifícios, monumentos e paisagens não só nos afetam, mas nos tornam quem somos; então nosso engajamento com o registro arqueológico é necessariamente um diálogo em que tanto os arqueólogos quanto os eixos, casas, prisões e outros ambientes culturais, que estudamos, são criados e transformados (JONES, 2002; TILLEY, 2004a).

3.1 Os caminhos da Fenomenologia

Antes de iniciar o conteúdo de fenomenologia, é importante deixar claro que não pretendo contemplar nesta dissertação a abrangência das obras, muito menos as inúmeras análises que as acompanham, dos principais expoentes da fenomenologia. São abordados, aqui, apenas aqueles aspectos relativos ao interesse deste trabalho a fim de ampliar a compreensão da aplicabilidade desta corrente teórica, junto a Arqueologia, nas interpretações dos sentidos dos grafismos da penitenciária pesquisada. De antemão, adianto que a fenomenologia husserliana e a pontyana serão as mais contempladas.

3.1.1 Caminhos da Fenomenologia em Husserl-Fenomenologia Transcendental

“Sou consciente de um mundo infinitamente estendido no espaço, infinitamente se transformando e tendo infinitamente se transformado no tempo. Eu sou consciente dele: isso significa, sobretudo, que intuitivamente eu o encontro imediatamente, que eu o experiencio. Pela minha visão, tato, audição, e assim por diante, e nos diferentes modos de percepção sensível, coisas físicas corpóreas com uma distribuição espacial ou outra estão simplesmente aí para mim, “à mão” no sentido literal ou figurativo, esteja eu ou não particularmente atento a elas e ocupado com elas em meu considerar, pensar e sentir ou querer. Entes animados também- entes humanos, vamos dizer – estão imediatamente aí para mim: eu olho; eu os vejo; eu os ouço se aproximarem; eu

aperto suas mãos; falando com eles eu entendo imediatamente o que os movem, o que eles desejam ou querem.” (Ideas I:27).

O final do século XIX foi marcado pelo declínio dos grandes sistemas filosóficos tradicionais, com o conseqüente deslumbramento pelo ideal de conhecimento das ciências da natureza. Aos poucos, ciências como a Psicologia e a Arqueologia, ainda que meio século mais tarde, passaram a adotar o modelo daquelas ciências, na tentativa de atender à exigência de objetividade trazida pelo positivismo¹⁶. A Psicologia conquistou prestígio nos meios filosóficos e parecia, para muitos, a chave para explicação da teoria do conhecimento e da lógica (ZILLES, 2007). Estas ideias receberam o nome de psicologismo, já que consideravam ser possível encontrar, em qualquer forma de conhecimento, atividades psicológicas.

Conforme Spohr (2009), nesta época, inúmeros autores trabalhavam com estes conceitos, entre eles, Brentano (1838-1917). O autor acreditava que era preciso formular uma nova concepção de psicologia e seu método. Tanto é que seu ponto de partida foi exatamente a questão acerca da possibilidade de analisar cientificamente os atos psíquicos de modo qualitativo (BELLO, 2004); e, por isso, Brentano privilegiou o dado empírico, centrando-se na descrição imediata dos fenômenos das experiências vividas (RAMON, 2006). Afirmava a distinção entre os fenômenos físicos e psíquicos, sendo que estes últimos comportavam o que ele chamou de “intencionalidade”, termo que mais se aproxima da fenomenologia, e que será explicitado posteriormente.

Brentano pretendia, com isso, afirmar o fenômeno psíquico como ato (intencional) ou atividade que está sempre dirigida para fora, para objetos

¹⁶ Criado por Auguste Comte no século XIX, o positivismo atribuía extraordinário valor ao conceito de razão e ao método científico como forma de conhecimento legítimo, tanto do mundo quanto do ser humano. Seus pressupostos enfatizavam a ciência como a única forma de conhecimento possível e o método científico como o único válido, devendo ser utilizado em todos os campos do conhecimento. Assim, somente seriam autênticos os conhecimentos advindos de fatos observados e que permitissem a elaboração de leis gerais regentes dos fenômenos naturais. Tais leis possibilitariam a previsão dos fenômenos e, por isso mesmo, facilitariam o controle, a interferência e a transformação da realidade por parte do homem.

exteriores. Por meio da percepção interna seria possível intuir o estado psíquico, que é sempre verdadeiro; afinal, não há como duvidar de algo que se percebe em si mesmo. Neste caso, a consciência estaria dirigida para um objeto intencional imanente a ela, que não possui realidade para além dela, marcando que só há realidade na atividade da consciência.

Enquanto isso, em 1882, Husserl (1859-1938) concluiu seu doutorado em matemática na Universidade de Viena. Dois anos depois, em 1884, as histórias de Husserl e Brentano se cruzaram. Husserl foi a Berlim estudar com o Brentano; e, anos mais tarde, ainda às voltas com seus estudos matemáticos, mas já sob forte influência da filosofia, publica, em 1891, *Filosofia da Aritmética – investigações psicológicas e lógicas*. Nesta obra, ele próprio reconheceu e declarou sua “ingenuidade” ao tentar a “fundamentação da lógica matemática pela psicologia descritiva” (GOTO, 2007).

Frege (1972) considera, em “favor da tese antipsicologista¹⁷” que para Husserl era preciso “distinguir entre as leis naturais e as leis normativas do pensamento”, afinal, “o psicologismo [...] estava subordinado às leis da natureza e da causalidade e, neste sentido, não poderia fundamentar as leis apriorísticas” (GOTO, 2007). Fato que fez Husserl (1900) compor a obra “*Investigações Lógicas*” (1900) que, segundo Goto (2007, p.40), “consistiu em um texto de superação da tese psicologista e objetivista no estudo da lógica”; e que inaugurou o projeto da fenomenologia filosófica, na Alemanha, no início do século XX, como uma proposta de reflexão sobre os fenômenos da consciência.

3.1.1.1 Mas o que é Fenomenologia?

¹⁷ O antipsicologismo de Frege é somente a contraparte negativa de seu projeto filosófico fundamental, de seu logicismo: todo vigor de seu pensamento esteve sempre voltado à sua intenção de reduzir a aritmética à lógica. E a fundamentação da aritmética em bases puramente lógicas exige, como um preceito metodológico inegociável, uma radical e precisa distinção entre conceitos envolvidos na demonstração das verdades aritméticas, as razões que fundamentam as inferências, em oposição àqueles conceitos envolvidos nas explicações causais referentes aos processos subjetivos de raciocínio (psicologismo), ou a quaisquer outros elementos que possam estar envolvidos de alguma forma nas atividades aritméticas, mas que não exercem nenhuma função positiva com relação à justificativa racional do cálculo (formalismo, fisicalismo, indutivismo). (PRADO, 2012).

O termo “fenomenologia” é uma combinação de palavras gregas *phainomenon* e *logos*. Significa a atividade de dar conta, fornecendo um *logos*, de vários fenômenos, dos vários modos em que as coisas podem aparecer. Por fenômenos (*phainomena*), quero dizer aqui, por exemplo, retratos ou desenhos em vez de simples objetos; eventos lembrados por um presidiário, em vez de antecipados; objetos imaginados em vez de percebidos, objetos matemáticos, como triângulos e formas, em vez de seres vivos; palavras, em vez de vestígios arqueológicos; ou ainda, realidade política ao invés de economia. Todos estes fenômenos podem ser explorados, quando percebemos que aquela consciência é consciência “de” algo, que não está bloqueada dentro de seu próprio gabinete. Em contraste com a prisão espasmódica do cartesianismo¹⁸, do hobbesianismo¹⁹ e da filosofia do conhecimento lockiana²⁰, a fenomenologia liberta (SOKOLOWSKI, 2014). Portanto, a palavra “fenomenologia” significa “o estudo dos fenômenos”, em que a noção de um fenômeno e a noção de experiência, de um modo geral, coincidem. “Prestar atenção à experiência, em vez de àquilo que é experienciado, é prestar atenção nos fenômenos” (CERBONE, 2014, p.23).

Conforme Sokolowski (2014), o termo mais proximamente associado com fenomenologia é “intencionalidade”.

¹⁸Cartesianismo é uma forma de racionalismo derivado do pensamento do filósofo René Descartes. Ele sustenta-se no dualismo mente-corpo, em que a essência da mente é pensar e a do corpo ou matéria é existir em três dimensões. O cartesianismo propõe a aplicação do que Descartes chamou de “método cético”, com o qual ele procurou demonstrar que o homem é essencialmente uma coisa pensante e que a mente é essencialmente diferente do corpo. Assim, na busca do conhecimento exato ou da verdade, os nossos sentidos corporais podem ser enganados, mas, segundo Descartes, mesmo nessa situação uma coisa permanece verdadeira: o fato de estarmos pensando. Daí vem sua famosa frase: “Penso, logo existo”. A tese cartesiana possibilitou a ideia de que o mundo pode ser visto sob uma perspectiva objetiva externa a ele, em que o observador pode ser neutro e passivo. O cartesianismo gerou importantes ramificações na ciência, assim como tem sido alvo de várias críticas, como as elaboradas pelo filósofo alemão Martin Heidegger.

¹⁹ Teoria política formulada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), que considera o poder de coerção do Estado como decorrente de um pacto entre os cidadãos, com a finalidade de controlar aspirações ilegítimas e manifestações beligerantes. [F.: Do antr. Thomas *Hobbes*].

²⁰ O conhecimento lockiano ou simplesmente Teoria do Conhecimento de John Locke (1632-1704), publicada em 1689, nada mais é a tentativa de Locke em realizar uma síntese acerca do conhecimento, do ângulo do empirismo Inglês, que deu sequência à crítica às metafísicas tradicionais do Nominalismo de William Ockham (1285-1347) e Duns Scot (1266-1308). O seu intuito era apresentar uma visão empirista do mesmo, que servisse de fundamento à concepção filosófica, mais ampla, sobre o homem e a política.

A doutrina nuclear em fenomenologia é o ensinamento de que cada ato de consciência que nós realizamos, cada experiência que nós temos, é intencional: é essencialmente “consciência de” ou uma “experiência de” algo ou outrem. (...). Toda nossa consciência está direcionada a objetos. Se nós vemos, vemos algum objeto visual, tal como uma árvore ou um lago; se nós imaginamos, nossa imaginação apresenta-nos um objeto imaginário, tal como um carro que visualizamos descendo a estrada; se nós estávamos envolvidos em uma recordação, recordamos um objeto do passado; se nós tomamos parte num julgamento projetamos uma situação ou um fato. Cada ato de consciência, cada experiência é correlata com um objeto. Cada intenção tem seu objeto intencionado. (SOKOLOWSKI, 2014, p.17).

É importante destacar que este sentido de “intencionar” ou “intenção” não pode ser confundido com o propósito que temos em mente quando agimos (“ele comprou madeira com a intenção de fazer um abrigo”; “Ela tinha a intenção de terminar o curso de arqueologia um ano mais tarde”). O conceito fenomenológico de intencionalidade aplica-se, primeiramente, à teoria do conhecimento, não a teoria de ação humana.

Segundo Sokolowski (2014), o uso fenomenológico da palavra é um pouco desajeitado, porque vai contra o uso comum, o qual tende a utilizar “intenção” no sentido prático. O uso fenomenológico quase sempre colocará em discussão o sentido da intenção prática como *implicação*. Assim, no decorrer da leitura deste trabalho, temos que fazer o ajuste e entender a palavra para significar, principalmente, intenções mentais e cognitivas, e não práticas. Já que na fenomenologia, “intenção” significa a relação de consciência que nós temos com o objeto.

Voltando para Husserl (2000), é interessante mencionar que não foi ele o filósofo responsável por cunhar o termo fenomenologia²¹, mas se sabe que foi ele que se esforçou, com muito rigor, para estabelecer o seu significado; e fazer da fenomenologia um método filosófico fecundo, tornando-a uma das matrizes do pensamento filosófico contemporâneo. É certo que as variações deste termo devem-se a ele, pois como afirma Ricoeur (2009, p.54), “ainda que a

²¹ O termo fenomenologia foi usado pela primeira vez pelo matemático e filósofo Jean Henri Lambert. Usou no quarto capítulo de sua obra *Nova Lógica* ao colocar o nome de Fenomenologia ou Teoria da aparência em 1763-1764. Kant também utilizou o termo em sua obra *Primeiros princípios metafísicos da ciência da natureza* (PIRES, 1979).

fenomenologia em sentido lato seja a soma da obra husserliana e das heresias que nasceram de Husserl, é também a soma das variações do próprio Husserl”.

Husserl (2006) preocupou-se incessantemente em fundamentar o conhecimento teórico na experiência, mas não a experiência no sentido lato; acontecimentos vividos na perspectiva de organismos conscientes (a humanidade, no caso), mergulhados em contextos incontornáveis (PILOTTO, 2012). Assim, defendeu que toda esfera de julgamento, e, portanto, todo o conhecimento, mesmo na mais reclusa de suas respectivas áreas, só pode encontrar razão, na experiência.

Desta maneira, de acordo com Cerbone (2014), Husserl (2000) concebeu a fenomenologia como uma investigação transcendental²² cuja questão orientadora está em volta de como é possível para a consciência atingir ou contatar um objeto. Husserl (2000) considera que consciência e objeto não são entidades separadas, mas eles se definem a partir dessa relação, devido ao caráter intencional da consciência: a consciência é sempre “*consciência de*” e o objeto é sempre “*um objeto para a consciência*”. Sem essa relação, não há nem consciência, nem objeto. Por isso, a consciência é a única fonte do conhecimento.

Ao unificar a consciência e o objeto, a intencionalidade da consciência atribui um sentido ao fenômeno que se apresenta (HUSSERL, 2006). Em outras palavras, nós não temos acesso direto aos objetos e às coisas do mundo; nós só temos acesso a eles sob a forma de fenômenos que se apresentam à consciência, e dotados de um sentido. A consciência deixa de ser vista como uma caixa que contém as coisas do mundo, e passa a ser concebida como consciência dirigida ao mundo.

²² O conceito de *constituição* é fundamental para a ideia da fenomenologia transcendental de Husserl. Na sua acepção mais simples, a constituição transcendental significa que o que me aparece, aparece-me enquanto algo. Este <<enquanto>> pode ser posteriormente diferenciado num <<quê>> ou em um <<como>> ou ainda num <<que>>- segundo Husserl, em um sentido (Sinn) e modo de ser (Seinweise) ou validade ontológica (Seinsgeltung) do objeto intencional. O sentido de algo que aparece testemunha o processo de formação de sentido (Sinnbildung); A formação de sentido e a justificação de validade são maioritariamente processos de incrementação, realizados preferencialmente na forma de uma experiência sintética própria, pertinente e coerente, das determinações <<enquanto que>> da objetividade unitária que aparece. Assim, na sua concepção mais simples, a constituição transcendental enfatiza o entrelaçamento ou a *correlação* da experiência subjetiva, por um lado, e a determinação do objeto e modo de ser por outro. (*Tradução da versão inglesa- Transcendental Phenomenology? – de Nuno Melim, 2013*).

Conforme Silvestre (2010), a noção de intencionalidade da consciência, por exemplo, na forma como é abordada pelo pensador alemão, pode ser entendida como uma noção-chave que, embora sejam tratadas, em alguns casos, apenas como adereço supérfluo, vazio de significado, se constitui como um conceito indispensável à adequada compreensão do método fenomenológico. Além disso, o conceito de intencionalidade, herdado diretamente de Brentano, serviu de fio condutor para as pesquisas husserlianas desde sua proximidade com o psicologismo até seu radical afastamento.

Este conceito teve implicações profundas para a filosofia, já que reformulou o sujeito do conhecimento. Neste sentido, a intencionalidade abriu a possibilidade da consciência se relacionar diretamente ao mundo, assentando, definitivamente, o problema do conhecimento como um campo de investigação a ser transcorrido (MOURA, 2007). Ela permite a apreensão do sentido do fenômeno e, com isso, o acesso ao domínio dos vividos. Husserl (2006) diz que:

O mundo material não é uma parte qualquer, mas a camada fundamental do mundo natural, à qual todo outro ser real está essencialmente referido. O que ainda falta a ele, são as almas dos homens e dos animais; e o que trazem de novo é, antes de tudo, o seu 'vivenciamento', junto com a referência, na forma de consciência, ao mundo que os circunda "(HUSSERL, 2006, p. 94).

Assim, Husserl (2000) propõe a atitude fenomenológica como meio para a contemplação²³ das intencionalidades da consciência e, conseqüentemente, de suas vivências.

3.1.1.2 Vivenciamento Carcerário em Edmund Husserl

Etimologicamente, vivência deriva do grego *viventia*, que significa "o fato de ter vida". Bello (2005), partindo de uma leitura fenomenológica desse conceito, conforme proposto por Husserl (2000), concebe a vivência como se referindo a

²³ Contemplação, aqui, é entendida como a ausência de preocupações racionais.

atos psíquicos pertencentes à estrutura própria de todo ser humano, tais como a percepção, a reflexão, a lembrança, a imaginação e a fantasia. Trata-se de atos universais, com conteúdo absolutamente diverso, acompanhado pela consciência, os quais se remetem a três dimensões humanas: corpo, psique e espírito, este último entendido enquanto produção do pensamento.

(...) A rotina parece fazer parte do tempo e a esperança de sair daqui me anima um pouco. É comum pensar no que está acontecendo lá fora, coisa que nunca deixo de me preocupar, mesmo sem saber por quê. É impossível fazer algo entre grades e muros, ou algo que satisfaça. Mas nada aqui me satisfaz (...). Concordo agora que enquanto se tem ao menos saúde, há coisa melhor de se fazer antes de lamentar desta vida. No dia anterior só conseguia me lembrar da dor que não me deixava pensar ou fazer mais nada. Comparo esta situação a 11 meses de prisão, sei que isto aqui é um mundo totalmente a parte, e não tem nada a ver com o resto do mundo. Aqui me sinto fechado às minhas percepções ou algo parecido. Imagino-me um pássaro preso a uma gaiola. As vezes procuro esquecer que estou numa cela, lendo ou escrevendo qualquer coisa, pensando na vida futura, tentando controlar os impulsos, lembranças, desejos, aspirações reprimidas. De qualquer forma existem grades, muros com fios elétricos e soldados armados para me conterem fisicamente; espiritualmente creio que vou a muitos lugares através dos 'sonhos', apesar de me serem claros quando acordo." (JUNQUEIRA, 1994, p.23).

Neste trecho de Itamar Junqueira, percebemos que, fisicamente, no vazio de sua cela, o espaço carcerário não o possibilita fazer coisas das quais o satisfaça. No entanto, espiritualmente, sua mente traz à tona as vivências de todo um passado, e a projeção de um futuro ao deixar a prisão, levam-no para outros lugares por meio dos sonhos, das lembranças, das recordações do mundo que está além das grades.

A cada instante de nossa vida, estamos ativando vivências. Por exemplo: a percepção de um objeto nos evoca à lembrança de uma situação anterior, que nos permite apreendê-lo; desencadeia em nossa mente uma resposta emocional no instante em que nos deparamos com ele, podendo despertar uma fantasia, e assim por diante. Por conseguinte, as vivências se dão de modo processual, estão em movimento, tais como a perspectiva de um caleidoscópio, cuja alteração em um de seus componentes afeta o todo. Sua importância reside na constituição da

subjetividade do homem e, conseqüentemente, na sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, pois se trata de um elemento fundamental do ser humano na sua estruturação de mundo.

Assim, para que a vivência se realize é fundamental que a comunicação do ser vivo com seu mundo circundante seja acompanhada do que Lersch (1971) chama de um “dar-se conta”. Pressupõe-se que para que um indivíduo vivencie algo, ele necessita estabelecer uma comunicação ou uma conexão com seu mundo circundante, não apenas no sentido racional, mas “escaladamente, como primeira apreensão sensorial, como percepção consciente e como apreensão intelectual” (LERSCH, 1971, p.12).

A fenomenologia considera que não há diferença entre ilusão e percepção em termos de conteúdos vividos, mas sim no caráter co-originário dos atos intencionais. Nesse sentido, Husserl (2000) afirma que:

(...) são vivências ou conteúdo de consciência as percepções, as representações da fantasia e as representações de imagem, os atos do pensamento conceitual, as suposições e dúvidas, as alegrias e as dores, as esperanças e os temores, os desejos e as volições, e coisas semelhantes, tal como têm lugar na nossa consciência. E, com essas vivências na sua totalidade e plenitude concreta, as partes e momentos abstratos que as compõem são também vividos, as partes e os momentos abstratos são conteúdos de consciência reais. Naturalmente, de pouco importa se as partes em questão são, por si mesmas, articuladas de algum modo, se elas são delimitadas por atos que lhes estejam referidos, e, especialmente, se elas são, por si mesmas, objetos de percepções “internas”, que as captem na sua existência de consciência, e se, de um modo geral, elas o podem ser ou não (HUSSERL, 2008, p.379).

Dentro desse universo, como se dá a superação da atitude natural e, por conseguinte, a consciência pura entrelaçada ao fluxo de vivências dos presidiários da Penitenciária Tenente Zeca Rúben? Os grafismos deixados nas paredes das celas seriam produtos do processo de vivenciamento dos seus autores? Os desenhos de armas, de mulheres nuas, Jesus Cristo, borboletas voando representariam aspirações de poder, sexo, religião e liberdade, nestes exemplos oriundos de sua intencionalidade consciente?

Supondo que a consciência pura e intencional dos presidiários seja imaginar, recordar, sonhar um mundo além das grades, que os desenhos e murais de palavras escritos nas paredes das celas sejam resultado destes processos psíquicos, a vivência pode ser entendida como a ressonância ou o impacto que se dá na subjetividade do preso a partir da interação entre a consciência e a realidade. Além disso é reflexiva, no sentido de ser anterior a qualquer elaboração racional, referindo-se, por conseguinte, ao nível do imediato.

Diferentemente, a experiência do que já foi vivido implica um juízo, uma reflexão, um elemento cognitivo mais forte que a vivência não possui. Entretanto, a vivência, e, portanto, os grafismos são elementos constitutivos da experiência, sem a qual não há experiência, mas um mero conhecimento intelectual, enquanto reprodução irrefletida da realidade.

3.2 Fenomenologia Pós-Husserl

Os mais famosos praticantes da fenomenologia após Husserl, conforme Brück (2005), foram Heidegger (1889-1976), Sartre (1905-1980) e Merleau-Ponty (1908-1961). Esses estudiosos são, com frequência, referidos como fenomenólogos “existenciais”, como opostos a puros e transcendentais. Apesar das muitas diferenças dentre suas respectivas concepções, o compartilhamento do qualificador “existencial” indica uma suspensão partilhada concernente à legitimidade da redução fenomenológica, ao menos como entendida por Husserl (CERBONE, 2014).

3.2.1 Dasein, Cotidiano e Espaço

Heidegger, que foi aluno de Husserl, expôs em sua obra *Ser e Tempo*, que sua investigação seguia o método fenomenológico. No entanto, diferentemente de seu mestre, esse procedimento não se concentrava na investigação do fenômeno segundo sua manifestação à consciência. A fenomenologia de Heidegger (2005)

trata o modo como o real se manifesta; o que, a rigor, significa como o ser das coisas aparece e se dá.

Para Heidegger (2005), a fenomenologia é subordinada ao que ele chama “fenomenologia fundamental”, que está centrada na “questão do ser”; em outras palavras, o que significa para qualquer coisa *ser*. Esta discussão, presente em sua obra *Ser e Tempo*, é considerada por ele a questão filosófica mais fundamental, e ao mesmo tempo aquela que a tradição filosófica ocidental tem tido uma vergonhosa tendência em negligenciar: o ser é tratado como “o conceito mais universal”, como “indefinível” ou mesmo como “auto evidente”.

O acesso à questão do ser, segundo Heidegger (1977), se dá pela análise da estrutura ontológica do único ente definido, na sua constituição essencial, pela existência. Existência que é, por sua vez, caracterizada pelo fato de lhe pertencer uma “compreensão mediana do ser”, e não um “conceito explícito” do ser mesmo (HEIDEGGER 1977, p.11). Este ente é o que ele denomina de “*dasein*”²⁴, nesse caso, devemos, inicialmente, dizer que somente as pessoas possuem o modo de ser-no-mundo; apenas elas possuem um mundo, ou melhor, *são* mundo; os outros entes, as coisas, *estão* simplesmente “no mundo”.

A estrutura ontológica do *dasein*, ou seja, o seu específico modo de ser que consiste na existência, caracteriza-se pelo fato de colocar o problema do ser. Sendo assim, para afrontar o problema do ser é necessária uma análise preliminar daquela estrutura: uma “analítica existencial” do modo de ser do *dasein*. Esta análise caracteriza a ontologia como “fundamental”, diferentemente das “ontologias regionais”, que são relativas ao ser de entes diversos daquele que tem o modo da existência, o *dasein*. O primado ôntico e ontológico do ente existente, que coloca o

²⁴ O termo *dasein* é composto de duas palavras: *Da* e *Sein*. Literalmente significa “existência”. Comumente traduzimos *Da* por *aí* (os franceses o traduzem por *là*). O *aí* traduz o *Da* como advérbio de lugar, porém, segundo Biemel, na terminologia heideggeriana o *Da* não exprime um simples “aí”, um simples lugar determinado no espaço, mas é a *abertura* do ser-aí, o espaço em que todos os entes se manifestam ou, como o próprio Heidegger (2005) explica em *Introdução à Metafísica*, “o *Da* é o espaço aberto por a irrupção do homem”; “por ser *aberto*, torna possível o *encontro* dos entes”. Mas, esta *abertura* do ser-aí só é possível porque ele mantém uma relação essencial com o Ser (*Sein*). “Existir é ser o portador da abertura do Ser. É o Ser que dá ao *dasein* a zona de desvelamento (...). A maneira pela qual esta abertura se revela não depende em primeiro lugar do *dasein*, mas do Ser ele-mesmo”. (WALTER, 1950, p. 82-84). Nesse trabalho, utilizaremos a expressão alemã *Dasein* nas referências; contudo, nas citações literais, preservaremos o termo *presença*, tal como aparece na edição brasileira de *Ser e Tempo*, traduzida por Márcia de Sá Cavalcante.

problema do ser, garante a coincidência da analítica existencial com a ontologia fundamental.

Podemos começar a ver por que Heidegger (1977) pensa que isso seja assim, ao considerarmos sua estratégia para responder à questão do ser, explicar a compreensão do *dasein* acerca do ser (CERBONE, 2014). Uma vez mais que o *dasein* tenha uma compreensão do ser significa que as entidades se manifestam a ele, que vários tipos de entes se mostram em seus vários modos de ser, e para Heidegger (2005), a tarefa fenomenológica é deixar aquilo que se mostra ser visto a partir de se mesmo no próprio modo pelo qual se mostra a partir de si mesmo.

A fenomenologia se esforça para tornar explícitas as estruturas da manifestação, a partir das quais as entidades são manifestas. Assim, a despeito de seu interesse, compartilhado pelas noções de aparição e manifestação, Heidegger não assume, simplesmente, ou continua as investigações de Husserl (2000). Já que ele entende que a tarefa da fenomenologia é explicar a estrutura da compreensão pré-ontológica do *dasein*, o que significa, por sua vez, que a fenomenologia não pode proceder excluindo entidades (CERBONE, 2014).

Por essa razão, a fenomenologia de Heidegger (2005), ao menos em seus estágios preliminares, é uma “fenomenologia da cotidianidade”, que busca interpretar nossa atividade diária, de modo a tornar manifesta as estruturas da inteligibilidade, em grande parte implícitas, que caracterizam essa atividade. Essa questão pode ser mais bem respondida ao considerarmos, em detalhe, um exemplo. Analisar o exemplo também trará à luz alguns conceitos heideggerianos complementares, além de um esboço do que será apresentado nas interpretações dos grafismos da penitenciária.

Permitam-me descrever uma atividade de um preso em sua cela.

Nosso personagem chama-se “Masaharo”²⁵.

Masaharo está sentado em sua cama na cela 03.

A cela 03 é um espaço familiar para ele, não no sentido pleno da palavra, mas no sentido de conhecer cada detalhe, morfologia, textura e som. Conhece

²⁵ “MASAHARO”, é um nome bastante recorrente nas paredes e tetos das celas da Penitenciária, principalmente da cela 03; pode não ser necessariamente o pseudônimo ou codinome de algum preso, por isso escolhi esse nome para o nosso exemplo.

cada rachadura na parede, algumas delas feitas por ele mesmo com o auxílio de um parafuso médio que arrancou de sua cama. Ele costumava contar os dias transcorridos fazendo a incisão de um tracinho na parede, outras vezes, distraído, pegava-se furando a parede sem razão alguma. O teto também tinha alguns orifícios, alguns deles provocados pelo desgaste da estrutura física ou por alguém que sorratamente furou o gesso. E quando chovia? Sim, ele também conhecia cada goteira, porque, irritantemente, uma delas sempre caía na ponta de seu nariz. Ao direcionar seu olhar para as paredes, reconhece cada desenho, pichação e palavra escrita por ele e por seus companheiros de cela.

Masaharo está na mesma cela há mais de dois anos; e a familiaridade é manifestada na maneira em que ele entra e se move na cela. Ele caminha através da entrada sem necessitar fazer qualquer ajuste espacial ou prestar atenção à localização dos itens do ambiente. A cama de Pedro, com um lençol furado, dois lápis para colorir, uma caneta preta. Ao chão estão à sua direita, enquanto ele entra: uma revista da Playboy de 1999, que divide espaço com uma caneca do Corinthians ao canto, caixas vazias de cigarro; e um livrinho de cantos da pastoral carcerária, à sua esquerda. Passa diante desses itens sem usualmente necessitar fazer qualquer esforço para evitá-los. Ao mesmo tempo, essas várias coisas estão presentes para ele, à mão, para o seu uso. De vez em quando, ele para, senta-se no piso frio e vira uma ou duas páginas da velha revista, e depara-se com a cantora Gretchen, tem uma leve excitação, mas logo perde o foco quando alguém da cela ao lado começa a falar mal dele.

Masaharo poderia se agachar e pegar a caneta preta, que está em baixo da cama de Pedro, e logo, em seguida, escrever qualquer coisa na parede, no livrinho de cantos, ou até mesmo na revista. Todos estes objetos são tidos não como pedaços de matéria ou como “objetos físicos”, mas como “coisas de uso” ou utensílios: o que Heidegger (2005) chama o “à mão”. Ou seja, ele identifica essas várias coisas com referência aos modos nos quais elas são apreendidas em sua atividade contínua.

A atividade demonstrada por nosso personagem é chamada de “orientação prática”, que em fenomenologia heideggeriana está centrada na noção de substância, como elemento fundamental da realidade em termos do qual tudo o

mais que existe (ou parece existir) pode ser explicado. “Descartes definiu substância, notoriamente, como uma coisa que existe de tal modo que não necessita de outra coisa para existir” (HALDANE; ROSS, 1984, p.239). Heidegger (1982) mostra que as substâncias não são, enfaticamente, o que se mostra em nossa cotidianidade, em nossa orientação prática. Ou seja, não encontramos as coisas cujas características definidoras podem ser mantidas isoladamente; mais precisamente, o utensílio a mão que encontramos é o que somente por se encontrar numa miríade de relações “referenciais” com outro, assim como nossas várias atividades, projetos e propósitos.

Lembram-se do *dasein*? O aspecto da cotidianidade está intimamente ligado ao *dasein*, o (nosso) modo de ser do *dasein*, que Heidegger (2005) propõe é o então “ser-no-mundo”. Assim, essas últimas observações sobre a estrutura normativa anonimamente articulada de nossa existência cotidiana indicam que o mundo é um mundo *público*, em vez de alguma coisa inerentemente privada ou subjetiva (CERBONE, 2014). Ao designar nosso modo de ser como “ser-no-mundo”, Heidegger (2005) está enfatizando sua separação com a fenomenologia de Husserl (2000): o caráter mundano de nossa existência cotidiana depõe contra a execução da redução enquanto um método adequado para delinear a estrutura da experiência cotidiana.

No que se refere ao espaço, é importante tornar claro que Heidegger (2005) procura encontrar a condição de possibilidade para o espaço dito “social”, nesta ontologia fundamental. É no espaço social que consistem na totalidade de um lugar individual, as coisas nunca são indiferentes ao *dasein*; ao invés disso, elas são familiares ao *dasein*. Por isso, em contraste com o espaço da natureza, o espaço social revela o espaço familiar. Vimos, no exemplo hipotético, o quanto a cela se torna um espaço familiar para o personagem Masaharo; e, notadamente, neste espaço social, do meio ambiente carcerário, o *dasein* é cercado de objetos familiares. A proximidade da materialidade, no entanto, não significa que ele esteja tão perto do *dasein* na distância objetiva. Um objeto medido pela distância objetiva pode ser que nunca se torne um equipamento familiar, mesmo que esteja perto do *dasein*. Somente o equipamento é familiar para *dasein*, porque pressupõe a espacialidade do *dasein*, que Heidegger (2005) chama de “fazer espaço”

(Einräumen). O espaço social é definido como o espaço familiar, porque *dasein* relaciona-se ao espaço não por "intuição", mas por "fazer espaço". De acordo com Heidegger (2005), a espacialidade do estar-com-um-outro se distingue do modo como o *dasein* existe em relação à materialidade (HEIDEGGER, 1977). Ao se comportar com os objetos, o *dasein* abre espaço para a materialidade em termos de "desvinculação" (Entfernung). Mas, em relação com outros, "fazer espaço" do *dasein* mantém uma "distância".

Observemos que o "ser-no-mundo" não significa, por exemplo, simplesmente contenção espacial, do mesmo modo que a água está no copo. Em vez disso, o "(em+o)" deve conotar familiaridade ou envolvimento, nos termos de estar no comércio ou no exército. Assim, uma das afirmações principais de Heidegger (1977) é que os outros se mostram na experiência cotidiana, de um modo que é radicalmente diferente dos modos pelos quais o utensílio é manifesto (HEIDEGGER, 2014). Talvez confusamente ele designe nossa relação com o utensílio e os projetos aos quais esse utensílio está conectado como "ocupação". Embora deva ser lembrado que indiferença e desatenção estão entre seus modos possíveis, e, nossa relação com outros, de "solicitude".

*"Masaharo conhecia cada rachadura na parede, algumas delas feitas por ele mesmo com o auxílio de um parafuso médio (...). Ele costumava contar os dias transcorridos fazendo a incisão de um tracinho na parede, outras vezes, **distraído**, se pegava furando a parede sem razão alguma."*

Dessa forma, é nas ocupações cotidianas, na "proximidade" com os entes intramundanos que "estão à mão", que o *dasein* se espacializa e os próprios entes têm sua espacialidade. O caráter espacial dos entes só surge com a "proximidade". Mas essa "proximidade" não pode ser medida em distância. Uma coisa próxima não é aquela que está ao alcance de minha mão simplesmente, à maneira cartesiana. Antes de estar fisicamente disposta numa posição no espaço, meramente localizada em algum lugar, ela se acha, essencialmente, instalada, disposta, instituída e alojada (HEIDEGGER, 1987, p.150) no mundo humano, um mundo que é *em todo o caso, sempre meu*. A proximidade é determinada pelo uso que fazemos da coisa.

À medida que, de algum modo, os leva em conta, o *dasein* cotidiano considera os padrões e rotinas nos quais está imerso como dados e finais, como compreendendo toda sua existência. Para fazer a transição para autenticidade, ao estado ou condição de ser “autopossuído”, alguma coisa deve acontecer que rompa os padrões de rotina que têm o *dasein* cotidiano sob seu controle. Em suma, o espaço é coextensivo com nossas ações diárias. A discriminação, direcionalidade e regionalidade são as várias formas em que o *dasein* existe como "cuidado", juntamente com a temporalidade. Dasein é essencialmente espacial.

3.3 Merleau-Ponty e a Noção Corpo-Sujeito

De acordo com Tilley (2014), a característica distintiva da fenomenologia trazida por Merleau-Ponty (2011) é que ela se baseia na fisicalidade e na experiência material do corpo humano no mundo. Desse lugar primordial, fluem toda nossa experiência, compreensão e conhecimento do mundo. Neste sentido, ele defende uma posição materialista contrária a qualquer forma de idealismo ou intelectualismo que tente situar e compreender o mundo por meio da perspectiva de um espírito descorporificado, de alguma forma, fora do corpo. Nosso *ser-corporalmente-no-mundo* fornece a base fundamental para nossa descrição dele.

A análise começa a partir da posição *corpo-sujeito*, o qual não se situa ou se compreende mecanicamente enquanto um objeto em um mundo de outros objetos, ou enquanto um ego transcendental, uma consciência pura sem um corpo. O *corpo-sujeito* é um espírito fisicamente corporificado, um corpo e um espírito que sempre encontram o mundo a partir de um determinado ponto de vista, em um contexto particular, de um dado momento e em um lugar específico; um sujeito físico no espaço-tempo.

Para Merleau-Ponty (2011), o problema do significado ou da racionalidade é explicável em termos da percepção do corpo-sujeito. A percepção constitui o vínculo ou contato entre a consciência e o mundo no qual os significados surgem. É preciso levantar a questão: quem é e o que é o agente que percebe? Ao responder esta pergunta, Merleau-Ponty (2011) fornece uma resposta radicalmente

diferente daquela dada por filósofos empiristas e idealistas. Pois, para os empiristas, um corpo-sujeito registra passivamente sensações que lhe são impostas externamente (TILLEY, 2014). Já para os idealistas, o objeto é ativamente registrado pela operação mental de um *cogito*²⁶ ou de um espírito intelectualizado. Ambas as posições separam o espírito do corpo e ainda consideram o corpo como um objeto entre outros objetos no mundo.

Rompendo com essas duas vertentes, Merleau-Ponty (2011) propõe que se transcenda o dualismo espírito/corpo e o objetivismo que reduz o corpo a um objeto mecânico. O corpo próprio é ao mesmo tempo objeto e sujeito. Enquanto sujeito, o corpo não é objeto fora da consciência, mas a única maneira de estar presente no mundo e estar consciente disso. Em outras palavras, a consciência é corporal. O corpo próprio é um modo de ver e sentir o mundo, e a forma pela qual um sujeito vem a conhecer e expressar essas imagens e impressões. A relação de um sujeito e seu corpo é interior: eu tenho um corpo e essa é minha consciência. Além disso, o corpo próprio combina o *ser-em-si* (uma forma objetiva) com o *ser-para-si* (uma forma subjetiva), mas não é redutível a nenhum deles. Ele nos permite saber o que espaços, lugares e paisagens são, porque é o agente autoral desses.

A consciência é “o ser para a coisa por intermédio do corpo (...), portanto, não se deve dizer que nosso corpo está no espaço tampouco que ele está no tempo. Ele habita o espaço e o tempo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.193). A consciência perspectiva advém de um corpo-sujeito, um corpo que conhece. Dessa forma, a abordagem fenomenológica transcende a distinção tradicional entre sujeito e objeto.

A teoria do corpo próprio dá base para o entendimento de como nós experienciamos ou percebemos o mundo em um processo antes encarnado que abstrato. O mundo que existe é o mundo que existe para o sujeito, sendo aquele continuamente definido e redefinido em relação a este; o mundo percebido e o corpo formam uma relação dialética, ambos se ajustando mutuamente na dimensão da corporalidade. As sensações são fruto da comunhão ou coexistência, entre o corpo e a coisa (MERLEAU-PONTY, 2012). Uma vez que a percepção é

²⁶ Cogito ergo sum “Penso logo existo”, Descartes.

medida pelo corpo, há um elemento carnal fundamental à experiência. O modo como sentimos o mundo permanece incompleto e ambíguo, porque sempre experienciamos as coisas a partir de ângulos e relações particulares.

Assim, pensemos agora no objeto de estudo deste trabalho: os grafismos (desenhos e murais de palavras) presentes nos tetos e paredes das celas. Como podemos estabelecer a relação *corpo-sujeito* dentro da Prisão? Vimos que o mundo que existe é o mundo que existe para o sujeito, em que ele é percebido e ajustado a uma corporalidade. Esse mundo, dentro do contexto trabalhado, são as celas da Prisão, a Penitenciária Tenente Zeca Rúben. Este mundo (celas) é ajustado à corporalidade (corpo) do sujeito (detento) e à própria corporalidade física da cela (paredes e tetos). Aqui, obviamente, são estabelecidas sensações, sejam elas aliadas à privação de liberdade ou mesmo aos anseios pelo ausente²⁷; anseios de todo um mundo que se encontra fora do cárcere. Neste sentido, a percepção é advinda da experiência do mundo em que os detentos se encontram (celas), onde as paredes e teto, neste mundo, servem de ponte para transmitir o anseio do que está ausente, ainda que subjetivamente, por exemplo, em um desenho de mulheres nuas ou da folha da maconha, nitidamente em um campo de muitas possibilidades, mas ainda assim o ausente aqui se faz presente através do *corpo-sujeito*.

O corpo está aberto ao mundo mesmo que haja coisas escondidas ou fora de seu alcance. Portanto, a ação de perceber envolve uma relação entre o visível e o invisível. Você não consegue ver todos os lados e superfícies de um lítico ou de um fragmento cerâmico ao mesmo tempo. Poderá, claro, experienciá-los em sequência, uma a uma estrutura particular de encontro, mas quando uma face é posta em foco, outra desaparece.

Assim, a maneira como experienciamos um artefato arqueológico ou mesmo um lugar depende dos conformes de nosso encontro. Ou seja, em uma paisagem ou lugar determinado como a cela de uma prisão, o indivíduo adquire, por meio do hábito, conhecimento das coisas e de suas disposições. E, notoriamente, apenas

²⁷ Quando falo em anseios pelo ausente, quero dizer que dentro da cela os presidiários certamente anseiam por aquilo que lhes faz falta seja no âmbito material como imaterial; a saudade de casa, das famílias, dos amigos, da namorada, ou companheira, dos filhos; ou mesmo da droga, de uma comida em especial, de ínfimas coisas.

em uma nova paisagem ou lugar desconhecido, que ele ou ela terá que pensar conscientemente sobre os novos arranjos e aprender onde as coisas estão (TILLEY, 2014).

Outro ponto da fenomenologia de Merleau-Ponty (2011) é a questão de que as coisas e os lugares, bem como as pessoas, são seres temporais. O tempo está dentro de uma pessoa, é parte dela, como também o é de um objeto ou de um lugar. Conseqüentemente, coisas, pessoas e lugares não são entidades estáticas, por mais que seja uma cela de menos de 16 m², mas ao contrário, estamos constantemente mudando e alterando sua natureza. O tempo é a quarta dimensão “escondida” do ser, é um dos elementos constituintes de lugares, paisagens e coisas. Nossa experiência corporificada e percepção do mundo envolve um incessante alongamento do presente ao passado, no que ambos se conectam e se postam em relação ao futuro (TILLEY, 2014).

Portanto, os grafismos da penitenciária envolvem a experiência dos detentos constituídas com as cores do tempo. Memórias de lugares que eles visitaram e viveram; memórias de objetos que manipulavam; memórias de um mundo que está além das grades, colorem suas percepções no presente (ato de desenhar, escrever), como também, encaram o futuro e o novo. As experiências passadas são transportadas por meio da atividade do sujeito encarnado e fornecem estruturas através das quais esse sujeito se torna capaz de interpretar o mundo e encaixá-lo em um padrão. O corpo carrega o tempo para a experiência do lugar e da paisagem (TILLEY, 2014). Qualquer momento da experiência vivida é, dessa forma, orientado pelo e para o passado, uma fusão dos dois. O passado e o presente se dobram um sobre o outro: o segundo influencia o primeiro, e o primeiro rearticula o segundo.

3.3.1 O espaço carcerário como experiência corporal e a formação identitária

Merleau-Ponty (2011) aborda que o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível.

Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhe seja comum, devemos pensá-lo como a potência universal de suas conexões. Portanto, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como o ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retomo o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra, e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte, passo do espaço espacializado ao espaço espacializante (MERLEAU-PONTY, 1999, p.328.).

Esse enfoque pressupõe uma contínua dialética entre os dados empíricos e as ideias, do que resulta um entendimento do espaço enquanto formado a partir da variedade de experiências e ações humanas. É possível afirmar, portanto, que o espaço possui historicidade, revela história, sendo composto de momentos passados e presentes, do que aconteceu e do que está acontecendo, espaço o torna cheio de significados e significantes. O espaço é constituído de diversos elementos da natureza, das criações humanas, de seres animados, inanimados, de um conjunto que faz com que sua existência seja atuante no mundo. O espaço não é palco. O espaço atua e faz atuar. É essa concepção de espaço humanizado que norteia a presente pesquisa. A natureza desse espaço não é inerte, mas também não é fixa.

O espaço é composto pela terra, pelo céu e pelas constelações, pelas divindades, pelo nascimento e pela morte. Essa noção de espaço aberto, não quantificável ou mensurável em termos absolutos, conduz o estudo que aqui se apresenta (TILLEY, 2014). Por isso a dificuldade – e a impossibilidade – de apreender o espaço prisional em sua totalidade. É possível imaginar os sons, ver as cores, as formas, sentir os cheiros, imaginar os gostos, o toque, quantificar alguns elementos e narrar algumas sensações, mas a subjetividade do espaço enquanto participante da formação identitária de cada indivíduo que esteve ali encarcerado não é mensurável. Pode ser imaginada, mas nunca será exata.

Didática e artificialmente é possível dividir o espaço para empreender seu estudo: o espaço físico do mundo não humanamente criado; o espaço tomado pelo corpo; o espaço mental da cognição e representação; o espaço construído; o

espaço do movimento, encontro e interação entre os indivíduos e entre esses e as coisas, só para citar algumas possibilidades. Nesse sentido, em *A Phenomenology of Landscape* Christopher, Tilley²⁸ identifica cinco formas de espaço propostas por geógrafos que trabalham com o enfoque fenomenológico, como Taun, Pickles, Relph, Buttimer, Seamon e Mugerauer: o espaço somático, o perceptual, o existencial, o arquitetural e o cognitivo. Abaixo há um apanhado das noções que fundamentam essa pluralidade de espaços:

- O *espaço somático* é o espaço da experiência sensorial e do movimento corporal. O espaço abre-se ante o corpo e é diferenciável em termos de frente/atrás; esquerda/direita; vertical/horizontal; topo/base; ao alcance/fora de alcance; audível/não audível; dentro do campo de visão/além do campo de visão; aqui/lá. Dessa forma, o aparato físico do corpo impõe um esquema ao espaço através do qual este pode ser experienciado e entendido. É esse esquema que cria rotinas de movimento através do espaço arquitetônico, rotinas estas que tornam os indivíduos cientes de como prosseguir no mundo;
- O *espaço perceptual* é sempre relativo e qualitativo, uma vez que é baseado na percepção individual de cada ser humano. O espaço perceptual liga padrões de intencionalidade individual ao movimento corporal e à percepção. É um espaço que envolve sentimentos e histórias pessoais, que remete a sensações de medo ou conforto e fornece as noções de perto e longe, por exemplo. Através das ligações emocionais, esse espaço gera lugares de importância afetiva;
- O *espaço existencial* é estreitamente relacionado ao espaço perceptual. Seus significados transcendem o individual e formam a base para o espaço perceptual. É um espaço repleto de significados adquiridos ao longo da vida das pessoas em sociedade. Dá origem a sentimentos coletivos de pertença e reconhecimento grupal, os quais são constituídos

²⁸ É importante lembrar que essa classificação não tem o objetivo de “encaixotar” o espaço, tampouco se padroniza somente nos indivíduos sem deficiência física, apenas funciona como uma alternativa heurística para melhor entendê-lo.

a partir da existência de uma sociedade em contato com determinadas construções, objetos e características topográficas específicas;

- *O espaço arquitetônico* envolve uma tentativa deliberada em criar noções de dentro, o fora, o entorno – canais por onde se realiza o movimento, enfim. A arquitetura é a criação deliberada de espaço feito tangível, visível e sensível. Por isso as construções têm um papel fundamental na criação e recriação, produção e reprodução do espaço existencial e contribuem efetivamente para estruturar o espaço perceptual;
- *O espaço cognitivo* proporciona uma base para reflexão e teorização com relação ao entendimento dos outros. É o “espaço” da discussão, da análise e da interpretação. A multiplicidade de espaços passa pela escala em que eles devem ser considerados.

De maneira geral, todos os lugares que frequentamos significam algo para nós, pois aquilo que aparentemente não possui significado, simplesmente não existe na nossa mente, ou seja, para pensarmos em alguma coisa é necessário designá-la, produzir para ela um sentido. Um lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização, mas à tipos de experiências, de vivências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (RELPH, 1979). Ou ainda, lugar é um centro de significados construídos pela experiência (TUAN, 1975), trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos (MELLO, 1990).

Existe algum espaço ideal a ser analisado? Depende do enfoque e dos objetivos da pesquisa. Não existe nenhuma escala de contexto espacial correta a priori – pode ser uma pequena área ou o mundo, de acordo com sua relevância para a pesquisa. Como Hodder e Hutson (2003) bem exemplificam, a escolha de um espaço é similar às possibilidades de respostas dadas por uma pessoa quando lhe perguntam: “– De onde você é?” (HODDER; HUTSON, 2003, p.179). A resposta – rua, bairro, cidade, estado, país, continente – dependerá de questões contextuais, como, por exemplo, com quem se está falando, onde e porque a

questão está sendo feita. Portanto, não existe uma correta ou ideal escala espacial de análise; esta é definida de acordo com o contexto que se quer analisar.

Uma abordagem fenomenológica interessa aqui tanto pelo espaço do objeto localizado dentro da penitenciária quanto pelo espaço somático; que se preocupa com a escala espacial não em termos mensuráveis, mas em relação ao fenômeno produzido quando da experiência corporal dos detentos nesse espaço. Não separa coisa e espaço, corpo e ambiente, pensamento e materialidade, mas os entendo como indissociáveis e formadores um do outro. Como aborda Merleau-Ponty (2002), torna-se impossível distinguir rigorosamente o espaço e as coisas no espaço, a pura ideia do espaço e o espetáculo concreto que os nossos sentidos nos dão. O fenômeno, como ele ocorre no encontro do indivíduo com suas vivências cotidianas, não é algo pensado cientificamente de antemão, isto é, as sensações produzidas pelo excitação dos sentidos são espontâneas, somente são assimiladas e racionalmente elaboradas pelos seres humanos após o evento ter ocorrido.

Buscando recuperar alguns traços desses fenômenos, a Arqueologia, por meio da fenomenologia, busca levá-los em conta em sua origem e relativa pureza, sem a rigidez científica advinda de uma elaboração mental, pensada e repensada, classificada, mensurada e compartimentada em “caixas de espaços”. Dessa forma, e reforçando as ideias apresentadas anteriormente até aqui, tem-se o espaço carcerário como heterogêneo, com direções privilegiadas, que estão em relação com as particularidades corporais dos presos e com a situação de seres arrojados que configuram um mundo além das grades em suas experiências.

A experiência de sentir um lugar, como Basso (1996) enfatiza, é, então, uma dinâmica recíproca e incorrigível: como os lugares animam as ideias e sentimentos das pessoas que os frequentam, estas mesmas ideias e sentimentos animam os lugares para os quais as atenções são voltadas. Em outras palavras, como o lugar é sentido, os sentidos são localizados e como o lugar faz sentido, os sentidos também fazem o lugar.

Dessa forma, explorar a materialidade de um determinado lugar é explorar também a formação cultural e identitária dos seres humanos que ali estiveram. Por isso, a experiência fenomenológica dos lugares onde se estabeleceram os

grafismos das celas da Penitenciária Tenente Zeca Rúben constitui uma possibilidade para o entendimento, pelo menos, em partes, das visões de mundo e diferentes realidades dos presidiários em regime de cárcere.

3.4 Entre Muros e Ferros

A fenomenologia nos permite reconhecer e restaurar o mundo que pareceu ser perdido quando estávamos bloqueados em nosso próprio interno por confusões filosóficas, histórico-culturais e mesmo processuais. As coisas que tinham sido declaradas meramente psicológicas são declaradas agora como ontológicas, parte do ser das coisas. Retratos, palavras, símbolos, objetos vistos, estados de coisas, outras mentes, leis e convenções sociais são todos reconhecidos como verdadeiramente, como compartilhando um ser, e como capazes de aparecer de acordo com seus próprios modos de ser.

O ser humano pode, então, ser definido como corpo e consciência ou “totalização perpétua do ser em-si-para-si” na medida em que não cessa de se produzir, de se transformar; é “uma totalização sempre em curso” (SCHNEIDER, 2002, p.83). Em outras palavras, o ser humano “em cada um de seus atos cotidianos [...] é passado, presente e futuro, as três dimensões ao mesmo tempo, de uma só vez” (EHRlich, 2002, p.64). A temporalidade precisa ser entendida aqui como ontológica na medida em que é condição de possibilidade para o ser humano personalizar-se, não podendo ser uma qualidade acrescida de fora. Assim, o sujeito constitui seu ser em meio ao mundo através da articulação das três dimensões temporais: passado, presente e futuro.

O passado é, não pode deixar de sê-lo, imutável, não há como refazê-lo. A atitude de ontem não pode ser apagada ou feita de outro modo, está dada. No entanto, pode-se refletir sobre o ato realizado, satisfazer-se com ele ou envergonhar-se dele. E isso coloca o sujeito em um movimento de transcendência em direção ao futuro, onde a possibilidade continua aberta. Antes ainda, há o presente que nada mais é do que presença a uma relação interna do ser que é presente com os seres aos quais é presente. O presente, portanto, “não tem de ser,

é precisamente a fuga de ser o que é” (EHRlich, 2002, p.75), pois, na medida em que é, já se tornou em-si, já deixou de ser, já é passado.

O ser humano é este ser que é seu passado, mas que não se reduz a sê-lo, que é presença a, sem ser seu presente, pois este lhe escapa na direção de um futuro, de um possível sempre aberto à sua frente. É o futuro, portanto, que ilumina seus atos presentes, que confere um sentido às suas ações, que faz do ser humano um vir-a-ser. Assim, “a condição de possibilidade do homem é ter seu ser sempre à distância de si e o futuro sempre aparecer como possibilidade de superação dessa carência. Esse futuro nunca se realiza, transforma-se em presença e com ele surge uma nova carência” (EHRlich, 2002, p.81).

As ações humanas são, portanto, preenchidas de sentido pelo futuro, por aquilo que se alcança a partir do movimento presente. E tais ações não são aleatórias, são escolhidas livremente por cada sujeito em um dado contexto. Essa eleição é chamada projeto-de-ser e é realizada de maneira singular por cada ser humano. Portanto,

Na realidade humana, nenhuma ação se reduz a si mesma, necessariamente se articula com a totalidade do ser, que vem a ser o projeto de ser ou eleição original. Todo ato é significativo, não se limita jamais a si mesmo, remete necessariamente a uma eleição mais ampla de um mundo porvir. (EHRlich, 2002, p.125).

A realidade humana é, deste modo, definida, ontologicamente, pela anterioridade de sua existência sobre sua essência, tal como expressa a máxima sartriana: “a existência precede a essência”. Ele primeiro existe, depois se faz este ou aquele a partir de uma dada situação. Ou seja, “o ser do homem consiste em existir, o que significa que a realidade humana se define no curso de sua existência” (SILVA, 2007, p.56). Este fazer é pleno de liberdade na medida em que não há nenhuma razão a priori que defina o caminho a ser seguido, ou ainda, “a ausência de essência enquanto determinação prévia é a liberdade” (SILVA, p. 56). Assim, o ser humano precisa escolher seu ser em meio a esta liberdade esmagadora, a esta total indeterminação, pois “não existe fundamento” (SILVA, 2007, p.57) para a realidade humana. Na medida em que é ele mesmo que

escolhe, ele é responsável por sua escolha. Escolhe no tempo, enquanto vira-se futuro, o que faz com que seu ser lhe escape a todo o momento, obrigando-o a escolher-se a cada vez, sem que possa furta-se a isso. E, ao mesmo tempo, permitindo que suas possibilidades estejam sempre abertas, nunca totalizadas.

Adianta que devo ser cuidadosa para não tornar o estudo mais difícil do que ele precisa ser. Podemos ser tentados a pensar que os grafismos são oriundos de uma atitude natural, puramente não filosófica. Se fosse esse o caso, pareceria quase impossível para mim comunicar uma ideia do que é o ser-para-si, para aqueles que não entraram nela. Simplesmente, como seres racionais, já temos um sentido do todo, um sentido do si-mesmo, um sentido de intencionalidade e manifestação. A abordagem ontológica da fenomenologia como uma ciência, como um rigoroso e explícito empreendimento de autoconsciência, é de fato uma análise possivelmente mais concreta do que qualquer das investigações parciais.

Podemos pensar que a física, que a Arqueologia processual, são as mais concretas, porque estudam diretamente as coisas materiais que estão diante de nós, mas enquanto estas ciências não olharem para a atividade pela qual são realizadas, serão realmente abstratas. Por isso utilizo a fenomenologia junto a arqueologia, porque ela complementa e completa a disciplina arqueológica, já que recupera o mais amplo todo, o maior contexto. A fenomenologia supera o autoesquecimento das ciências particulares (SOKOLOWSKI, 2014). Considera as dimensões abstratas das outras ciências, as dimensões de intencionalidade e manifestação; mostra como a ciência mesma é um tipo de manifestação e, conseqüentemente, demonstra a ingenuidade do objetivismo, a crença de que o ser é indiferente à manifestação.

Os críticos da fenomenologia frequentemente dizem que ela se assenta na introspecção e na intuição das coisas subjetivas, das coisas mentais. Porém, as coisas que a fenomenologia investiga são aquelas que já foram reconhecidas por alguém que pensa e fala; coisas como percepções, intenções significativas e intenções pictoriais (SOKOLOWSKI, 2014). A fenomenologia examina essas intenções, essas atividades noéticas e seus correlatos objetivos, seus noemas, os tipos de objetos que são estabelecidos ou almejados por elas: o objeto perceptual, a pintura, a palavra, o sentido verbal e o referente verbal.

O que se pode dizer em resumo é que uma perspectiva fenomenológica proporciona um embasamento ontológico para o estudo dos materiais, lugares e paisagens, propõe abordagens e uma maneira de pensar através do corpo na sua relação participativa com o mundo (TILLEY, 2014). Assim, ajuda as ciências particulares e a atitude natural por classificar sua particularidade, por trazer à luz o que está ausente para elas, por mostrar que o que elas identificam pode ser visto desde perspectivas que elas não possuem (SOKOLOWSKI, 2014). Não duvida ou rejeita, mas esclarece e restaura. Elucidando a particularidade de outros modos de pensar, ela formula seu próprio sentido do todo. Falando do todo, ela chama para si a mente, opõe o autoesquecimento das formas modernas da ciência e a autonegação da pós-modernidade. A fenomenologia ajuda-nos a pensar sobre os primeiros e últimos fins, e, portanto, auxilia-nos a conhecer a nós mesmos.

4

**ARQUEOLOGIA NAS PAREDES
CHEGOU A HORA DE FOTOGRAFAR, MEDIR E ANALISAR!**

Quando iniciei os estudos na penitenciária tinha em mente um “fazer arqueológico” tradicional, ainda mais por não saber como lidar metodologicamente em relação ao que estava me propondo a estudar. *“E então? O que fazer? Fotografo isto tudo? Com ou sem escala? É necessário medir o tamanho dos painéis gráficos? E depois como analisar?”*. Obviamente, dentre os trabalhos arqueológicos que poderia nortear os primeiros passos da pesquisa, o levantamento de pinturas rupestres pré-coloniais pareceu-me o mais condizente para tal. E foi isto que fiz de início.

Prospectei superficialmente todos os espaços da penitenciária, observando atentamente sinais de evidências materiais culturais, não somente nas paredes e tetos das celas, mas em outros suportes, no pátio e nos banheiros. É isto que os pesquisadores costumeiramente fazem, não é? Percorrem as áreas que compõem os sítios e assim passam a os conhecerem melhor. Andam, distanciados uns dos outros, comumente em linha reta, olhando para o chão, na expectativa de encontrar objetos culturais em meio a terra, galhos, pedregulhos e outros elementos naturais. Mas como realizar estas prospecções em meio a concreto? E em reduzidos espaços como as celas? Pode parecer fácil, no entanto, assim como o levantamento de pinturas rupestres, existiam agravantes naturais e antrópicos que impediam a visibilidade e identificação de muitos grafismos.

Ainda assim, identifiquei mais de 800 expressões gráficas (*desenhos, símbolos, frases, recortes de jornal, revista*). Para o trabalho de monografia, concentrei-me somente em uma cela, a cela 02, local com maior variedade de temáticas e expressões, com finalidade de angariar um inventário parcial dos

grafites e das pinturas existentes no lugar. Este inventário foi organizado com base em manchas gráficas, como nas análises de grafite de Navarrete e López (2008) feito no Quartel San Carlos da cidade de Caracas. As manchas representam conjuntos significativos de temáticas expressas em unidades gráficas, e foram um dos objetivos de estudo da investigação. As manchas gráficas foram selecionadas dentro do espaço interno da cela 02, representadas em cada suporte dela, seja teto e parede orientada para norte, sul, leste ou oeste.

Figura 5: Contagem de localização da quantidade de grafismos em cada suporte



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Realizei todo o registro fotográfico dos grafismos, tanto de cada uma das temáticas específicas como de pequenos conjuntos de temáticas. Ainda que na maioria das unidades de significação, a ausência de um corpus coerente de temáticas tenha dificultado sua análise posterior e sua interpretação como conjunto. O agrupamento delas permitiu seu estudo com base na observação de semelhanças de atividades e de convivência do espaço utilizado na cela 02.

Figura 6: Vista interna da cela 02.



4 x 4 m

CELA 02

Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Destaco que por se tratar de estruturas não passíveis de apreensão fora da penitenciária, não móveis, não podendo transportar os elementos em estudo para análise detalhada em laboratório arqueológico, por exemplo, a compreensão da temática ou do conjunto de temáticas dependeu do contexto físico em que se encontravam.

Quase todos os suportes foram alterados estruturalmente, ou sofreram a superposição de várias camadas de tinta, o que inviabilizou a leitura prévia de algumas manifestações. Ademais, a penitenciária está desativada há mais de dez anos. Ao longo desse período, como já destaquei anteriormente, aquele lugar sofreu danos de cunho climatológico, erosivo, como também agressões antrópicas, resultando em paredes derrubadas, telhado desmoronado, infiltrações, acondicionamento de pragas e outras agressões. Neste sentido, do ponto de vista meramente subjetivo, considerei os desenhos e escritos mais recentes e com melhor visibilidade.

Na última etapa de campo, procedi com o registro sistemático de cada temática passível de identificação. Para isso, elaborei uma ficha de classificação, baseada no modelo de Navarrete e López (2008). As fichas continham localização da temática, descrição formal ou transcrição, técnica de manufatura, data de realização, autoria e estado de conservação.

As unidades que contêm suas temáticas, descritas ou transcritas, enquadraram-se como: apologia ao crime, cronologia, passatempo recreativo, meio de transporte, frases, ostentação, apelo religioso, sexualidade e simbolismo. Com o parâmetro da técnica, identifiquei traços feitos a lápis, caneta azul, preta ou verde, tinta, raspado e feito ao fogo²⁹. Quanto ao complemento, identifiquei: com data e/ou autoria. Em seguida, descrevi o estado de conservação: ótimo, bom, ruim.

Investigando este espaço carcerário, percebi que as manifestações gráficas codificadas são verdadeiros conjuntos que contêm uma organização interna própria. Neste período, considerei que eles foram estruturados em virtude de uma simbologia visual, ou seja, de uma transmissão gráfica de pensamento, de uma mensagem, registrada materialmente. Trata-se de unidades figurativas, que juntas manifestam, simbolicamente, pensamentos, conceitos, mensagens e identidades. Além disso, os grafismos foram classificados como produtos de diferentes códigos morais, critérios estéticos e tecnológicos, de diferentes discursos ideológicos, religiosos, apelativos, dentre outras temáticas como sexualidade, apologia ao crime, drogas e ostentação.

Na cela 02, analisei as cinco temáticas de maior recorrência (apelo religioso, sexualidade, apologia ao crime, cronologia, passatempo recreativo) que se enquadravam nas categorias de mesmo nome. Por exemplo, a temática apelo religioso diz respeito a desenhos, símbolos, trechos escritos, geralmente retirados da bíblia, que estão associados direta ou indiretamente à religião cristã; e que se coadunam a um discurso *apelativo*, de caráter misericordioso, suplicativo e de indulgência.

Adotei este tipo de registro, por se tratar de um importante prelúdio com caráter efêmero, pois as manifestações estavam expostas às agressões climatológicas e sociais. Além disso, com as classificações adotadas na ficha, pude realizar mais facilmente a etapa seguinte de análise, segregando os temas de acordo com as metodologias adotadas da Arqueologia cognitiva, com ênfase na

²⁹Por meio de uma arqueologia experimental e pela prospecção realizada no teto, pode-se constatar que os murais expostos no teto foram feitos pela chama de uma vela, por isso resolveu-se rotular essa técnica “feito ao fogo”.

linha analítica cognitiva-processual e a neuroarqueologia (RENFREW; ZUBROW, 1994). Cada unidade analisada direcionava-se para escolhas dos presidiários. As escolhas são avaliadas muitas das vezes por uma percepção de seu próprio mundo.

Neste sentido, encarei as unidades, nesta época, como categorias cognitivas. Nelas, tentei compreender a materialização de pensamentos elaborados, e assim entender que aquilo, que está registrado nas paredes e no teto da cela, é fruto de um reflexo, ainda que indireto, das próprias estruturas de pensamento dos detentos, diversificadas estruturalmente. Tracei semelhanças e diferenças cronológicas, características formais e contextos de produção, que possivelmente tivessem relevância para a investigação.

As investigações realizadas na cela 02 permitiram estabelecer pelo menos dez categorias de classificação das mensagens de grafites e das pinturas, distribuídas em cerca de 70 motivos. Considero que a variabilidade de temas, de reflexões e figurações representa um mundo de tensões, convergências, discrepâncias, diferentes visões de mundo compartilhadas pelos indivíduos que estiveram reunidos no espaço em estudo.

O que foi realizado durante os trabalhos para a pesquisa de monografia foram prospecções sistemáticas, montagens de inventários, e análise por meio da Arqueologia cognitiva e a neuroarqueologia (RENFREW; ZUBROW, 1994); metodologias processualistas, com o caráter de construir parâmetros de leitura, partindo de uma ideia construtiva no âmbito imaterial para atingir o material, advindo do interior (mente) para o exterior (suporte parietal). Desta forma, os pressupostos da Arqueologia cognitiva foram utilizados na compreensão: do pensamento, da intensão, percepção, organização, representação, discurso e codificação dos painéis gráficos.

Dentro deste enfoque, existe uma cadeia de processos ligando dois estágios, o imaterial ao material. Essa cadeia inicia-se com a elaboração interna de um conceito e a criação de formas mentais simbólicas de materiais e ações necessárias para a realização de cada unidade gráfica; concepção mental sobre a escolha do suporte, elaboração dos traços, materialização das seleções mentais no suporte e materialização do pensamento. Assim, os traços expostos nas paredes e

no teto indicam mais que uma habilidade técnica para desenhar. Eles apontam para as “escolhas” e para a “percepção” dos presos. Por meio das estruturas, relações e sintaxes que apresentam nas variadas temáticas de sexualidade, apologia às drogas, ao crime e muitas outras, percebem-se as próprias percepções de mundo que os presidiários tinham antes de estarem encarcerados, e como eles traduziram essa percepção da realidade e nas disposições das representações.

Ao se trabalhar com o pressuposto de que os grafismos da cela 02 contêm um tipo de comunicação consciente e simbolicamente estruturada (RENFREW, 1998), compreendi que as *unidades gráficas*, os desenhos, pinturas e gravuras apresentam relações espacialmente significativas. Uma comunicação articulada exige uma organização interna, por parte dos detentos, para que se faça inteligível, portadora de sentidos, compreensíveis por aqueles que possuem os códigos de leitura. Logo, aquilo que foi gravado, desenhado e pintado nas paredes deste recinto prisional se faz como um testemunho do processo mental dos presidiários, dado por meio da ligação ou mesmo união de mente e cultura.

O estudo da cela 02 permitiu apontamentos interessantes, tanto no que tange à organização de um pensamento ou de uma forma de expressão organizada, quanto para as escolhas dos detentos, que evidenciam os processos cognitivos responsáveis pelas manifestações de cada unidade, formando identidades específicas. É uma troca incessante entre uma estrutura básica dos processos neurológicos do cérebro humano estruturando por um lado, a natureza inerente das manifestações simbólicas humanas como um todo, e por outro a plasticidade notável da constituição da mente (RENFREW, 1998). Uma mente que se encontra sempre em movimento e transformação, evidenciando a diversidade tipológica de cada unidade gráfica às mais distintas maneiras de manifestação cultural.

Mas, para o trabalho de mestrado? Estas metodologias se enquadrariam com a proposta da fenomenologia? Essas questões tentarei responder nas linhas seguintes.

4.1 Chegou a hora de fotografar, medir e analisar, mas também tocar, sentir e experienciar

Considerando que um dos objetivos da fenomenologia está em volta da descrição enraizada na subjetividade da experiência pessoal (O'RILEY, 2006; BAILEY, 1982), argumento que os grafismos dos presidiários oferecem visualizações pluralistas dessa mesma experiência subjetiva. Esses paralelos são evidenciados por meio de desenhos, murais de palavras feitos no teto e nas paredes das celas, vistos dentro de um paradigma reflexivo e analítico. Os grafismos aplicados ao viés da fenomenologia oferecem mutuamente as possibilidades de novas formas de pensar, descrever e interpretar a experiência carcerária no contexto em estudo. Respondendo ao questionamento anterior, é notório que as metodologias adotadas, anteriormente, pelo menos em parte, no sentido de experiência no *mundo*, descrição e observação dos fenômenos, não dariam o suporte necessário para análise fenomenológica do presente trabalho.

Reforço que o inventário das manchas gráficas, dos grafismos foi realizado nas demais celas. Todos os desenhos foram fotografados e registrados em um banco de dados. Tive a preocupação de fazer este registro, pois tinha em mente que mais cedo ou mais tarde o prédio da penitenciária seria demolido ou reformado para outro fim, como aconteceu com muitos casarões históricos de São Raimundo Nonato. Contudo, mesmo realizando a prospecção nos espaços, e registrando todos os grafismos, esta metodologia de caráter processualista não me permitiria enxergar além das estruturas físicas e morfológicas. Então, como proceder, já que estamos lidando com pessoas, memórias, vivências e experiências?

Os objetos, assim como nós, são parte integrantes do mundo, dotados de fenômenos, onde a nossa "experiência sensorial" (sentir) (HEIDEGGER, 1962) nos fornece a capacidade de entrar neste mundo como seres sensíveis para interagir, afetar e se envolver com o mundo em tempo e espaço. Dentro deste enfoque, a experiência das pessoas é fundamental para a produção de um conhecimento relacional, que é revelado por meio do processo de elaboração. Assim, diante dos grafismos expostos nas celas, compartilhando o enfoque de Huebler (1969), o processo de engajamento com o mundo caracteriza a produção de desenhos: como uma atividade que estende a consciência humana por meio de construções que transpõem fenômenos naturais daquela condição qualitativamente

indiferenciada, que denominamos "vida" em objetivos e conceitos internamente focados. A concepção de Heubler (1969) oferece um paradigma fenomenológico dentro do qual a "experiência vivida" (HEUBLER, 1969, *apud* MORAN, 2005; DILTHEY, 1985, 2010) é orientada através de uma interpretação mediada do desenho numa experiência conjunta de memória e imaginação.

Conforme Bisinella (2012), a abordagem fenomenológica, em estudos e análises arqueológicas, apresenta-se de grande valia quando se questiona o que se mostra, como se mostra e a quem se mostra os vestígios descobertos. Os objetos, as estruturas, os sítios arqueológicos ou qualquer outro tipo de vestígio da existência humana se mostram no passado e no presente. A pesquisadora propõe que pensemos como estes fenômenos ocorrem e diante de quem ocorrem. De tal maneira que arqueólogos ou outras pessoas que se importem com esses objetos, possa ter a oportunidade de vivenciar um "encontro privilegiado", (HEIDEGGER, 2005, p.108).

Após alguns meses estudando fenomenologia, retornei à penitenciária com William³⁰, a fim de realizar o último registro fotográfico dos grafismos. No entanto, realizamo-lo com um olhar mais sensível, onde tentamos não somente ver os desenhos e murais de palavras, mas sentir as paredes com o toque de nossas mãos, sentir aquelas celas com o nosso corpo, e como aquele ambiente poderia trazer ínfimas sensações em nós. Prospectamos novamente os espaços internos da penitenciária sem seguir uma metodologia padrão de metros de distância, mas caminhando avulsamente, tentando nos imaginar ali presos, tendo que traçar uma relação íntima com o local, observando, tocando, nos envolvendo corporalmente e fazendo uso de nossos sentidos. Passamos o dia inteiro transitando entre as celas, no pátio e até nos banheiros. Combinamos de desligar nossos celulares e fazer apenas duas refeições. Procuramos utilizar a experiência corporal para pensar e sentir o lugar, em diferentes momentos daquele dia, ainda que por poucas horas.

Sentamos juntos em um pequeno espaço no pátio, já que boa parte de seu piso estava tomado por mato e outras plantas, que cresceram durante o período

³⁰Pseudônimo.

das chuvas. Havia ali uma geladeira velha, que eu não sei como fora parar naquele lugar!

-Fiquei imaginando o quanto deve ser difícil estar preso, o que os detentos tinham que inventar ou fazer alguma coisa ali, em um local com pouco espaço como aquele. Em penitenciárias maiores, muitas vezes há mais recursos. Os presos têm atividades esportivas, educacionais, trabalho...Muitas celas possuem televisão... E ali? O que fazer?

- Verdade, Rosyh! Ainda mais, porque esta penitenciária esteve em funcionamento até 2007, não é isso? Se os recursos de hoje ainda são tão escassos, imagine naquele tempo? Falo em 10, 20 anos atrás, entende? O que eles faziam num lugar desses?

Após conversarmos um pouco, no pátio, cada um de nós permaneceu por um bom tempo em celas distintas. A escolha das celas se deu aleatoriamente. William foi para cela 01.

A cela 01 está localizada ao lado do conjunto de banheiros do pátio. Trata-se da maior cela da penitenciária. Foi construída duas décadas depois da inauguração, fruto de algumas intervenções construtivas. Conta-se que esporadicamente ocorria a prisão de mulheres nela³¹. A cela tem duas pequenas janelas na parede que se comunicam com o pátio, mas, ainda assim, a passagem de ar e luz é deficiente. O que torna o ambiente relativamente escuro e inóspito. As paredes encontram-se degradadas, mofadas, manchadas, com infiltrações, sua pintura com sérios desgastes. Curiosamente, não apresentam nenhum grafismo nas paredes. É possível que algum desenho ou inscrição esteja sob o mofo, por baixo do reboco recente ou simplesmente se deteriorou com o tempo e os constantes gotejamentos vindos do teto em tempos de chuva. A coluna de sustentação do teto é o único suporte que apresenta grafismo. Observemos a imagem seguinte:

³¹Informação obtida por Francisco Moreira Viera (Tenente Moreira), delegado da Penitenciária na década de 1990. (Entrevista realizada no dia 16 de setembro de 2014, em sua residência.)

Figura 7: Vista interna da cela 01



FONTE: ELABORADA PELA AUTORA (2015).

É interessante tornar claro que a cela 01 é a única da penitenciária em que seus suportes (paredes e teto) não foram utilizados em sua totalidade para a produção dos grafismos. Quiçá seja pelo fato da cela ter sido utilizada com pouca frequência, já que eventualmente ocorria prisão de mulheres e a superlotação das demais quase nunca aconteceu. Para William, permanecer naquela alcova por algum tempo, em nossa experiência fenomenológica, trouxe-lhe variados pensamentos. Primeiro ele questionou: “*No que a Rosyh foi me meter!?*” Depois se conformou: “*Está bem, vamos pensar, subjetivamente, na materialidade, e no espaço.*” William caminhou, lentamente, dentro da cela, observando com atenção cada parede, tocando-as “com as mãos”. Notou a pintura descapelando e pedaços de reboco caídos ao chão. Desmanchou, prazerosamente, várias teias de aranha. Sentiu cheiro esquisito de “*coisa velha*”, de mofo umedecido, de poeira. Pisou, sorrateiramente, em formigueiros, agitando as formigas, que, de longe pareciam ser as únicas que adoravam aquele lugar. Notou que pisava em velhos ladrilhos hidráulicos³². Eram simples, aparentemente monocromáticos, amarelos, sem

³² Ladrilho hidráulico, mosaico hidráulico (às vezes chamado azulejo hidráulico), é um tipo de revestimento artesanal feito à base de cimento, usado em pisos e paredes, que teve seu apogeu entre o fim do século XIX e meados do século XX.

nenhuma figura geométrica ou qualquer outro desenho. O que lhe fez lembrar dos lindos ladrilhos hidráulicos da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato, que, diferentes daqueles, em conjunto, mexiam nosso cérebro com ilusões óticas traduzidas na interação de seus losângulos na cor preto e branco. Procurou por indícios de grafismos em cada parede. Ironizou: *“Legal, vim para uma cela que não tem desenho algum! Nenhuma frasezinha!”* Já desanimado, ficou de cócoras, e quase involuntariamente se pegou riscando o piso empoeirado com o próprio dedo. Depois, olhou, mais uma vez, cada parede, certificando-se de que não havia realmente nenhum registro gráfico. Até que olhou para o teto e se espantou de não ter percebido que as manchas no pilar de sustentação eram inscrições. A visualização das letras era péssima. Algumas estavam bem apagadas, mas finalmente conseguiu ler o enunciado:

“VEM O DEU NOS SERVIR VEM NO SAUVAR” (FIGURA 7)

Repetiu a frase por algumas vezes. Inquietou-se primeiramente com a grafia. Não com os erros ortográficos, mas com a particularidade das letras. Principalmente com a letra “S”. *“Por que as palavras “DEU” e “NO” tinham “s” invertidos? Dislexia de quem escreveu? Alguma intencionalidade?”*. Era uma frase simples, mas era nítido o seu efeito: *“Vem nos salvar”*. William pensou no sofrimento de quem escreveu. Pensou nas angústias de quem estava ali preso e das súplicas feita a Deus. Mas também o fez refletir sobre a vida. Pensou em sua família, nos amigos e no namorado. Era difícil não pensar nisso tudo, num *mundo* além das grades. Passou alguns minutos em silêncio. Olhou para o nada. Depois gritou por meu nome: *“ROSYH!?”*

Eu fiquei na cela mais escura, a cela 03 (FIGURA 8), sem janelas e com pouquíssima iluminação, salvo as fendas de luz que atravessavam entre as grades. Era um ambiente úmido, fruto de demasiadas infiltrações. Estava repleto de teias de aranha, formigueiros nos cantos inferiores das paredes e entre velhos ladrilhos rachados no chão. Fiquei de cócoras por vários minutos, observando os grafismos das paredes e do teto.

Figura 8: Cella 03. Cella de aproximadamente 30 m², sem janelas. Foto tirada com ISO 120 e acionado flash



6 x 5 m

CELA 03

Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Nessa cela, há uma variedade de temáticas assim como na cela 02, porém com uma quantidade menor de grafismos. Representações de automóveis, símbolo de time de futebol, um golfinho verde transitando entre outros símbolos que não sei o que significa; órgãos genitais, contagem dos dias representados em tracinhos e teias de aranha dividindo espaço com figuras de escorpiões que percorriam desde as paredes até o teto. Confesso que senti certa repulsa por aquele lugar. O ambiente escuro e a sujeira fizeram com que sentisse um calafrio estranho. Senti uma leve dose de medo, talvez pelo fato de a cela se tornar cada vez mais escura à medida que o sol se escondia entre as nuvens. Tentei desviar o pensamento angustiante e centrei-me na observação de cada grafismo. Já tinha fotografado tudo aquilo 2 anos antes. Mas todas as vezes que eu voltava às celas, era como se um novo grafismo surgisse. Passei despercebida por muitos deles. Talvez por fazer visitas rápidas ou, simplesmente, por nunca ter parado para “sentir” a materialidade. Demorei-me alguns minutos em uma frase. Ela estava presente em duas paredes daquela mesma cela, aparecia em pelo menos em um suporte nas demais. Lembro que, ainda no trabalho de monografia, procurei por esta frase na

internet, mas era de autor desconhecido: “*somos fruto de uma...*” Escritas por “*Delego*”. Questionei-me: Delego seria apelido de alguém? Um pseudônimo talvez? Ainda do mesmo autor, a frase dentro de um coração, dizia: “*Ama me como sou / Delego*”. Fiquei a refletir o quão seria gratificante se todos nos amassem da maneira que realmente somos.

Figura 9: Murais de Palavras Cella 03



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Passados alguns instantes, concentrei-me nas representações de teor macabro e profano. Tentei refletir o porquê destas representações serem recorrentes mais nesta cela escura, sem janelas e com pouca circulação de ar, do que na cela 02, ao lado, por exemplo, mais arejada, com janelas e melhor iluminação. O ambiente fechado proporcionaria ao preso uma sensação maior de angústia, de impaciência e quiçá de terror. Visivelmente, havia pouquíssimos grafismos de temática espiritualosa como os de *apelo religioso*, tão comuns na cela 02.

Circulei pela cela, olhei atentamente o teto, na tentativa de encontrar algum grafismo curioso. Porém, nada além de nomes que não faziam sentido para mim. Os minutos foram passando, não os contabilizei, mas depois de prováveis 20 ou 30 minutos, despertou-me a impaciência de permanecer ali. Ora tentei agir como pesquisadora, analisando cada parede em busca de inscrições, de frases, analisando tecnicamente os grafismos. Ora tentei-me imaginar estando presa e sentir a materialidade como os autores do passado.

Figura 10: Desenhos diversos cela 03



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Confesso que foi difícil deixar de pensar como arqueóloga boa parte do tempo. Foi difícil pensar subjetivamente. Na verdade, eu teria que fazer um duplo papel: ser a arqueóloga que analisa a materialidade de forma fenomenológica e ao mesmo tempo ser humana, híbrida, pensar o espaço de forma subjetiva. Seria mais fácil pôr escala em tudo, e simplesmente sair fotografando e segregando os desenhos e inscrições em temáticas de classificação. Mas o caminho fácil, que costumeiramente se têm feito por muito tempo, na maioria das vezes, pouco nos

revelou sobre o passado... O silêncio e a morbidez assolaram aquele lugar, até que ouço o meu nome. “Rosyh!” “Rosyh, está tudo bem aí?”. Era William que estava na cela 01.

— Sim, está tudo bem por enquanto. E por aí?

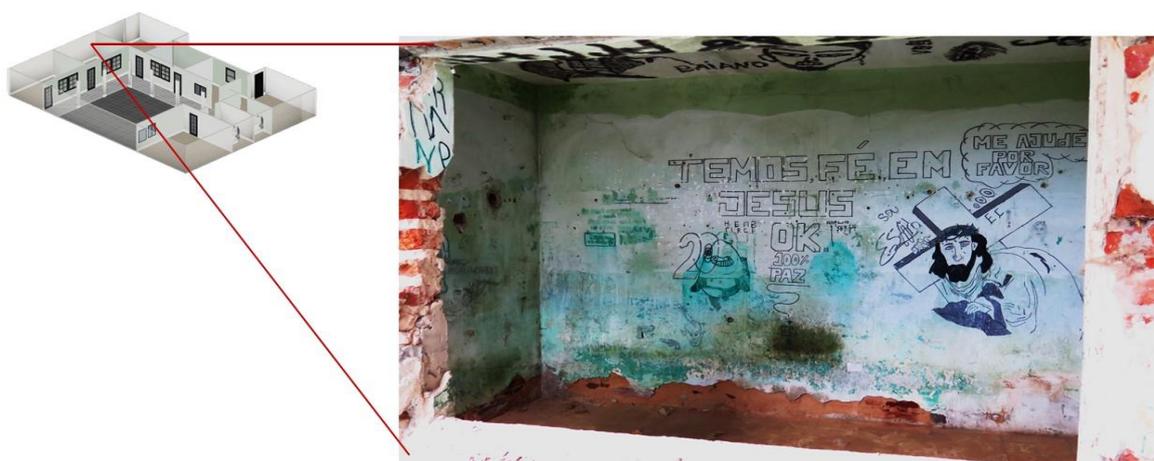
— Han? Não estou ouvindo. Fala mais alto.

Começamos então a falar bem alto, ele de lá, eu de cá.

Com essa experiência pude ter minimamente a noção de como seria a comunicação auditiva entre as celas. Talvez por serem forradas, a comunicação de uma cela a outra, por voz, necessitaria de um pouco mais de esforço das cordas vocais. Por alguns instantes, imaginei várias vozes entre as celas; amigos separados por celas ou alguém sorratamente brincando de telefone sem fio entre as paredes. Isto poderia acontecer, não é mesmo? Uma vez que, mesmo ruim, não seria suficiente para impedir o diálogo entre os internos.

As horas passaram, fizemos uma pausa para um lanche rápido. À tarde seguimos com o registro fotográfico. Tive o cuidado de observar a iluminação de cada cela, de como cada uma se mostrava ao longo do dia. Infelizmente, não dispunha de equipamentos de filmagem que pudessem colaborar com a experiência sensorial dentro das celas.

Figura 11: Vista interna da janela na cela 04.



4 x 4 m

CELA 04

Fonte: Elaborada pela autora (2015).

As grades de proteção da janela na cela 04 não existem mais. Quem encosta no espaço que era a janela, pelo lado de fora e observa o ambiente interno, depara –se com o imenso grafite, representado pela crucificação de Cristo. Ao lado da imagem, onde Jesus Cristo chora e carrega sua cruz, acompanha o pensamento e inscrições com letras vistosas:

“ME AJUDE POR FAVOR”
“TEMOS FÉ EM JESUS OK! 100% PAZ”

Um dos primeiros pensamentos que surgem é a notabilidade do teor religioso, possivelmente cristão e católico, a própria representação de Cristo, a frase “Temos fé em Jesus ok! 100% paz” e a ligação com o discurso de apelo “*me ajude por favor*”, (FIGURA 11). Tudo comungando numa noção de religião e figura divina (Deus e Jesus Cristo) como mediadores para as graças almejadas pelos presos³³.

No entanto, ao entrar na cela em si, a principal parede, representada pela paixão de Cristo, elemento do sagrado, divide espaço com outras paredes e teto repletos de manifestações profanas, conforme é possível notar na figura abaixo:

Figura 12: Grafismos do teto. (Gire a página para observar os motivos que estão ao contrário na parte superior.).

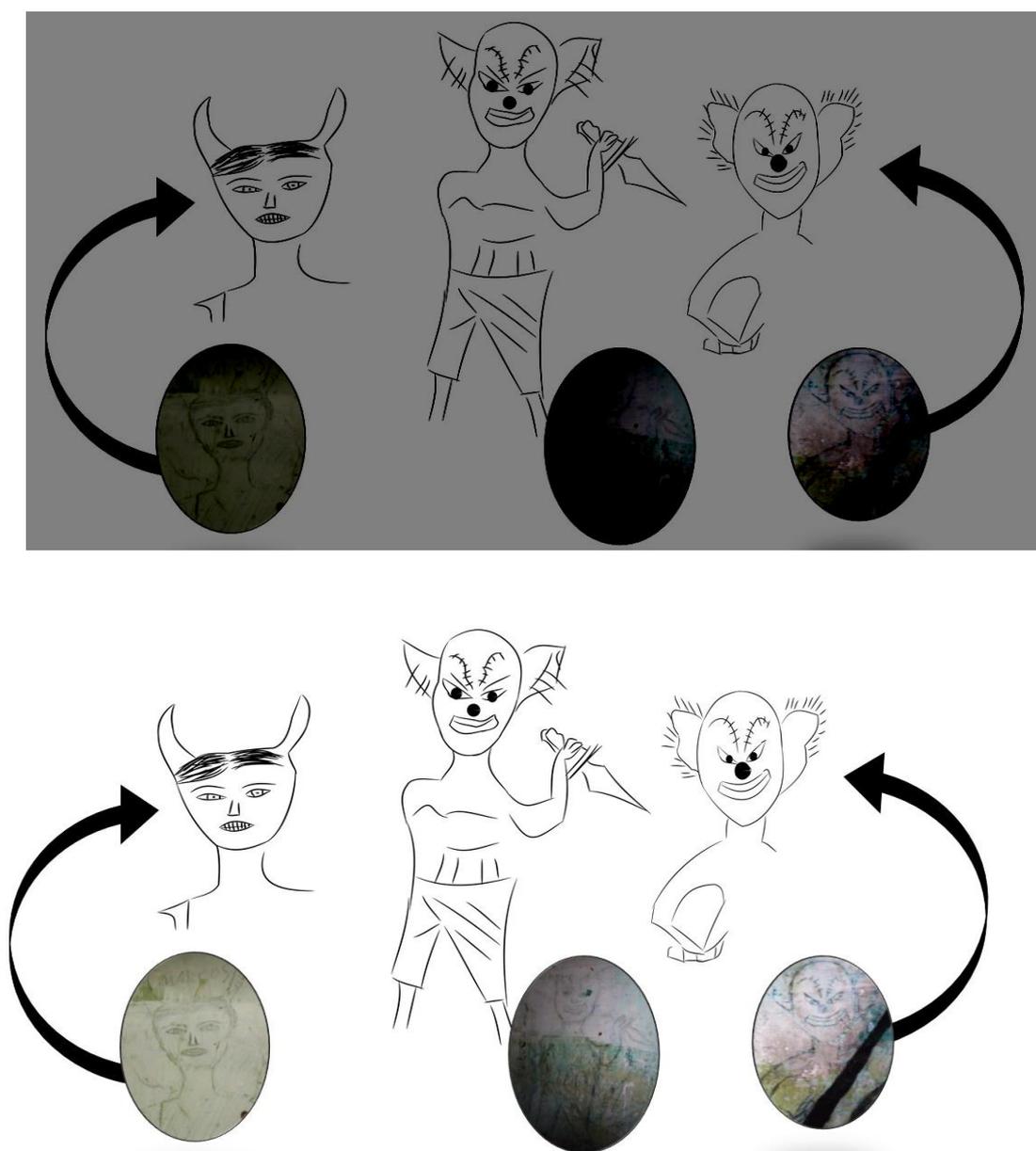


Fonte: Elaborada pela autora (2015).

³³ Estes grafismos inserem-se dentro da temática que denominei de apelo religioso que serão melhor discutidos no capítulo 5 desta dissertação.

São desenhos de elementos fúnebres: a representação da morte, cobra, morcego, teias de aranha, à esquerda; escorpiões, morcegos, a representação de demônios, à direita, no teto. Enquanto nas demais paredes, símbolos de palhaços armados, figuras humanas com chifres (FIGURA 13), revólveres aparecem, ainda que em reduzida quantidade e com um péssimo estado de conservação.

Figura 13



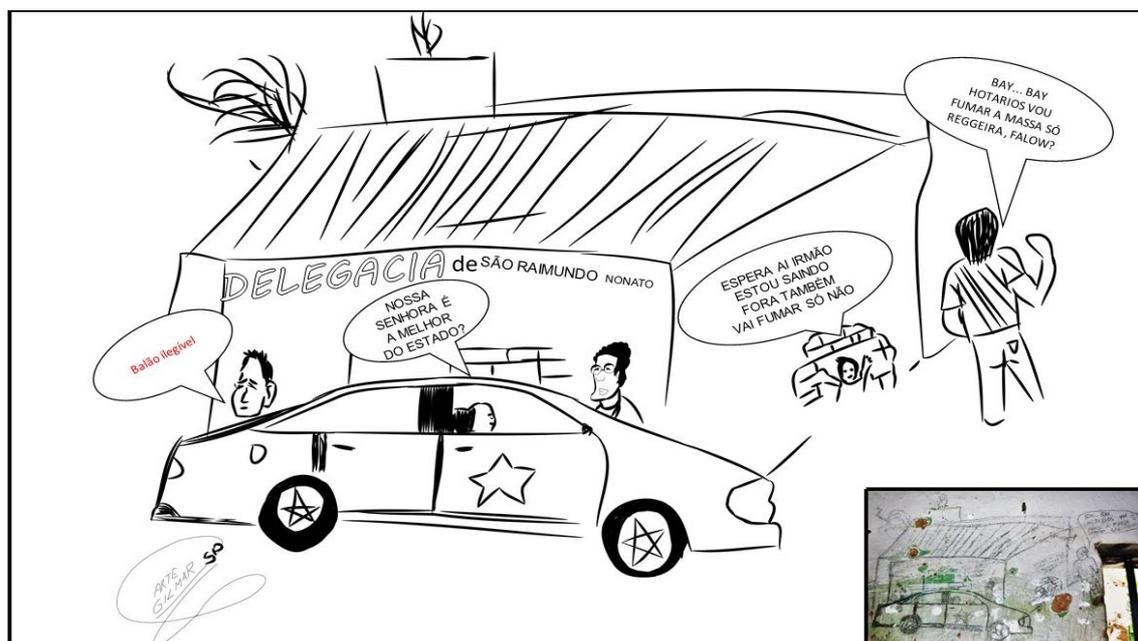
Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Olho para o teto e reflito sobre aquelas figuras. Existe um vasto campo de possibilidades para a existência destas representações no suporte do teto. Como nesta dissertação não abordarei as simbologias fúnebres, não cabe aqui traçar densas discussões sobre noções de medo, ansiedade, angústia³⁴, que são temas também trabalhados pela fenomenologia. Mas quando as vi, nesta nova forma de análise, do meu envolvimento com a materialidade, confesso que senti certa nostalgia ao observar aqueles grafismos, principalmente os do teto. Possivelmente, você, em meu lugar, não sentiria nada, nenhum sentimento. Afinal cada pessoa tem sua própria percepção. Já discutimos sobre percepção, a qual remete às incertezas, ao indeterminado, delineando assim o processo de comunicação entre o dado e o evocado. A fé perceptiva, aqui, passa a ser como uma adesão ao *mundo cela*, à realidade tal como vemos. Neste caso, a realidade da maneira como eu vi. No entanto, a percepção exige o exame radical da nossa existência por meio do corpo e da imputação de sentidos (MERLEAU-PONTY, 1992).

Convém destacarmos que a cela 04, comparada as demais, foi a que menos sofreu agravante físicos. Salvo a inexistência das grades das janelas, a parede central com um moderado desgaste na parte inferior, uma ou outra infiltração e desgaste do teto. O mais curioso desta cela é, nitidamente, o contraste das expressões gráficas, indo do sagrado ao profano, da religião, aos elementos fúnebres, mas com bastante humor e ironia como na sátira abaixo:

³⁴ A analítica existencial de Heidegger (2005) tematiza a angústia como uma disposição afetiva fundamental do ser-aí humano. A partir de sua analítica do ser-aí e de suas reflexões posteriores sobre a técnica moderna, são discutidos os sentidos dos modos correntes de evitação da angústia e de encobrimento da condição essencial de desabrigo da existência por meio da compulsão de controle e segurança.

Figura 14: Tirinha da cela 04. “A Fuga”



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

O efeito de humor foi um recurso utilizado pelo autor da tirinha, Gilmar³⁵, para mostrar que o “melhor” presídio do estado estava com falhas na segurança, pois ocorrera a fuga de dois presidiários a poucos metros da viatura da polícia. Excluindo a ironia, não se tem dados concretos de nenhuma fuga de detentos na Penitenciária, o que me leva a considerar que a crítica do autor relaciona-se às deficitárias estruturas físicas das celas, do espaço como um todo, podendo ter as paredes quebradas, derrubadas, como sugerido pelos personagens do desenho.

Observemos, agora, a vista interna da cela 05:

³⁵ Notar assinatura “Arte Gilmar – SP”, logo abaixo da Tirinha.

Figura 15: Vista interna cela 05.

A CELA 05**4 x 4 m****CELA 05**

Fonte: Elaborada pela autora (2017).

A cela 05 (FIGURA 15) é o recinto que sofreu mais agravantes estruturais. Todas as paredes estão com rachaduras, buracos e desgastadas na parte inferior. O teto possui sérias infiltrações, que possivelmente ocasionaram parte do desgaste das estruturas das paredes.

Os grafismos estão em péssimo estado de conservação. Muitos estão drasticamente apagados. Existem algumas inscrições no teto, aparentemente nomes e/ou pseudônimos dos autores. Um dos grafismos mais curiosos desta cela é a representação de uma porta semiaberta desenhada na escala de 1 x 1 m.

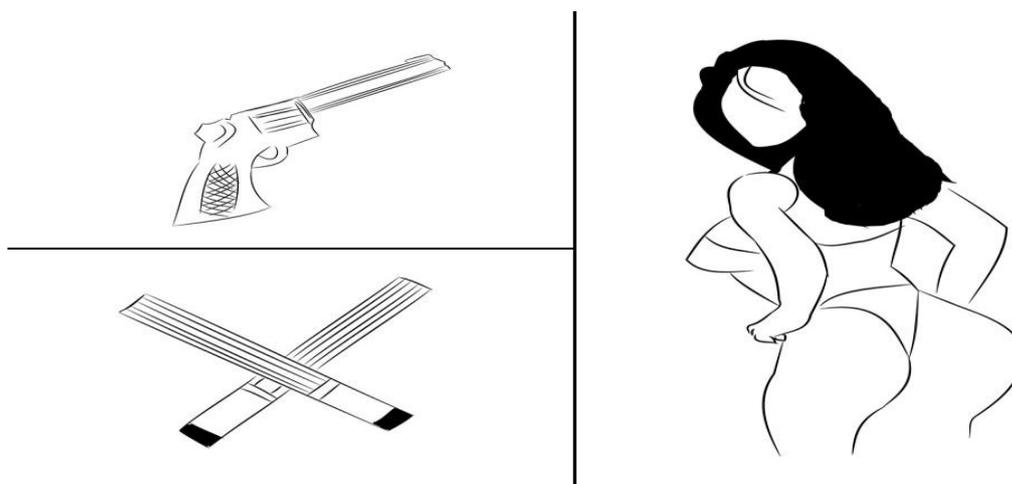
As palavras escritas nesta representação da porta já não são mais legíveis, devido aos agravantes físicos descritos. A única palavra legível é “PORTA”, a qual possivelmente deveria complementar a inscrição como: “PORTA DE ALGO”.

A parede central apresenta grafismos de mulheres em posições sexuais, visivelmente desgastados, onde só foi possível sua identificação com o melhoramento das imagens fotográficas e a vetorização dos mesmos. No entanto, estes mesmos grafismos dividem espaço com uma frase escrita com letras vistosas:

“JESUS ELE NÓS LIBERTARA” (FIGURA 15)

Nas outras paredes, poucos grafismos ainda visíveis. São desenhos de armas, provavelmente calibres 38, representações de cigarros, e um ou outro grafismo que representam, aparentemente, desenhos de rostos femininos, conforme podemos notar na figura 16:

Figura 16: Grafismos cela 05.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Esta experiência mais íntima com o objeto de estudo foi interessante para ajudar a refletir sobre a dinâmica das celas, a luz, a acústica e mesmo ter uma intimidade maior com os grafismos, do que somente observá-los por fotos em um computador qualquer. Nesse sentido, a fenomenologia pode dar a impressão de que ela é uma forma de filosofia que se volta para o solipsismo³⁶. Os conceitos trazidos da fenomenologia inspiraram novas maneiras de se envolver com a materialidade, seja ela do passado ou presente. Tilley (2014) argumenta que, para entender uma paisagem ou monumento, por exemplo, é necessário que os

³⁶ Segundo o dicionário *on line* de Português, solipsismo é a doutrina segundo a qual só existem, efetivamente, o eu e suas sensações, sendo os outros entes (seres humanos e objetos), como partícipes da única mente pensante, meras impressões sem existência própria. Embora frequentemente considerado uma possibilidade intelectual (caso limite da filosofia idealista), jamais foi endossado integralmente por algum pensador.

Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/solipsismo/&hl=pt-BR.> > Acesso em: 20 mai. 2017.

arqueólogos documentem seu próprio envolvimento físico com esses espaços à medida que se movem e passam por eles (TILLEY, 1994; 2004a).

Foi justamente isto que tentamos fazer. Documentar, registrar, experienciar cada cela, o que permitiu uma análise detalhada de como esses espaços carcerários funcionam no corpo para criar uma compreensão específica de um lugar. Tal metodologia trouxe uma série de narrativas no encontro encarnado de contato com uma variedade de desenhos, símbolos e inscrições, detalhando palavras e fotografando sua experiência, enquanto caminhava de um local para outro. Tilley (2004) considera, por exemplo, os pontos de vista de locais específicos, a ordem em que se encontram a materialidade em diferentes espaços dentro de um monumento (TILLEY, 2004a), a maneira pela qual os monumentos podem imitar elementos da paisagem física (TILLEY, 1994, p.105); e sua própria experiência corporal de características topográficas, como piso rochoso, encostas íngremes e áreas pantanosas. Diante desta perspectiva, avaliei, em contato preliminar, como as temáticas de *apelo religioso e sexualidade* se desenvolviam nas celas, observando suas disposições espaciais, a intencionalidade, a frequência em que apareciam em cada cela, além da minha experiência corporal com o meio.

Tilley (2004) também sugere que o encontro do arqueólogo com um monumento ou paisagem no presente pode fornecer informações específicas sobre as maneiras pelas quais as pessoas do passado experimentaram e interpretaram esses lugares. Já que nos comprometemos hoje com a mesma paisagem física, e porque nossa experiência dessa paisagem, com o espaço, assim como a das pessoas passadas, é mediada pelo corpo humano. Logo, nossas opiniões e interpretações podem compartilhar elementos importantes (TILLEY, 2004, p.201).

A fenomenologia tem muito a dizer sobre a comunidade humana e provê uma descrição extensiva de nossa experiência de outras mentes (SOKOLOWSKI, 2014). Assim, existem duas abordagens para a descrição de nossa experiência dos outros, neste caso, de minha experiência em relação aos presos:

- (1) Posso/ podemos simplesmente descrever como experiencio diretamente os grafismos dos presos, como reconhecemos seus *corpos* como a corporificação de mentes e si mesmo com o meu próprio corpo;

(2) Posso/ podemos tomar uma rota mais indireta e descrever como experienciamos o *mundo* (a penitenciária como um todo), e as coisas *nele*, como sendo também experienciadas por outras mentes e outros si mesmos. Nessa segunda abordagem, não visamos à relação direta entre mim e os outros (presos), mas à relação que ambos ou todos temos para com o mundo e as coisas que possuímos em comum, como, por exemplo, “mente” (SOKOLOWSKI, 2014).

Para Tilley (2004), a experiência física de um arqueólogo, enquanto ele atravessa uma paisagem ou espaço particular, fornece um ponto de entrada para as interpretações das pessoas sobre essa paisagem no passado.

Dentro desta perspectiva, Thomas (2004) desenvolve uma linha útil de argumento baseado na leitura do trabalho de Heidegger (2005). Sugere que não podemos entender o mundo material em sua forma pré-cultural, já que nós mesmos somos seres socialmente incorporados. Como tal, reconhecemos objetos como "árvores ou montanhas ou túmulos". As coisas nos aparecem de maneiras que são construídas culturalmente, de modo que o ato de percepção também é um ato de interpretação (INGOLD, 1992; JOHNSTON, 1998; JONES, 2002). Portanto, é improvável que simplesmente caminhar através de um edifício, monumento ou paisagem, ou manipulação de um artefato, poderá nos fornecer uma visão autêntica das experiências das pessoas, uma vez que essas experiências são historicamente constituídas. Mas, ainda assim, sentir o espaço de forma mais íntima, observando-o detalhadamente, envolvendo-nos corporalmente, poderá nos auxiliar a chegar a um caminho mais verídico do passado, do que meramente por vias analíticas e processuais.

5

AS PAREDES FALAM SIM!

“(...) Sempre algo me distrai o pensamento. Os mais exaltados contaminam a gente, mas o melhor é pensar que está tudo bem (ou tentar), (...). Depois que saiu daqui um indivíduo metido a “valentão” e “matador”, já não há espaços suficientes nas paredes para a minha mania de desenhar discos-voadores, cogumelos gigantes ou escrever com letras vistosas nomes de bandas de Rock. Muitas celas daqui têm a minha marca registrada, um disco colorido. Vou fazer uma batalha para descolar lápis para desenho. É uma boa para manter o tempo.” (JUNQUEIRA, 1990, p. 27).

Depois de ter lido esta citação, você conseguiu imaginar a cela de Itamar Junqueira? Conseguiu imaginar seus desenhos de discos-voadores, cogumelos gigantes, nomes de bandas de rock escritas com letras vistosas? Conseguiria certamente imaginar não só a cela, mas o presídio inteiro, ainda que eu não escrevesse aqui sua descrição? Imagine, agora, a porta de sua casa a uma curta distância, de modo que seja possível visualizar tudo que há no trajeto até ela. Talvez possa imaginar cada um dos inúmeros pequenos detalhes de todo o caminho do lugar que está agora até a sua casa. Seriam incontáveis detalhes de

um lugar relativamente curto se comparados com a extensão da cidade inteira, e poderíamos elevar esse enquadramento ao país inteiro, ao planeta inteiro, tornando impossível segurar a imaginação à totalidade pretendida.

Ainda que possamos imaginar ínfimas coisas sobre o lugar, o espaço, nossa compreensão acerca do que é o espaço não parece muito segura. No entanto, parece segura a hipótese de que essa “consciência espacial” é fundamental para o sucesso das mais variadas ações, e para orientação em sair de casa e chegar à Universidade, por exemplo. Afinal, representamos essa ordem dita espacial em nossas figuras, na arte, na conversa cotidiana, na geometria, como veremos, logo a seguir, nos desenhos e murais de palavras feitas pelos presos da penitenciária nas temáticas de *apelo religioso* e *sexualidade*. O próprio modo como nos comportamos no mundo tem lugar na espacialidade (HEIDEGGER, 1999). O espaço, neste sentido, firma-se como um aspecto essencial, ainda que incerto, da nossa experiência do mundo.

Vimos no capítulo 3, que ao longo de sua filosofia, Husserl (2000) preocupou-se incessantemente em fundamentar o conhecimento teórico na experiência, nos acontecimentos vividos na perspectiva de organismos conscientes, mergulhados em contextos imensuráveis. E assim, também deve ser com o conceito de espaço: todo o conhecimento aplicado em nossos constructos, das técnicas de desenho à arte, como na geometria, na astronomia, na fabricação de um mapa... Todos, de algum modo, têm paternidade, ao menos parcial, no que chamamos de experiência espacial, pois é desta experiência que irradia o sentido de espaço.

É importante tornar claro que a produção de grafismos, sejam eles desenhos ou frases escritas coadunam com a descrição e interpretação da experiência imersa; e deve então ser vista dentro do contexto do que é descrito ou interpretado. A prática pessoal está enraizada no contexto da experiência da paisagem e dos detalhes do "lugar". A proposição de Bachelard (1994), na *Poética do Espaço*, que a mente é formada por meio dos lugares e espaços em que habitamos, reforça a reciprocidade da experiência, na qual são esses próprios lugares, que moldam e influenciam nossas memórias, sentimentos e pensamentos. "... Je suis l'espace où je suis (eu sou o espaço onde eu estou)..." (BACHELARD, 1994, p.137).

O foco de Bachelard (1994) nos espaços públicos e privados como a casa doméstica explora a interação entre experiência, consciência e memória, como diferentes espaços se envolvem e afetam as concepções internas e externas, experiência e memória. De fato, como afirma Bachelard "... Je suis l'espace où je suis (eu sou o espaço onde eu estou) ..." (Bachelard, 1994, p.137), então a especificidade da paisagem deve ser considerada em sua relação com a noção de "lugar" dentro da prática artística, neste caso, dentro da prática de produção dos grafismos realizada pelos detentos. As formas fenomenológicas de pensamento, descritas acima, oferecem formas que consideram essa relação entre paisagem (celas), artista (presos), atividade (desenhar/escrever) e resultado (grafismos). Veremos que o lugar (penitenciária como um todo) revela uma conexão fundamental entre a experiência incorporada do preso e a atividade do desenho, da produção dos grafismos.

É importante notar dentro desse contexto, que na vivência cotidiana, no espaço, estamos em contato contínuo com as formas materiais, sofrendo a experiência da materialidade que os cerca à medida que nossos sentidos são estimulados. A audição, o tato, o olfato, o paladar e a visão constituem-se, desse modo, nos canais de comunicação que possibilitam a internalização do mundo extracorpóreo. Esses canais comunicam os princípios do grupo no qual o indivíduo se insere, seja no nível familiar, seja no nível mais amplo da sociedade. Cabe lembrar que essa influência não é unidirecional, uma vez que os seres humanos também influenciam o mundo ao seu redor, externalizando o que faz parte de seu universo interior. Esses dois processos são denominados, de acordo com as ideias de Bourdieu (1977) de incorporação e objetificação.

Situando essas experiências interativas dentro do contexto dos grafismos apresentados nas celas da penitenciária, percebe-se que o espaço condicionante age como um corpo a ser tatuado, cada "braço", "perna", "costas" das paredes, nestes exemplos, alojam símbolos ou mensagens que configuram identidades. No processo cotidiano de interação entre os detentos que viveram nas celas, entre as celas e o espaço arquitetônico geral, as regras sociais objetificadas na materialidade das paredes, acabavam por ser incorporadas pelos indivíduos. Estes respondiam a essa dada materialidade de forma objetiva (desenhos e murais de palavras), a partir

de uma motivação subjetiva (pensamento, lembranças de um passado vivido, etc.). Nessa dialética internalização/externalização eram formadas identidades individuais e coletivas que, embora nem sempre tomadas conscientemente pelos indivíduos presos, estavam de algum modo presentes em suas relações com o mundo exterior.

Essa manifestação inconsciente da identidade cultural estruturada nos seres humanos ao longo de suas vidas é denominada *habitus*. O *habitus* pode ser caracterizado, segundo Bourdieu (1977), como história tornada natureza. Esse conceito pode ser entendido como a intervenção humana no mundo, por meio de pensamentos e de ações não premeditados, a qual é dada de acordo com a experiência particular de vida adquirida pelo indivíduo até o momento em que se dá essa intervenção. Embora, objetivamente, o *habitus* se apresente como uma estratégia de atuação, ele não é produto de uma intenção estratégica previamente elaborada. O *habitus* é um sistema socialmente constituído de estruturas cognitivas e motivacionais, mais profundas do que o que sustenta o simples interesse. Ter interesse e manifestá-lo é uma forma de exteriorizar um pensamento planejado, enquanto que o *habitus* não envolve planejamento prévio, caracterizando-se como uma atitude que aparenta ser natural ao ser humano, mas que foi socialmente construída no decorrer de sua existência.

O pensamento toma forma física e acaba por originar, como uma extensão da mente humana, a cultura material. Esta, por sua vez, ao atuar fisicamente no mundo, aguça os sentidos – visão, audição, paladar, tato e olfato – e internaliza esse mundo exterior ao nível particular de cada ser humano.

Diante disso, o corpo vivo, nada mais é do que uma combinação dinâmica entre sujeito e objeto. Pode-se dizer que é impossível ser puramente objetivo ou puramente subjetivo, na medida em que a experiência e conhecimento do mundo resultam desses dois níveis. Nesse processo dialético de interação entre pessoas e coisas, ideia que dá base à fenomenologia, o mundo exterior e o universo interior se tornam tão intrinsecamente ligados e interdependentes que já não é mais possível falar em sujeito e objeto de modo isolado (TILLEY, 2004). O pensamento humano ocupa lugares no mundo físico da mesma forma que as formas concretas têm lugar na mente. Um existe sem o outro, mas somente enquanto não se entrecruzam. No exato momento em que uma dada paisagem ou um dado objeto é

percebido por um indivíduo a personificação das formas materiais e a objetificação do pensamento tomam seu lugar, dando forma e sentido a um mundo que é particular a quem o percebe.

O mundo percebido é, portanto, o mundo real de cada indivíduo. Como afirma Merleau-Ponty (1999, p.13-14), “não é preciso perguntar-se se nós percebemos o mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos”. A ignorância é o que separa o irreal do real, o mundo fictício do mundo verdadeiro, e cada ser humano tem o seu próprio mundo, já que o percebe de uma forma particular. Dessa visão decorre um universo que se restringe à existência individual de cada ser humano: o que está fora do alcance físico ou imaginário de uma pessoa, o que ela ignora, não possui significado algum para a mesma, por isso não pode ser considerado parte do seu mundo. Portanto o mundo não é somente quantificável e mensurável, mas é sensível, sente e faz sentir.

Trazendo esse pensamento para o estudo das formas materiais busca-se romper com o modo de fazer arqueologia exclusivamente por meio de números, tamanhos e formas; e propõe-se, a partir das ideias da fenomenologia, uma pesquisa que tem nas experiências sensoriais um método para compreender as sociedades passadas. Nas palavras de Merleau-Ponty (1999):

Fenomenologia é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Pensando em Arqueologia, Tilley (2014) leciona que dentro da fenomenologia, os artefatos, lugares e paisagens podem se tornar partes dos nossos corpos: ‘a mão e o braço’ que sustentam o artefato; e tornam-se animados e contínuos com ‘o braço’ que os seguram; casas e canoas podem ser metaforicamente concebidas como partes de nossos corpos, engendrando relações sociais no espaço-tempo; de forma similar, lugares pertencem aos nossos corpos, e, simultaneamente, nossos corpos pertencem a esses lugares. É o que o mesmo

autor chama de “embodied landscape experience³⁷”. Nós aprendemos como nos orientar e reorientar em relação aos nossos sentidos, formando representações internalizadas em mapas cognitivos, o que vão exercer um papel poderoso em como os percebemos, que, por sua vez, se tornam articulados através de um nexo somático.

Sentir a materialidade e desenvolver técnicas corporais de interação com a mesma não é somente uma questão de tocar ou evitar tocar as coisas. Mais do que isso, o mundo material é um componente forte no processo de direcionamento da estrutura mental, do comportamento, das relações humanas, da vida, por conseguinte (TILLEY, 2004). A existência pessoal e a existência social estão intimamente ligadas às formas físicas que demarcam a conduta corporal humana. A partir de diferentes experiências corporais são criadas diferentes noções de espaços somáticos, desenvolvendo-se noções distintas de espaços perceptuais e existenciais. Como as construções têm um papel crucial na criação, produção e reprodução do espaço existencial e, conseqüentemente, do espaço perceptual, as diferenças entre as formas arquitetônicas resultam em noções diferentes de identidade individual e coletiva.

Desta maneira, iremos conhecer agora como estas relações foram dadas; como a criação de desenhos e murais de palavras nas celas fazem parte de uma prática integrante da vivência e experiência de seus criadores, na qual coadunam marcas da transformação nessa prisão. Para isso, estudaremos duas temáticas que classifico como as mais comuns de serem encontradas nos ambientes carcerários, levando em consideração alguns elementos como: a necessidade, carência, indulgência (*apelo religioso*) e desejos da carne (*sexualidade*).

5.1 Como os presos se comunicam? Entre o sagrado e o profano

Partindo do pressuposto de que o ambiente comunga com a experiência corpórea, notei que muitos grafismos nas celas obedecem a esta noção

³⁷ “Experiência corporificada da paisagem”. Tradução da autora.

fenomenológica do espaço. Uma vez que dois temas de maior recorrência, *apelo religioso e sexualidade*, configuram, na maioria das vezes, pelo menos duas dimensões básicas e concretas: “acima/ abaixo” ou “cima/baixo. Vejamos:

5.1.1 *Apelo Religioso*

“Oração do Presidiário

*Ó Divino Pai Nosso,
vós que conheceis cada tribulação
minha dentro desta cela
e que conhece cada passo,
pensamento e ação da minha vida;*

*vós que sabeis certamente todas as minhas ações
sabeis também que eu mesmo agora sou vítima
e quanto seja alto o preço que estou pagando
pelas minhas ações
e que comigo estão pagando também todos os meus queridos;*

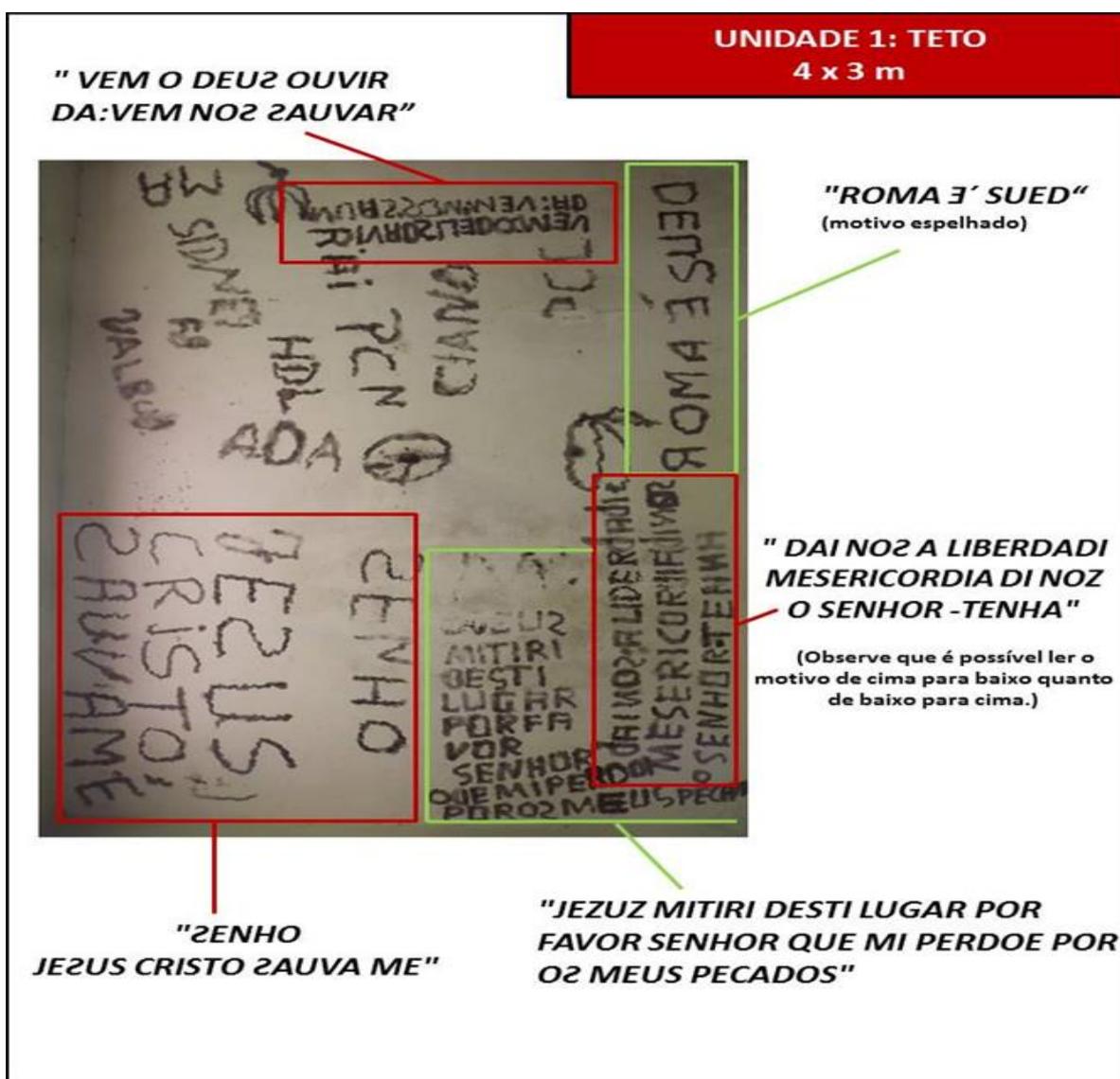
*Faça com que eu possa tornar a eles
com um coração novo e bons pensamentos;
renascido na fé por nós,
e no respeito pelos outros com amor,
como nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou.”³⁸*

(SANTALUCIA)

³⁸ Texto escrito por Rosalba Santalucia, preso em São Paulo, que frequentava a paróquia da Ressurreição até mudar-se para San Donato Milanese, província de Milão, na Itália, onde hoje frequenta a Paróquia de Santa Bárbara.

A temática denominada de “apelo religioso” está presente, principalmente, nos tetos das celas e em locais estratégicos nas paredes, que correspondem à noção “*corpo versus espaço*”. Esta temática diz respeito a elementos de cunho religioso, ligados ao discurso apelativo, além de outras manifestações parietais relativas a passagens e iconografias cristãs. Observa-se que 70% dos murais escritos, no teto e nas paredes, fazem referência a homílias e preces religiosas. Os presos têm a figura divina de Deus e Jesus Cristo como mediadores para as graças almejadas (FIGURA 18).

Figura 18: *Temática de apelo religioso presente na Cela 02.*



FONTE: ELABORADA PELA AUTORA (2015).

De acordo com Foucault (1999), o ambiente carcerário é um recinto da lentidão do suplício, peripécias e sofrimento do condenado. Na medida em que o detento é pressionado pela dor e pela agonia, ele passa a ser visto como o teatro do inferno, pois ele está sendo julgado tanto pela justiça dos homens, como, também, pela justiça de Deus. Neste sentido, a punição terrestre é considerada como dedução da pena divina futura. É neste ambiente que lhe vem o arrependimento, muitas vezes tardio, fazendo com que, diante de tantas discrepâncias sofridas, suplique a Deus: misericórdia, piedade, compaixão e indulgência.

Foucault (1999) aponta que a função panóptica de Deus nos presídios e penitenciárias expande a prisão dos apenados ao cárcere das emoções, pois o aprisionamento já não se circunscreve ao espaço geográfico do presídio, mas às mentes e consciências dos vigiados. Não apenas à religião integra essa teia social. A própria divindade entra no jogo a serviço da religião, tornando-se tão dócil e útil no processo de empoderamento quanto o próprio preso.

É nos sentimentos mais cristãos e nas demonstrações exteriores de religião que se observa o mais sincero arrependimento. Ferreis (*apud* Foucault, 1999) argumenta que:

Sozinho em sua cela o detento está entregue a si mesmo; no silêncio de suas paixões e do mundo que o cerca, ele desce à sua consciência, interroga-a e sente despertar em si o sentimento moral que nunca perece inteiramente no coração do homem. (FERREIS *apud* FOUCAULT, 1999, p.363)

Conforme Eliade (1999), na hierofania³⁹ o sagrado vem à tona da consciência do homem como fenômeno. Aqui, a consciência e o fenômeno são

³⁹ O termo foi cunhado por Mircea Eliade em seu livro *Traité d'histoire des religions* (1949) para se referir a uma consciência fundamentada da existência do sagrado, quando se manifesta através dos objetos habituais de nosso cosmos como algo completamente oposto do mundo profano. Para traduzir o ato de manifestação do sagrado, Eliade sugere o termo hierofania, é necessário, pois se refere apenas ao que corresponde à sagrada que nos é mostrado. Eliade explica: "Para aqueles que têm uma experiência religiosa, a natureza como um todo é susceptível de se revelar como sacralidade cósmica. Cosmos como um todo pode se tornar uma hierofania. O homem das

inseparáveis. As hierofanias são formas de experiência do sagrado por parte do homem que variam no tempo e no espaço em seus traços externos, mas que internamente se universalizam. Em última instância, as hierofanias, neste estudo, demonstram que os grafismos do teto são sentimentos ou narrativas que mostram o anseio dos presidiários por transformar a desordem (seus crimes, seus sentimentos malfazejos) em ordem (liberdade de espírito e de ser), o caos em cosmos:

“JEZUZ MITIRI DESTI LUGAR POR FAVOR SENHOR QUE ME PERDOE POR O² MEUS PECADOS”. (FIGURA 18).

Neste sentido, na consciência, como absoluto a priori, está presente a ideia de uma força, um poder, um inteiramente "outro", que mantém a ordem do mundo apesar de forças contrárias e ameaçadoras da desordem. Todos os atos culturais de caráter religioso expressam o apoio humano (presos) à ordem e o rechaço à desordem. A hierofania, em Eliade, portanto, é a própria experiência religiosa.

Sob análise da fenomenologia husserliana e heideggeriana aplicadas à Arqueologia, comugando as noções de vivência, experiência, relação comunal de espaço e cotidiano (*dasein*), foi possível constatar a relação íntima, entre autores e suas criações, dada por meio da observação da utilização do espaço parietal, estruturada intencionalmente, obedecendo à compatibilidade entre o que é material e o que é social. Uma vez que os detentos, dotados de uma consciência e almejando o perdão divino, suplicam por piedade; e a saída para livrar do sofrimento em que se encontravam, direcionam suas orações para Deus e Jesus Cristo. Desta maneira, para fé cristã, onde está a morada de Deus senão nos céus? Ao orar, o ato de erguer a cabeça para o alto, para os céus, nada mais é que uma tentativa de estabelecer uma relação proximal com *Aquele* com quem se quer comunicar. No ambiente interno da cela, os presidiários, na prática desse ato, não conseguiam obviamente enxergar os céus, pois se encontravam diante de uma estrutura de concreto e de gesso que impedia essa visibilidade.

sociedades arcaicas tende a viver tanto quanto possível o sagrado ou na privacidade dos objetos consagrados. A sociedade moderna habita um mundo dessacralizado.”

O teto, dentro deste contexto, estabelecido aqui como elemento não-humano, possuem “agência”, tornando-se elemento mediador entre a comunicação dos detentos, Deus e Jesus Cristo. Isto se torna claro ao perceber que a criação dos murais representando súplicas e explanação da fé cristã no teto, e não em outros suportes como as paredes, por exemplo, se deu pelo estabelecimento de uma comunicação do consciente, do imaterial (mente), aquilo que estava no íntimo de quem escreveu, para o material (suporte/ teto). Observa-se que o detento (emissor), escreveu suas súplicas e pedidos (mensagem), expressos no teto (canal) para chegar a Deus e Jesus Cristo (receptores) da mensagem.

Assim, percebe-se que por meio da linguagem torna-se possível para os detentos expressarem o modo como as palavras do íntimo dos seus anseios são; e transmiti-las esse modo de apresentação para outra pessoa, para Deus e para outros observadores (SOKOLOWSKI, 2014). Por meio destas palavras escritas no teto, os autores mudaram a apreensão do modo como as coisas aparecem. E como seres conscientes são competentes em suas descobertas, as palavras acabam apreendendo o modo como as coisas são. Ao mesmo tempo, as coisas escritas são temperadas pelo modo com o qual temos descoberto as coisas em questão, assim elas indicam ao leitor, destinatário (Deus e Jesus Cristo), algo sobre quem os autores (detentos) são.

Em algumas paredes das celas, encontraram-se elementos de cunho religioso, ainda que em quantidade reduzida. São passagens bíblicas de salmos e temática figurativa de Jesus Cristo, que remetem ao universo cristão, possivelmente católico. Observemos na figura 19, logo abaixo, que o detento reproduz a cena da Paixão de Cristo, onde o pensamento da figura desenhada é um pedido de ajuda “*Me ajude por favor*” e ao lado com letras vistosas “*Temos fé em Jesus ok! 100% paz*”.

Todas essas manifestações textuais expressam um pedido às figuras de Deus e Jesus Cristo, o que leva a propor que a religião se converte em um recurso de emancipação e esperança para sublimar a reclusão permanente. Alguns dos grafites registrados tratam do amor a Deus e trazem pedidos de proteção a Jesus Cristo.

Figura 19: Temática figurativa de Jesus Cristo carregando a cruz, expressando um pedido, apelo



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Não é, portanto, um respeito exterior pela lei ou apenas o receio da punição que age sobre o detento, mas o próprio trabalho da consciência. Em Hill (*apud* Foucault 1999, p.268), “os muros são a punição do crime, a cela põe o detento em presença de si mesmo; ele é forçado a ouvir a própria consciência”. Na cela fechada, sepulcro provisório, facilmente cresce o mito da ressurreição (FIGURA 17). Hill (*apud* Foucault, 1999, p.269), ainda advoga:

Só vejo em vossa cela um horroroso sepulcro no qual, em lugar dos vermes, os remorsos e o desespero avançam em vossa direção para roer-vos e fazer de vossa existência um inferno antecipado. Mas... aquilo que para o prisioneiro sem religião não passa de uma tumba, um ossário repulsivo, torna-se, para o detento sinceramente cristão, o próprio berço da imortalidade bem-aventurada. (HILL *apud* FOUCAULT, 1999, p.269).

Neste sentido, de acordo com Sokolowski (2014), existem muitas disposições ou emoções humanas que não podem ser compreendidas exceto como resposta a uma “ausência” dada. No âmbito da produção de grafismos de caráter religioso, os sentimentos de esperança e desespero pressupõem que os autores cristãos podem intencionar algo bom (*anseio de liberdade e salvação da alma*,) que ainda não se obteve; e se tem confiança ou dúvidas em se conseguir. O arrependimento só faz sentido, porque eles estão conscientes do passado.

Em uma das celas, precisamente a cela que está ao lado do Gabinete do Delegado, encontrou-se o desenho do Sagrado Coração de Jesus de aproximadamente 70 x 60 cm (FIGURA 20). O que mais impressiona, neste grafismo, é sua disposição espacial, que me leva a considerar a intimidade, ou melhor, a relação proximal entre o indivíduo e a cela. Uma vez que ele foi desenhado justamente na parede que vai de encontro a porta de entrada/saída das celas. Quem está do lado de fora da cela, ao enxergar o grafismo, tem a impressão de que Jesus Cristo está preso. Seria alguma mensagem referente a “injustiça”? Já que Cristo foi preso e crucificado injustamente?

Figura 20: Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Na primeira imagem, a esquerda, busto do Sagrado Coração de Jesus visto de dentro da cela. Na segunda imagem, à direita, busto do Sagrado Coração de Jesus visto do lado de fora, dando a impressão que Jesus Cristo está encarcerado.

É notório, portanto, que, na prisão, todas as relações sociais são diferenciadas dos padrões sociais comuns. É o início da perda da identidade, moldando-se, enfim, uma nova personalidade da pessoa presa (WOLFMANN, 2000). A desidentificação e despersonificação do sujeito são, definitivamente, aspectos relevantes no processo de mutilação moral. De frente com a religiosidade, um “novo nascimento” seria a esperança de reconstrução de uma “nova identidade” moral, manifestada em uma “nova criatura”, isento de culpas ou novos julgamentos.

É bem verdade que há hoje certa consciência da importância dos direitos humanos. Porém, quando estes direitos dizem respeito a prisioneiros, há sempre certo preconceito travestido de ressalvas para estigmatizar o condenado. Embora autores cheguem a afirmar que, independentemente da falsidade ou sinceridade da conversão, o importante é que os crentes dão menos trabalho do que os outros presos (SCHELIGA, 2000, p.74. Como Wolfmann afirma: “A religião ocupa um importante lugar na recuperação do homem preso. Seja ela qual for, a sua influência no ambiente carcerário é muito forte e concorre, sobremaneira, para a manutenção da disciplina”. (WOLFMANN, 2000, p.183).

Mirabete (*apud* MATTOS, 2002, p.74), por sua vez, assevera que a religião tem influência altamente benéfica no comportamento do homem encarcerado e é a única variável que contém, em si mesma, a faculdade de transformar o homem encarcerado ou livre. Para Dias (2008),

A aceitação de sua identidade religiosa e, portanto, de sua permanência dentro da cadeia nessa posição, está condicionada a esse afastamento em relação à massa carcerária, como se fosse uma espécie de não-pessoa ou, em outros termos, é decretada a sua morte 19 simbólica enquanto participante de um determinado mundo. (DIAS, 2008, p. 36-37).

O fato é que diante da noção fenomenológica entre o corpo e o espaço, Aristóteles explicava que “acima’ não é uma qualidade qualquer, mas onde o fogo e aquilo que se qualifica como luz se move. Da mesma forma, ‘abaixo’ é uma qualidade específica, onde as coisas pesadas e terrosas se movem” (Physics – Livro IV *apud* TILLEY, 2014). Essa distinção fundamental entre a leveza dos céus, associada aos poderes do espírito e o peso da terra, domínio dos humanos, é um motivo recorrente em inúmeras etnografias e religiões ao redor do mundo.

A retidão se manifesta tanto no corpo como no mundo – essa é a origem das visões medievais e renascentistas do *corcordia mundi*, onde a cabeça e o céu, assim como as genitais e as regiões sublunares correspondem umas as outras (CASSEY *apud* TILLEY, 2014). E isso, por sua vez, nos leva a uma oposição entre os orifícios nobres da cabeça e os orifícios genitais, o excremento e outras formas de mácula (DOUGLAS *apud* TILLEY, 2014).

Lugares sagrados como montanhas, associados à luz e a disposição de ar, ou mesmo o teto das celas, podem neste caso, serem privilegiados cultural e emocionalmente, enquanto locais, situados no subterrâneo ou na parte inferior das paredes das celas, tendem a ser associados ao pecado, à escuridão ou à morte. Cima e baixo se tornam termos nos quais se atrelam propósitos morais e essenciais e os valores de “inferior” e “superior” (TILLEY, 2014). Coisas naturais e culturais de altitude/ altura (montanhas, penhascos, cachoeiras, torres de igrejas, edifícios, rochas, vasos cerâmicos, monumentos, como observamos, pelo menos neste caso, os tetos das celas) nos impressionam. Nós encontramos neles inspirações conforme os relacionamos à fisicalidade dos corpos.

5.1.2 Sexualidade

A segunda temática de maior recorrência dentro da penitenciária é a que está relacionada à figura da *mulher e a sexualidade*, dentro de um teor erótico em que, possivelmente, os réus não só sublimavam sua excitação sexual no momento em que faziam os desenhos eróticos, mas, provavelmente, sentiam um prazer ainda maior ao constatar que suas pinturas e grafites eram apreciados por outros presos (NAVARRETE, 2004).

É desta maneira que a sublimação se converte num recurso de poder sobre o âmbito simbólico e físico da cela, já que o indivíduo não apenas ocupa o recinto, mas o possui sexualmente, conforme podemos notar nas figuras 21, 22 e 23, que serão retratadas a seguir.

Contudo, antes de procedermos à análise fenomenológica desta temática, uma breve reflexão: “Em vez de desenhos, por que os presos não colocavam unicamente pôsters com mulheres nuas nas paredes das celas?”

Percebemos uma espécie de objetivação do amor platônico ou atração pelas mulheres desenhadas de acordo com o apelo sexual, usualmente orientado para uma perspectiva heterossexual. Assim, exuberantes desenhos de mulheres nuas em posição sexual são reproduzidos de forma verossímil, evidenciando certo cuidado ao retratar o corpo feminino.

Observemos, então, a figura 21:

Figura 21: Grafismos de sexualidade e erotismo presentes nas celas 03 e 04.

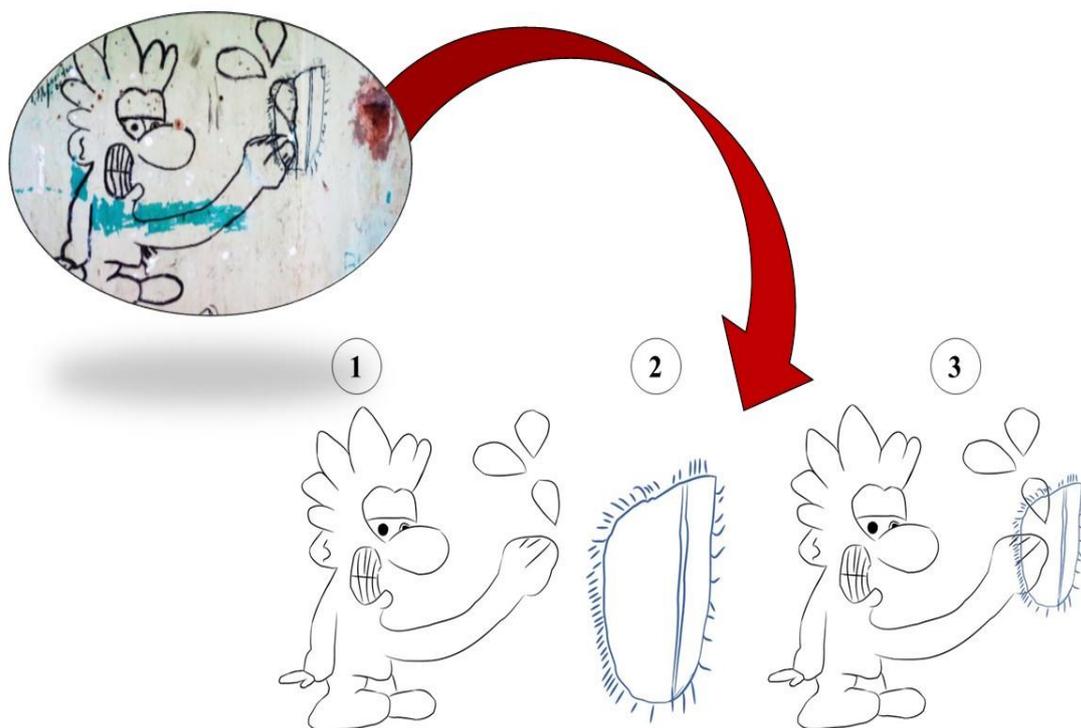


Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Lembra-se dos conceitos fenomenológicos de intencionalidade? Pois bem, cada movimento, cada atitude postural corresponde a uma intenção. Mas essa intenção, esse desejo, só se descobre pelo objeto que procura, pelo objeto que lhe ajusta, como se tratasse da peça de um quebra-cabeça que lhe falta. A intencionalidade sexual, aqui, é definida pelo corpo de um outro que se procura, podendo ser um corpo masculino ou feminino, ainda que boa parte dos grafismos imponham uma perspectiva heterossexual, pelo corpo-objeto que a complementa, que se ajusta aos movimentos do desejo. E tal como a chupeta desperta a sucção e o desejo de sugar, também é verdade que o corpo-objeto sexual dos grafismos à mercê dos presidiários lhes desperta o desejo, a intencionalidade erótica.

Agora, atentemos para o esquema da figura 22:

Figura 22: Grafismos de sexualidade.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Este desenho está localizado na cela 03. Observe que na representação da ejaculação (1) está sobreposto (3) a figura de uma vulva (2). Nota-se que o desenho da ejaculação foi feito primeiro; e por, possivelmente, um autor diferente do que desenhou a vulva, dada a diferença de traços dos grafismos e tipos de objetos. O primeiro feito a tinta, e a figura da vulva feita, provavelmente, com caneta de cor azul. O que estes grafismos podem nos revelar?

Imanente à vida sexual, é preciso considerar uma função primordial que garanta seu desdobramento. Precisamos ter em vista que na própria existência impera uma EROS ou LIBIDO dentro do ambiente da cela, capazes de animar um mundo original, dar significação sexual aos estímulos exteriores e esboçar o uso que os presos projetam e fazem de seus corpos: uma “função primordial”, onde corpo não é mais um objeto qualquer, mas estrutura subtendida num esquema sexual de veras particular. Com efeito, partindo desta análise, Merleau-Ponty (2013) não só revela modos de ser diferentes da “normalidade”, como faz entender

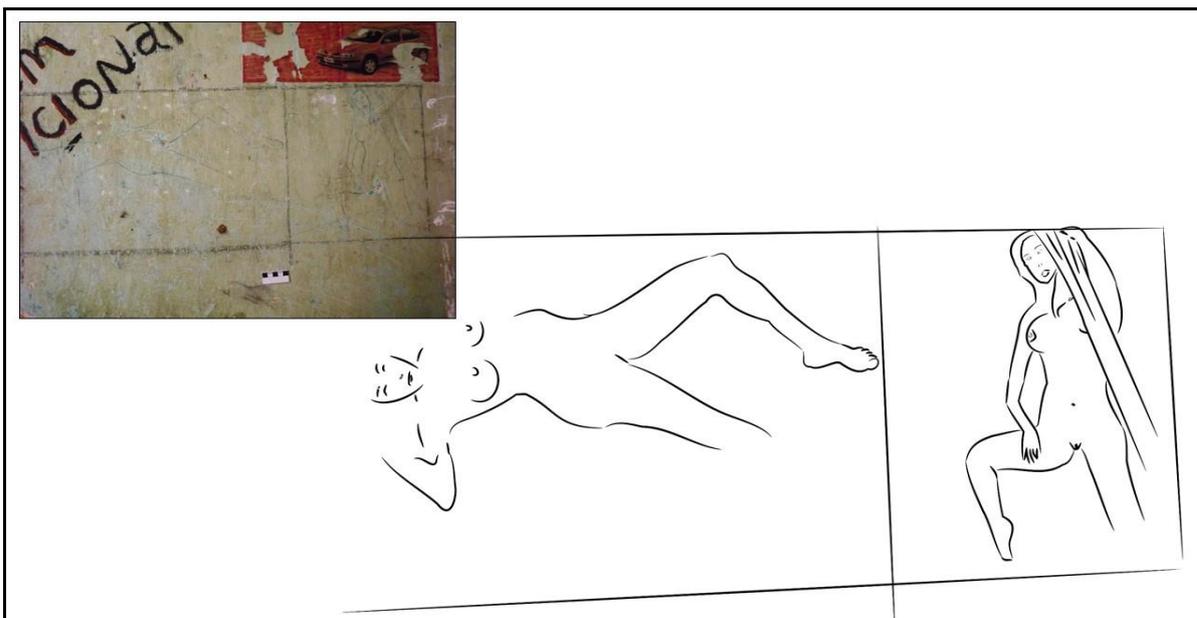
que a percepção erótica não é uma cogitação (*cogitatio*) que visa um cogitado (*cogitatum*); ela se faz no mundo, não numa consciência laborativa. Neste sentido, o presidiário aqui possui em si uma compreensão que não passa diretamente pela ordem tética, mas que, enquanto projeto em direção ao outro, liga cegamente um corpo à alteridade.

Assim, Merleau-Ponty (2013) critica tanto o empirismo, que vê na experiência erótica certa correlação entre estímulo exteroceptivo e resposta interoreceptiva, como o intelectualismo, que objetiva o fenômeno sexual a certa manifestação sensorial, apreendida pela consciência, distanciando-a de sua radicalidade fenomênica. Dentro deste contexto, a corporeidade surge como um ponto de apoio no processo de estruturação da experiência sexual-erótica. É ponto de apoio, pois é elemento de visibilidade em seu entrelaçamento com os aspectos mundano da existência.

Alguns desenhos acompanham frases carregadas de erotismo e de fantasia – tal como **“É TUDO Q ELAS PRECISÃO PARA NOS LEVARÃO AO DELIRIO”** – que está localizada justamente na parte inferior do desenho de duas mulheres nuas em posição sexual (FIGURA 23).

Figura 23: Grafismos de mulheres nuas em posições sexuais encontradas na Cela 02.



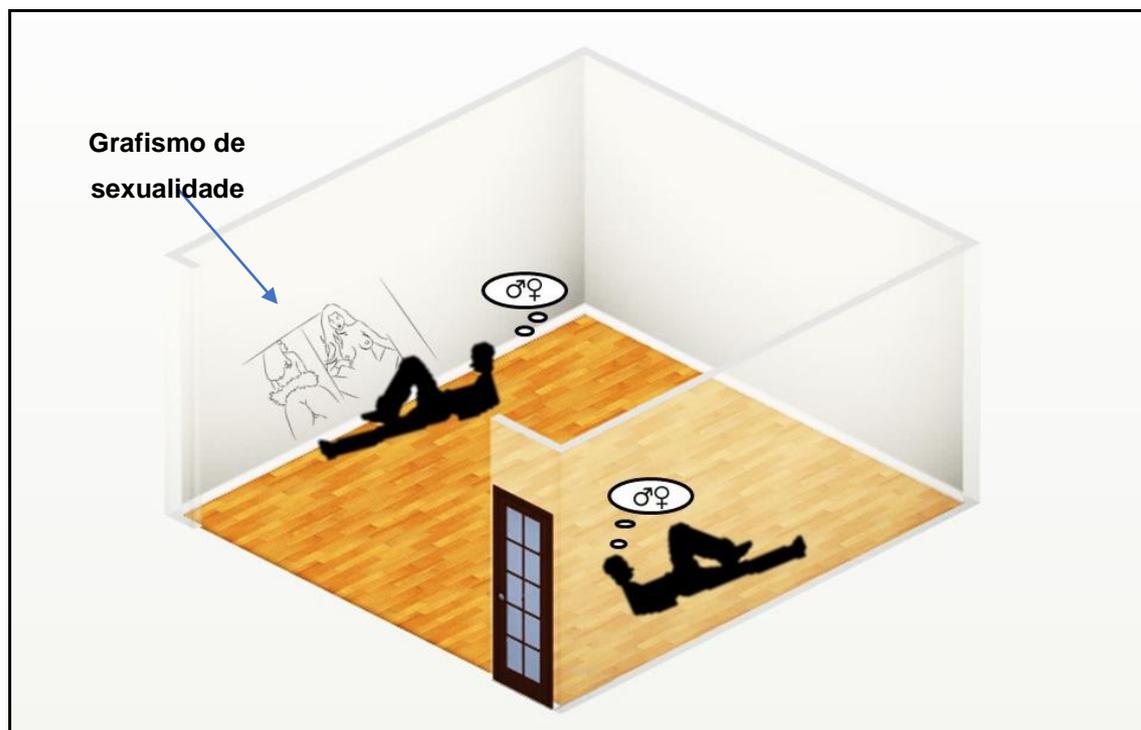


Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Observamos que as primeiras estão dispostas a aproximadamente 50 cm do piso, na Parede Norte, enquanto que as últimas, dispostas a 53 cm do piso, na Parede Sul.

Estes grafismos (FIGURA 23) estão presentes em duas manchas gráficas opostas espacialmente, na parede B (norte) e na parede D (sul) da cela ao lado do Gabinete do Delegado. Fato curioso é que ambos os grafismos estão localizados de forma semelhante, a aproximadamente 50 cm do chão, configurando a noção “acima/abaixo”, “cima/baixo” tratados pela fenomenologia. Percebe-se que, diante da notória particularidade da temática, esses suportes foram estrategicamente escolhidos. Possivelmente, a intenção da escolha está relacionada com o diálogo, local/temática. Rente a essas paredes, os detentos elaboravam camas improvisadas feitas de papelão, colchões e tecidos. Assim, eles tinham plena visão desses desenhos eróticos ao se deitarem, quiçá, em consonância com a arqueologia cognitiva, reconhecer na memória estados passados das suas vivências sexuais e mesmo imaginar no “olho da mente”, possíveis estados sexuais futuros, ao saírem da prisão, conforme podemos analisar na figura 24.

Figura 24: Representação em 3D de presos deitados observando os grafismos de sexualidade.



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Lembra-se do questionamento inicial? “*Em vez de desenhos, por que os presos não colocavam unicamente posters com mulheres nuas nas paredes das celas?*”

De acordo com Merleau-Ponty (2013), há um momento, em que quem vê e o que é visto, quem *desenha ou pinta* e o que é *desenhado, pintado*, tornam-se completamente ambíguos. Isso responde tal pergunta! A ação de pintar, desenhar, não é simplesmente um ato de pura visão; é um ato que estabelece um contato corporal entre o desenhista, neste caso o detento, que desenha com o seu corpo, e o desenho. Desenhar e pintar são processos físicos conectando estes dois elementos. Assim, o detento que desenha vê as mulheres nuas em posições sexuais e as mulheres veem o detento, não por as mulheres terem olhos reais, mas por elas afetarem, moverem o detento, tornarem-se parte do desenho, que seria impossível sem sua presença. Neste sentido, as mulheres nuas desenhadas possuem agência e não são objetos passivos. Dillon (1998) comenta sobre o pintor e a pintura das árvores:

As árvores “veem” o pintor de forma análoga àquela com que o espelho “vê” o pintor, isto é, as árvores, como os espelhos, tornam-lhe visível; elas definem-lhe por um ponto de vista que torna visível para ele algo que de outro modo permaneceria invisível- seu exterior, sua fisionomia, sua presença carnal... As árvores e o espelho funcionam como o Outro.” (DILLON, 1998, p.161-162).

Esta relação entre ver e ser visto, percepção, é o que envolve a reciprocidade entre o corpo e o mundo em um contínuo intercâmbio entre os dois. Já que o corpo humano é o tipo de matéria universal que permite ao corpo do mundo (coisas, lugares, paisagens) voltar-se a si e ser visto. Mas como esta percepção alcança o objeto? Percepção é a carne tocando-vendo-sentido a si mesma. Não há representação no nível da percepção: existe somente carne em contato com a carne. No que se refere aos grafismos de sexualidade, deve-se considerar o pensamento da percepção como vivência perceptiva, isto é, como uma relação entre sensíveis na qual a carne daquele que percebe necessariamente admite ser percebida.

Não se trata de as mulheres nuas que os detentos avistam nas paredes das celas poderem ver eles, mas eles – detentos - se tornarem visíveis a partir do ponto de vista das mulheres, como elas são visíveis a partir dos olhos deles, dado serem ambos feitos da mesma substância: a carne do mundo. O ver e ser visto, neste caso, ainda é reforçado na ênfase dada pelo autor do desenho quando ele escreve logo abaixo das mulheres a frase “*é tudo q elas precisão para nos levarão ao delirio*”. De que ou do que elas precisam? Elas necessitam dos detentos? Já eles vão ao delírio com elas, ou seja, um necessita do outro. Desse ponto de vista, a consciência não é uma sensibilização privada ocorrida num plano mental individual de quem desenha, mas uma relação ativa com o mundo.

A temática da sexualidade dentro do cárcere, neste sentido, acaba imperando uma compreensão que não necessariamente faz parte da consciência e do entendimento do encarcerado, mas que, enquanto desejo, liga cegamente um corpo ao outro, ainda que esse corpo seja um desenho representativo. A sexualidade “trata-se não de um automatismo periférico, mas de uma

intencionalidade que segue o movimento geral da existência e que se abranda com ele” (GILES, 1979, p.257).

Diante disto, se as coisas não se põem para nós como neutras e, sim, nos conduzem simbolicamente a certas atitudes ou condutas, é pela sexualidade onde o modo relacional do preso com o mundo se torna claro, pois ela é a chave da dialética entre o “em si” e o “para si” dentro da cela. Segundo o próprio filósofo, ela é a “relação entre pensamentos contraditórios e inseparáveis: é a tensão de uma existência em direção a uma outra existência que a nega e sem a qual, todavia, ela não se sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.231). Dado que as ações possíveis de uma situação só se tornam viáveis devido aos apelos que o mundo lhe suscita, não é por acaso que a afetividade tanto transcende os limites das dicotomias clássicas, quanto mostra o corpo em sua radicalidade última, a saber: como ser sexuado. Enquanto sistema aberto em direção à alteridade, o corpo como ser sexuado projeta, portanto, o modo de ser do sujeito em relação ao tempo e às outras realidades sensíveis; o que, por sua vez, nos abre para a possibilidade do resgate de uma dimensão existencial da sexualidade dentro do contexto estudado, agora compreendida a partir da mútua pressuposição entre existência (ser, detento) e suas criações, estrutura erótica (grafismos de sexualidade).

Diante da observação e análise destas duas temáticas, percebemos que a própria prática de desenhar e escrever nas paredes das celas torna-se significativamente evidenciado de forma tangível. Na qual o desenho, seja ele a representação de Jesus Cristo ou as mulheres nuas, argumentam-se dentro do contexto da cela, podendo tornar-se o invisível, visível; explorando por meio da interseção entre *sentir*, *pensar* e *fazer*. Além de questionar e investigar as possibilidades de experiência, ideias e memória através da capacidade que cada grafismo expõe ao reter e articular traços do passado, o presente e imaginar o futuro. Neste cerne, a imersão do visível e o movimento do corpo torna-se parte de um espaço relacional que é essencialmente fundado em um autoconhecimento, como "meu movimento é auto-movido" (MERLEAU-PONTY, 2011) e emana do *eu*. Ou seja, sendo imerso no visível, através do corpo, o visível não é apropriado, mas é em vez disso revelado pelo ato de "olhar". Esse paradoxo, de ambos do que é "visto" e do que se "ver" é derivado do corpo simultaneamente. Olhando para todas

as coisas e olhando para si próprio: "Ele se vê a si mesmo: toca em si mesmo: é visível e sensível para si."(MERLEAU-PONTY apud JOHNSON, 1993, p.124). A imersão no visível e o movimento do corpo tornam-se parte de um espaço relacional que é essencialmente fundado em um autoconhecimento, como "meu movimento é auto-movido" (MERLEAU-PONTY, 2011) e emana do *eu*. Podendo olhar para todas as coisas, bem como para si, o corpo é capaz de reconhecer ambos os lados dessa aparência.

6

**IDENTIDADE DE EXISTÊNCIA:
CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“A única coisa que eu tinha quando era criança eram livros. Eu costumava viver neles. Eu costumava ir dormir sonhando que acordaria dentro de um, porque eles tinham significado. Este lugar, isto é como se eu tivesse acordado dentro de uma dessas histórias. Acho que só quero descobrir o que isso significa.”

*(MONÓLOGO DE WILLIAM EM
WESTWORLD, 2017).*

Eu poderia iniciar estas considerações finais com a citação de algum arqueólogo pós-processualista, algum filósofo modernista ou ainda um dos fenomenólogos que descuti ao longo deste trabalho. Mas, ao contrário do que é comum, resolvi por esta citação, trazida de um diálogo de William, interpretado por Jimmi Simpson, em *Westworld*⁴⁰, que me faz lembrar toda a trajetória existencial deste trabalho.

Os livros não eram a única coisa que eu tinha quando criança, mas assim como William, eu costumava viver neles. Também sonhei, por diversas vezes, que

⁴⁰ “*Westworld* é uma odisséia negra sobre a aurora da consciência artificial, e a evolução do pecado. Colocada na intersecção de um futuro próximo e de um passado reimaginado, a série explora um mundo em que cada apetite humano, não importa quão nobre ou depravado, pode ser saciado” (Sinopse HBO).

acordaria dentro de alguma história, que abriria a porta de um guarda-roupa e seria transportada para um mundo mágico de Nárnia e viveria as aventuras dos irmãos Lucy, Peter, Edmund e Susan. Que lutaria ao lado de Eragon, na tentativa de ajudá-lo a combater o malvado Galbatorix ou viajar com Dorothy e Totó em direção a cidade Esmeralda em busca do Mago Oz e, de repente, no meio do caminho, encontrar um Espantalho que precisa de cérebro, um Homem de Lata que precisa de coração e um Leão Covarde que precisa de Coragem. A cada história lida, não só de Nárnia, Eragon e o Mágico de Oz, mas de outras tantas, pude, de alguma forma, “sentir” o que cada personagem experienciou e viveu.

Quando William diz: **“Este lugar, isto é como se eu tivesse acordado dentro de uma dessas histórias”**, ele está se referindo a Westworld, Parque futurista com temática de faroeste para diversão de adultos. “Este lugar”, este parque é um Mundo criado por humanos e ocupado por andróides sintéticos apelidados de “anfitriões”, disponíveis para sacear os desejos dos ricos recém-chegados, hóspedes. Foi neste ambiente que William vivenciou pessoalmente o que ele tanto sonhou e imaginou em livros. Foi lá que ele pode interagir sem regras, leis ou medo com os personagens e pode vivenciar um ambiente de séculos passados, com outros costumes, crenças e realidades tão distintas de sua vida e de seu tempo. Tudo isso, fez-me pensar o quanto seria maravilhoso, principalmente para nós arqueólogos, interagir com os personagens do passado... Está certo que em Westworld, todas as histórias não passam de narrativas criadas, mas no fim das contas não é isso que fazemos? “Narrativas”, narrativas sobre o passado?

Ao refletir sobre a prática arqueológica desenvolvida na Penitenciária Tenente Zeca Rúben, acabei refletindo sobre mim, de como aquelas inscrições, desenhos e palavras escritos nas paredes e no teto das celas ataçaram o meu imaginário, a minha ânsia de querer “voltar no tempo” e entender aquelas histórias escritas; e mais ainda, quem escreveu e o porquê as escreveu. No ambiente das celas, analisando os desenhos, ainda que fossem de apenas duas temáticas, como vimos *“apelo religioso e sexualidade”*, tentei trazer à tona, ainda que minimamente, os sentidos, visões de mundo dos autores, e mais ainda ver a “beleza” em um

ambiente socialmente classificado como hostil, insalubre, e aparentemente sem importância social, já que estava desativado.

Quando pude conhecer, pessoalmente, cada cela, a sensação que me ocorreu era de estar dentro de uma imensa história em quadrinhos (HQs). A diferença é que nem todos os quadrantes, paredes haviam diálogos conectados aos seus respectivos desenhos. Ou quando se tinha frases escritas, não acompanhavam as suas representações figurativas. Como eu poderia ler este HQ “tamanho família”, se existiam tantas lacunas? Como eu poderia quebrar meus próprios paradigmas processualistas e não enxergar apenas as “estruturas”?

Outro monólogo que gosto muito em Westworld é quando Dolores diz que: *“Algumas pessoas escolhem ver a feiura do mundo, a desordem. Eu escolho ver a beleza. Acreditar que há uma ordem para nossos dias. Um propósito”*. A partir do momento que se escolhi ver a beleza das coisas e crer que há propósito, isso me fez romper com o pensamento processual e ingressar fundo em teorias que me levassem para “dentro daquelas histórias”, para dentro do mundo criado pelos presidiários nas paredes.

É interessante tornar claro que para se chegar até aqui, houve um caminho intenso de leituras, principalmente no âmbito da filosofia. Um caminho totalmente novo para mim, que estava acostumada a leituras processuais e estruturalistas advindas da Arqueologia Cognitiva. Parar para pensar a subjetividade e os fenômenos das coisas e das pessoas, não foi uma tarefa nada fácil, mais ainda pensar que um objeto pode assumir agência e ser simétrico a mim, deixou-me de maneira desconfortável por diversas vezes.

A partir do momento que observei o mundo que “estava sempre ali”, em que eu pude observar os grafismos dos detentos com o meu próprio olhar, sem me prender a medições, cálculos, estatísticas ou estruturas, as coisas começaram a fluir e os grafismos mostraram-se a mim como eles realmente são de fato. Foi quando percebi que estava pronta para escrever a dissertação. E não seria um texto como todos os outros que eu até então tinha feito, seria um texto diferente, marcado por minhas experiências, impressões e por minhas próprias visões de mundo.

Assim, o que tentei propor, aqui, vai ao encontro do que Shanks (1987) e outros autores como Edgeworth (2006) abordam sobre a Arqueologia, ao enfatizarem que ela vai além de ideias e de conhecimento formados basicamente pelas experiências materiais e particulares de pessoas perceptivas, sensíveis e corporificadas: os arqueólogos. Sendo assim, tais indivíduos não produzem, como fruto do seu trabalho, afirmações definitivas, mas antes, e, sobretudo, narrativas, interpretações e construções sobre determinados objetos e fontes de estudo (EDGEWORTH, 2006).

É neste cenário que desenhos feitos por presidiários podem ser objetos de estudo da Arqueologia, pois envolvem a experiência dos detentos constituída com as cores do tempo. Memórias de lugares que eles visitaram, viveram; memórias de objetos que manipulavam; memórias de um mundo que está além das grades, colore suas percepções no presente (ato de desenhar, escrever), como também, encaram o futuro e o novo. As experiências passadas são transportadas por meio da atividade do sujeito encarnado; e fornecem estruturas através das quais esse sujeito se torna capaz de interpretar o mundo e encaixá-lo em um padrão. O corpo carrega o tempo para a experiência do lugar e da paisagem (TILLEY, 2014). Qualquer momento da experiência vivida é, dessa forma, orientado pelo e para o passado, uma fusão dos dois. O passado e o presente se dobram um sobre o outro: o segundo influencia no primeiro, e o primeiro rearticula o segundo.

Assim, vimos nas noções fenomenológicas de Merleau-Ponty (2011) que o mundo que existe é o mundo que existe para o sujeito, em que ele é percebido e ajustado a uma corporalidade. Esse mundo, dentro do contexto trabalhado, foram as celas da Prisão, a Penitenciária Tenente Zeca Rúben trabalhadas dentro de duas temáticas: *apelo religioso e sexualidade*. Neste mundo (celas) são ajustadas a corporalidade (corpo) do sujeito (detento) e a própria corporalidade física da cela (paredes e tetos). Neste cenário, foram estabelecidas sensações, sejam elas aliadas à privação de liberdade, às angústias, ao medo, ao julgamento divino, à súplica por indulgências ou mesmo os anseios pelo prazer da carne, anseios de todo um mundo que se encontra fora do cárcere. O que nos fez perceber que a percepção foi advinda da experiência do mundo em que os detentos se encontram (celas), onde as paredes e teto, neste mundo, servem de ponte para

transmitir o anseio do que está ausente, ainda que subjetivamente, por exemplo, em um desenho de mulheres nuas ou no desenho da folha de maconha, nitidamente em um campo de muitas possibilidades, mas, ainda assim, o ausente aqui se faz presente através do corpo-sujeito.

Situando essas experiências interativas dentro do contexto dos grafismos apresentados nas celas da penitenciária, percebi que o próprio espaço condicionante age como um corpo a ser tatuado, cada “braço”, “perna”, “costas” das paredes, nestes exemplos, alojam símbolos ou mensagens que configuram identidades. No processo cotidiano de interação entre os detentos que viveram nas celas, entre as celas e o espaço arquitetônico geral, as regras sociais objetificadas na materialidade das paredes, acabavam por ser incorporadas pelos indivíduos. Estes respondiam a essa dada materialidade de forma objetiva (desenhos e murais de palavras), a partir de uma motivação subjetiva (pensamento, lembranças de um passado vivido, etc.). Nessa dialética internalização e externalização, eram formadas identidades individuais e coletivas que, embora nem sempre tomadas conscientemente pelos indivíduos presos, estavam de algum modo presentes em suas relações com o mundo exterior.

As temáticas apresentadas, *apelo religioso* e *sexualidade*, foram fundamentais na compreensão da própria intencionalidade; doutrina nuclear em fenomenologia, uma vez que notamos que cada experiência que temos é intencional. Cada representação de teor de religioso, apelativo ou sexual, foi orientada em volta da consciência que atinge ou contata um objeto. Num processo dialético de interação entre os presos e seus grafismos, cada suporte, parede, teto, se tornaram tão intrinsecamente ligados e interdependentes que já não é mais possível falar meramente em sujeito e objeto de forma isolada (TILLEY, 2004). O pensamento das pessoas que ali estiveram, ocuparam lugares no mundo físico da mesma forma que as formas concretas têm lugar na mente. Um existe sem o outro, mas somente enquanto não se entrecruzam. No exato momento em que uma dada paisagem ou um dado objeto é percebido por um indivíduo, a personificação das formas materiais e a objetificação do pensamento tomam seu lugar, dando forma e sentido a um mundo que é particular a quem o percebe.

Diante do que foi exposto, podemos afirmar que a fenomenologia complementa e completa a arqueologia, mesmo outras ciências afins e particulares, enquanto retém a elas e recupera sua validade, o mais amplo todo, o maior contexto. Já que considera as dimensões abstratas de outras ciências, as dimensões de intencionalidade e manifestação. Ela mostra como a ciência mesma é um tipo de manifestação, e conseqüentemente mostra a ingenuidade do objetivismo, a crença de que o ser é indiferente à manifestação.

Aplicada neste estudo arqueológico, a fenomenologia, aqui, partiu do princípio de que as qualidades sensoriais do corpo humano (detentos) provêm o aparato necessário para que as mesmas formas materiais sejam fisicamente experienciadas de modo semelhante por todos os seres humanos (por mim, por você), no passado ou no presente. A visão fenomenológica considera que a maneira como os indivíduos percebem o mundo está intimamente ligada com os tipos de corpos que todos têm e, basicamente, compartilham (TILLEY, 2004). Uma vez que os seres humanos modernos, *Homo sapiens sapiens*, compartilham o mesmo nível biológico, sua experiência corporal será similar.

Os impactos psicológicos gerados pelo contato com o mundo material são particulares, individuais e não podem ser reproduzidos, mas o modo como as formas materiais ativam os sentidos é praticamente a mesma. Disso decorre que o mundo material remanescente do passado (paisagens, objetos, lugares, construções, etc.) pode reproduzir, hoje, possivelmente sensações físicas parecidas e que foram vivenciadas por comunidades de outrora. Mesmo que essa reprodução não seja exata, ela é mais uma possibilidade que aproxima os pesquisadores de hoje das sociedades do passado.

Sentir a materialidade e desenvolver técnicas corporais de interação com a mesma, não é somente uma questão de tocar ou evitar tocar as coisas; mais do que isso, o mundo material é um componente forte no processo de direcionamento da estrutura mental, do comportamento, das relações humanas, da vida, por conseguinte. A existência pessoal e a existência social estão intimamente ligadas às formas físicas que demarcam a conduta corporal humana. A partir de diferentes experiências corporais são criadas diferentes noções de espaços somáticos, desenvolvendo-se noções distintas de espaços perceptuais e existenciais. Como

as construções têm um papel crucial na criação, produção e reprodução do espaço existencial e, conseqüentemente, do espaço perceptual, as diferenças entre as formas arquitetônicas resultam em noções diferentes de identidade individual e coletiva.

Assim, a abordagem fenomenológica trabalhada, nesta pesquisa, pode ajudar-me a acessar e compreender não apenas as experiências passadas identificadas nos grafismos de apelo religioso e sexualidade, mas as interpretações passadas, incluindo os possíveis significados simbólicos atribuídos aos grafismos, aos suportes das celas, paredes, tetos e a penitenciária como um todo. Onde pude traçar um estreito vínculo entre interpretação e experiência pessoal, como muitos autores argumentaram recentemente, por exemplo, Tarlow (2000), Thomas (2004), dotando esta mesma interpretação como o produto de compromissos incorporados culturalmente, circunscritos com o mundo, neste caso, o *Mundo da Penitenciária Tenente Zeca Rúben*.

Deixo claro que na tecelagem deste trabalho, várias modificações teóricas foram feitas em virtude de inúmeros choques de abordagens dentre as correntes utilizadas. Retirou-se: a Arqueologia Cognitiva, devido suas abordagens processualistas; Jean Paul Sartre, fenomenólogo que trabalha com o conceito de imaginação, devido a densidade de seus pensamentos, que não caberiam para um trabalho de dissertação; a Arqueologia Simétrica, que não faz distinção entre sujeito e objeto, nem trata natureza e sociedade, como conjuntos de seres ontologicamente distintos e incompatíveis (LATOUR, 2004), como as demais teorias, inclusive a fenomenologia.

Entretanto, pretendo retomar com os pressupostos teóricos da Arqueologia Simétrica (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2007; WITMORE, 2007; SHANKS, 2007; WEBMOOR, 2007; OSLEN, 2007; NEUMANN, 2008a; 2008b; MACEDO, 2011; MELQUÍADES, 2011; 2012; ZARANKIN; 2012) em um futuro projeto de doutorado, considerando os “sentidos” nos grafismos, colocando-lhes em um patamar de igualdade e simetria com seus criadores, os detentos, bem como aceitando uma ontologia comum a humanos e não-humanos. Os pesquisadores dessa vertente partem da premissa de que estamos imersos em um mundo de pessoas, animais, plantas e coisas, que mantêm múltiplas transações entre si, se constroem

simultaneamente e formam coletivos (GONZÁLEZ-ZRUIBAL, 2007, p.283). Partem, portanto, da premissa de que humano e materialidade devem ser explicados a partir dos mesmos termos e levantam a pergunta: “o que acontece se tratarmos as pessoas e as coisas simetricamente?” Neste caso, o que acontecerá se tratarmos detentos e seus desenhos de forma simétrica? (WEBMOOR, 2007, p.300).

Portanto, possivelmente poderei perceber os vínculos que eles constituem na composição de um mundo comum (um coletivo) e o “social” para retomar, assim, seu sentido original e amplo de associação. Além de perceber noções de espaços, domesticação de espaços, coisas e corpos, indivíduos e coletivos, conforme vem sendo colocado pela arqueologia da paisagem, mais especificamente da arquitetura do mundo capitalista (ZARANKIN, 2005, 2002). Tal qual aponta essa vertente de pesquisa arqueológica, no caso específico da presente pesquisa, esses ambientes construídos “cumprem um papel fundamental como elementos domesticadores-disciplinadores, cujos efeitos ideológicos, uma vez internalizados, estarão sempre presentes ao longo da vida” (ZARANKIN, 2005, p.36).

Utilizarei as propostas da Antropologia Simétrica de Bruno Latour (2004), posto que me permitirá discutir aspectos de socialidade entre humanos (aqui os detentos) e não-humanos (grafismos), acompanhando a produção de seus coletivos. O simétrico implicará que não somos diferentes dessa gente e desses vestígios que estamos estudando; que estamos todos ligados por diferentes tipos de relações com a materialidade do mundo ao fazer artefatos, a nós mesmos, ou ao construir narrativas a partir dos objetos-memória. Há uma continuidade entre os processos de fabricação estudados pelos arqueólogos e o processo arqueológico de se trabalhar sobre os restos do passado.

7 REFERÊNCIAS

BASSO, K. "Wisdom Sits in Places. Notes on a Western Apache Landscape. In: FELD, S.; BASSO, K. **Senses of Place**. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1996. p. 55.

BARCO, Aron Pilotto. **A constituição do espaço na fenomenologia de Husserl**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Goiás, Faculdade de Filosofia, 2012.

BELLO, Ângela Ales. **Fenomenologia e Ciências humanas: psicologia, história e religião**. Bauru: EDUSC, 2004.

BERTOLINO, Pedro et al. **A Personalidade**. Cadernos de Formação 1. Florianópolis: Edições Nuca, 1996.

BLOOR, D. **Knowledge and Social Imagery**. London: Routledge, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. p. 72.

BRENTANO, Franz. **Psicologia desde um ponto de vista empírico**. Tradução: José Gaos. Madri: Revista de Occidente, 1935.

BRÜCK, Joanna. **Archaeological Dialogues**. v.12. 2005, p. 45 – 72. Disponível em: <10.1017/S1380203805001583>. Acesso em: 30 ago. 2016.

CALLOM, M; LAW, J. **After the individual in society: Lessons on collectivity from science, technology and society**. Canadá: Journal of Sociology, 1997.

CARVALHO Filho, Luiz Francisco. **A prisão**. São Paulo: Publifolha, 2002. p.21.

CERBONE, David. R.. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza; 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?**. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A Igreja como refúgio e a bíblia como esconderijo: Religião e violência na prisão**. São Paulo: Humanitas, 2008.

EDGEWORTH, M. **Acts of Discovery: An Ethnography of Archaeological Practice**. 2006a. Disponível em: <<http://www.humanitieslab.stanford.edu/38/1558>>. Acesso em: 25 set. 2016.

FABRINI, Julio Mirabete. **Manual do Direito Penal**. Imprensa. São Paulo: Atlas, 2010

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2005.
 FREIRE, Leticia de Luna. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica**. In: *Comum*, v.11. n.26. Rio de Janeiro, 2006. p.46-65.

FREGE, G. . **Review of Dr. E. Husserl's Philosophy of Arithmetic**. *Mind: New Series*, 1972.

GELL, Alfred. **Art and Agency; an Anthropological Theory**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

GILES, T. **Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes, 1979.

GOTO, Tommy Akira. **A (Re) Constituição da Psicologia Fenomenológica em Edmund Husserl**. 219p. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade de Campinas, Campinas, 2007.

GOSDEN, C. **Social being and time**, Oxford, 1994.

_____. **Can we take the Aryan out of Heideggerian?**, 1996.

_____. **Archaeological dialogues 3**. p.22–25.

GOSDEN, C. and Y. MARSHALL. **The cultural biography of objects**. *World archaeology*. v.31. 1999. p.169–78.

HARAWAY, D. **Cyborgs to companion species: Reconfiguring kinship in technoscience**. In: IHDE, D. (Ed.). **Chasing Technoscience: matrix for materiality**. Bloomington: Indiana University Press, 2003.

HEIDEGGER, M.. **Die Grundprobleme der Phänomenologie**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1975.

_____. **Kant und das Problem der Metaphysik**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1991.

_____. **Sein und Zeit**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

_____. **Ser e Tempo**. 14.ed. Coleção Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2005.

HUSSERL. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. Tradução: Pedro Manuel Santos Alves. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/husserl_edmund_crise_da_humanidade_europeia_filosofia.pdf>. Acesso: em 24 jun. 2016.

_____. **A Idéia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge.** Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1973.

_____. **Conferências de Paris.** Tradução: Antonio Fidalgo e Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. **Die Idee der Phänomenologie.** Husserliana. v.II. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1950a.

_____. **Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie.** Erstes Buch. Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1950b.

_____. **Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie.** Zweites Buch. Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1952.

_____. **Idées directrices pour une phénoménologie: Tomme premier – Introduction a La phenomenology pure.** Tradução: Paul Ricouer. Paris: Gallimard, 1950. p.125.

HODDER, Ian; HUTSON, Scott. **Reading the Past.** Current approaches to interpretation in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. **Reading the past.** Cambridge, 1986.

HOLTORF, C. **Notes on the life history of a pot sherd.** Journal of Material Culture. v.7. 2002. p. 49-71.

_____. **From Stonehenge to Las Vegas: Archaeology as Popular Culture.** Walnut Creek: Altamira Press, 2005.

INGOLD, Tim. **The perception of environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill.** London: Routledge, 2000.

JONES, A. **Archaeological theory and scientific practice.** Cambridge, 2002.

JUNQUEIRA, Itamar. **Diário do Cárcere. Mocidade e Morte.** Anápolis, GO: 1998.

LAW, J, HASSARD, J. **Actor Network Theory and After.** Blackwell: Oxford, 1999.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. Coleção TRANS. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.152p.

LERSCH, Philip. **Estrutura da personalidade.** Barcelona: Scientia, 1971.

LIMA, Tania Andrade. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: 2011. p.11-23.

LUCAS, G. **The archaeology of time**. Abingdon: Routledge, 2005.

MACEDO, J. **O nós da arqueologia: leituras da paisagem e memória na igreja de Nossa Senhora da Saúde, Rio de Janeiro - RJ**. São Paulo: Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, 2011.

MAUSS, M. A category of the human mind. The notion of the person; the notion of the self. In: M. Carrithers, S. Collins; S. Lukes (orgs.). **The category of the person**. Anthropology, philosophy, history. Cambridge: 1985. p.1-25.

MELLO, J. B. F. **Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo**. Revista Brasileira de Geografia. v. 52. 1990. p.91-115.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosacnaify, 2013.

_____. **Phenomenology of Perception**. London: Routledge, 1962.

MELQUIADES, V. **Os Artesãos da pedra: Arqueologia e Museologia das vasilhas de pedra-sabão em Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: 2011.

MESKELL, Lynn. **Cosmopolitan Archaeologies**. Duke University Press Books, 2009.

MIRABETE, Júlio Fabbrini. **Manual de Direito Penal**. 19.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOURA, C. A. R. **Cartesianismo e fenomenologia: exame de paternidade**. Analytica. v.III. n.1. 1998, p.195-218. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/427>. Acesso em: 13 mai. 2016.

MORRIS, B. **Anthropology of the self**. The individual in cultural perspective, London: 1994.

NEUMANN, M. A. **Por uma Arqueologia Simétrica**. Cadernos do LEPAARQ – Textos Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. v. V. n.9/10. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, 2008.

OLSEN, B. **Material Culture after Text: Re-Membering Things**. Norwegian Archaeological Review 36. v.2. 2003. p.87-104.

_____. Genealogías de La asimetría: por qué nos hemos olvidado de las cosas. In: González-Ruibal, A. (org.). **Arqueología Simétrica. Un giro teórico sin revolución paradigmática**. Complutum: 2007. p. 287-291.

PELLINI, J.P. **Onde está o gato? Realidade, Arqueologia Sensorial e Paisagem, Habilis**. v.9, n.1. Goiânia: 2011. p.17-31.

_____. **O jardim secreto: Sentidos, performance, memórias e narrativas**. VESTÍGIOS. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. v.8. n.1. Belo Horizonte, MG: 2014.

_____. **Tomando chá com o chapeleiro: a arqueologia sensorial como arqueologia descolonizante**. Revista de Arqueologia.v. 27.n.2. 2014.

_____. **Arqueologia com Sentidos. Uma Introdução à Arqueologia Sensorial**. Revista de Arqueologia Publica. Campinas, SP: 2015.

_____. **Arqueologia e os sentidos: entrando na toca do coelho**.1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

POLONI, R. J. S. **Arqueologia da Repressão e da Resistência: Uma Proposta de Estudo, história e-história, curtas**. 2014. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia_cfm?tb=curtas&id=118>. Acesso em: 10 out. 2016.

RAMON, Saturnino Pesquero. **A Importância da Act-Psychology de Franz Brentano**. Psicol. Reflex. Crit. v.19. n.2. Porto Alegre: 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722006000200021&ing=en&nm=iso>. Acesso em: 13 jan. 2017.

RATES, Pedro Gomes Neto. **A prisão e o sistema penitenciário: Uma visão histórica**. Canoas: Ulbra, 2000.

RELPH, E.C. **As bases fenomenológicas da geografia**. v. 4. 1979.

RENFREW, C. and ZUBROW, E.B. **The ancient mind: elements of cognitive archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p.29-39.

RICOEUR, Paul. **Na escola da Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RIVOLTA, M. C.; MONTENEGRO, M.; FERREIRA, L.M.; NASTRI, J. **Multivocalidade y Activaciones Patrimoniales em Arqueologia: Perspectivas desde Sudamérica**. 1. ed. Buenos Aires, 2014.

ROSA, C. A. D. **Pessoas, Coisas e um Lugar: Uma interpretação para a ocupação pré-colonial no sítio arqueológico Morro da Formiga, Taquara, RS**. Dissertação de Mestrado. PUCRS/IFCH/PPGH, 2007.

RUIBAL, González. Contemporary Past, Archaeology of the. In: Claire Smith (org.). **Encyclopedia of Global Archaeology**. New York: Springer, 2014. pp.1683-1694.

SALLA, Fernando. **As prisões em São Paulo: 1822-1940**. 2. ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006. p.185.

SANT'ANNA, Marcos. **Cartas de um Detento – Baseado em Fatos Reais**. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

SARIEDDINE, B.B. **A relação sociedade x tempo x trabalho: como o uso do tempo e a dedicação ao trabalho podem influenciar a vida contemporânea**. São Paulo: Fapesp, 2009.

SILVESTRE, Michele. **A crítica husserliana ao objetivismo evidenciada através da noção fenomenológica de atitude (Einstellung)**. Kinesis. v. III. n.5. 2011. p.309-325.

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. **Time and Archaeology. Social Theory and Archaeology**. Polity Press, 1987.

_____. **Experiencing the past**. Londres: Routledge, 1991.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Social theory and archaeology**. Cambridge: Polity, 1987.

SHANKS, M.; HODDER, I. Processual, postprocessual and interpretive archaeologies. In: HODDER, I., SHANKS, M., et al. **Interpreting archaeology: finding meaning in the past**. Londres: Routledge, 1995. p. 3-33.

SOKOLOWSKI, Robert. Introdução à fenomenologia. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

THOMAS, J. Archaeology's humanism and the materiality of the body. In: Y. Hamilakis, M. Pluciennik; S. Tarlow (orgs.). **Thinking through the body**. Archaeologies of corporeality. New York, 2002, p.29-45.

THOMAS, J. Archaeology and modernity. In: THOMAS, N. **Entangled objects. Exchange, material culture, and colonialism in the Pacific**. Cambridge: MA, 2004.

TILLEY, Christopher. A phenomenology of Landscape. Oxford: Berg Publishers, 1994.

_____. **The Materiality of Stone**. Explorations in landscape phenomenology. Oxford. New York: Berg, 2004c. p.3.

_____. **Mind and Body in Landscape Research**. In: Cambridge Archaeological Journal. v.14. n.1. Reino Unido: McDonald Institute for Archaeological Research, 2004a. p. 79.

TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M; SPYER, P. Introduction. In: TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER, S.; ROWLANDS, M; SPYER, P. (orgs.). **Handbook of Material Culture**. Londres: SAGE, 2006. p.1-6.

TUAN, Y. F. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1985. p.143-164.

WALTER, Biemel. **Le Concept de Monde chez Heidegger**. Paris: Vrin, 1950.

WEBMOOR, T. Un giro más tras el “giro social”. El principio de la simetría em arqueología. In: Gozález-Ruibal, A. (org.). **Arqueología Simétrica. Um Giro Teórico sin Revolución Paradigmática**. Complutum, 2007.

WEINER, J. **Sherlock Holmes and Martin Heidegger**. Archaeological dialogues 3. 1996. p.35–39.

WOLFMANN, Luizão. **Portal do Inferno...Mas ainda há esperança**. São Paulo: WVC, 2000.

ZARANKIN, A. **Arqueología de la Arquitectura, modelando al individuo disciplinado en la sociedad capitalista**. Revista de Arqueología Americana. v. 22, n.1. Mexico: 2002. p. 25-41.

ZARANKIN, A. **Paredes que domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista, O caso de Buenos Aires**. 1.ed. v.1. Campinas: Centro da Arte e Arqueologia – IFCH – UNICAMP, 2002.

ZILLES, Urbano. **Fenomenologia e Teoria do Conhecimento em Husserl**. Revista da Abordagem Gestáltica. v.XIII. 2007. p.216-221.

8 APÊNDICE A – OUTRAS FOTOGRAFIAS COLETADAS DURANTE A PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Figura 01 - Fachada da Penitenciária Tenente Zeca Rúben



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 02: Parede da fachada da Penitenciária/ Ladrilhos hidráulicos com letras formando uma inscrição que compõe o piso da fachada. Lê-se “GOVERNO HELVIDIO NUNES 1967”



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 03: Sala de espera/Sala de Audiências



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 04: Sala de Audiência Sec. Carlos Alberto de Melo Lobo



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 05: Vista do pátio/ celas 2 e 3 (direita)/ celas 4 e 5 (esquerda) em 2015



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 06: Vista do pátio/ celas 4 e 5 em 2017



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 7: Vista do Pátio por dentro da cela 04.



Fonte: Elaborada pela autora (2017)

Figura 8: Vista do Pátio por dentro da cela 04.



Fonte: Elaborada pela autora (2017)

Figura 09: Vista externa da cela 02 e corredor de acesso às celas 03 e 04.



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 10: Entrada de acesso aos banheiros dos detentos



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 11: Vista externa das celas 03 (esquerda) e celas 04 (direita).



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 12: Vista superior do repartimento dos banheiros dos detentos



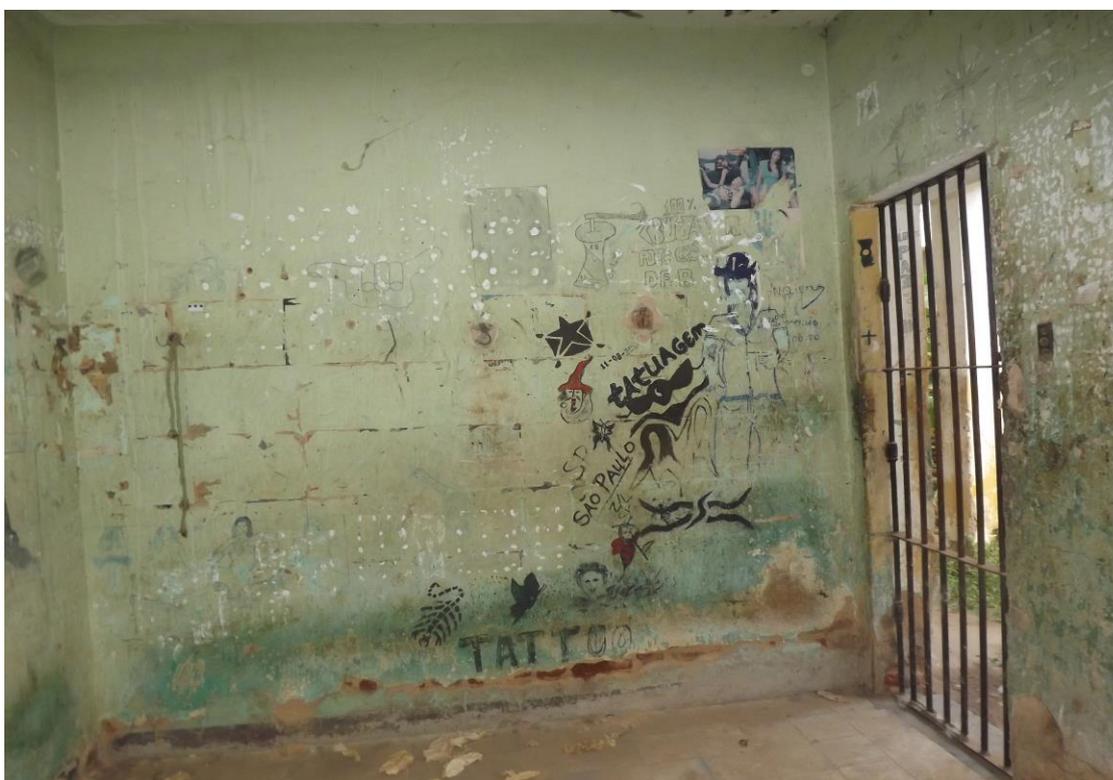
Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 13: Estrutura de sustentação do teto da Cella 01 contendo inscrição “Deus venha nos libertar”



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 14 Vista interna da cela 01



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 15: Vista entrada da Cela 02.



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 16: Grafismos da cela 02/ Parede Orientada para Norte. (Escorpião/ Borboleta/ Abelha)



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 17 Grafismos da cela 02/ Parede Orientada para Norte. (Mago/Borboleto/ Negativo mão direita)



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 18: Grafismos cela 02 Parede orientada para o Sul. (Calibres 38 interlaçados/ fuzil)



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 19: Vista geral – Entrada – cela 03



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 20: Vista geral - Fundos – cela 03.



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 21: Grafismos da Cella 03



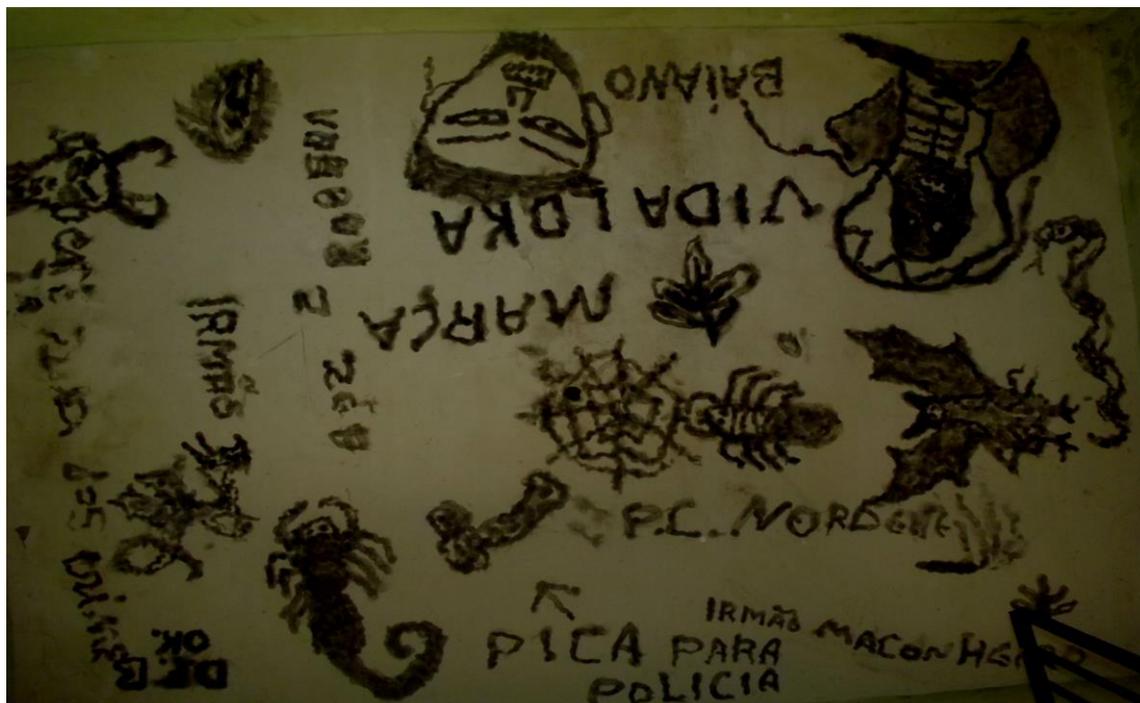
Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 22: Vista geral cela 04



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 23: Teto da cela 04



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 24: Fundos da cela 04



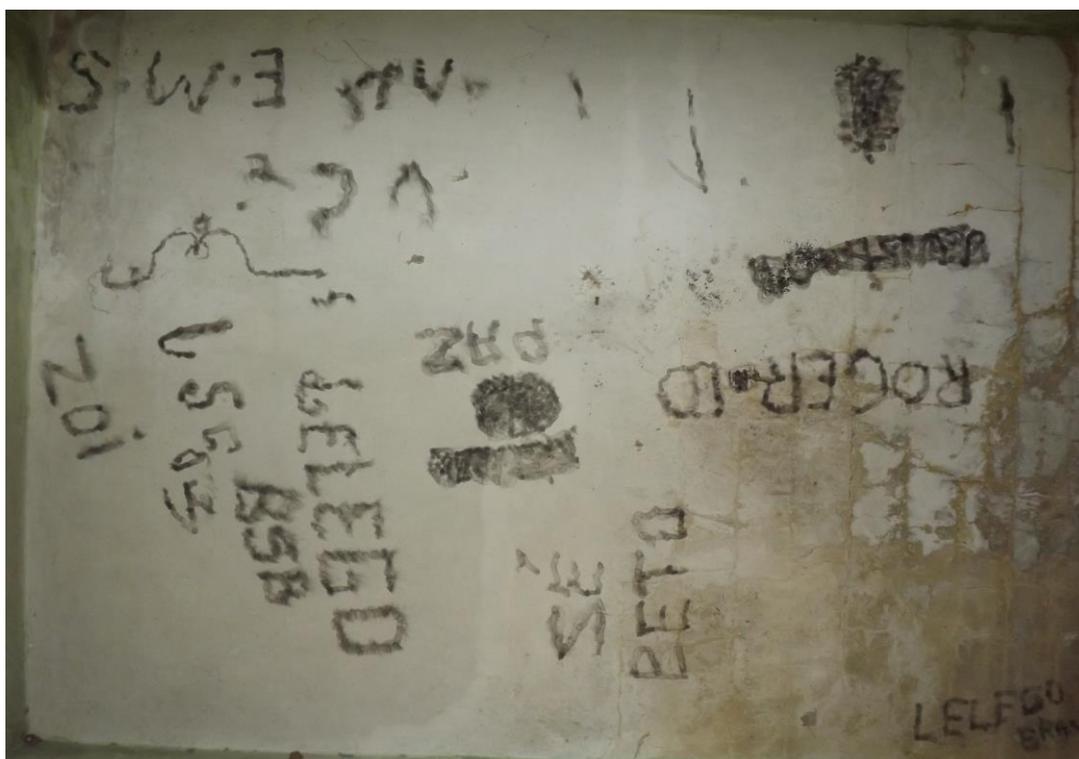
Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 25: Vista geral cela 05



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 26: Parede central da cela 05



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 27: Arqueólogos analisando os grafismos



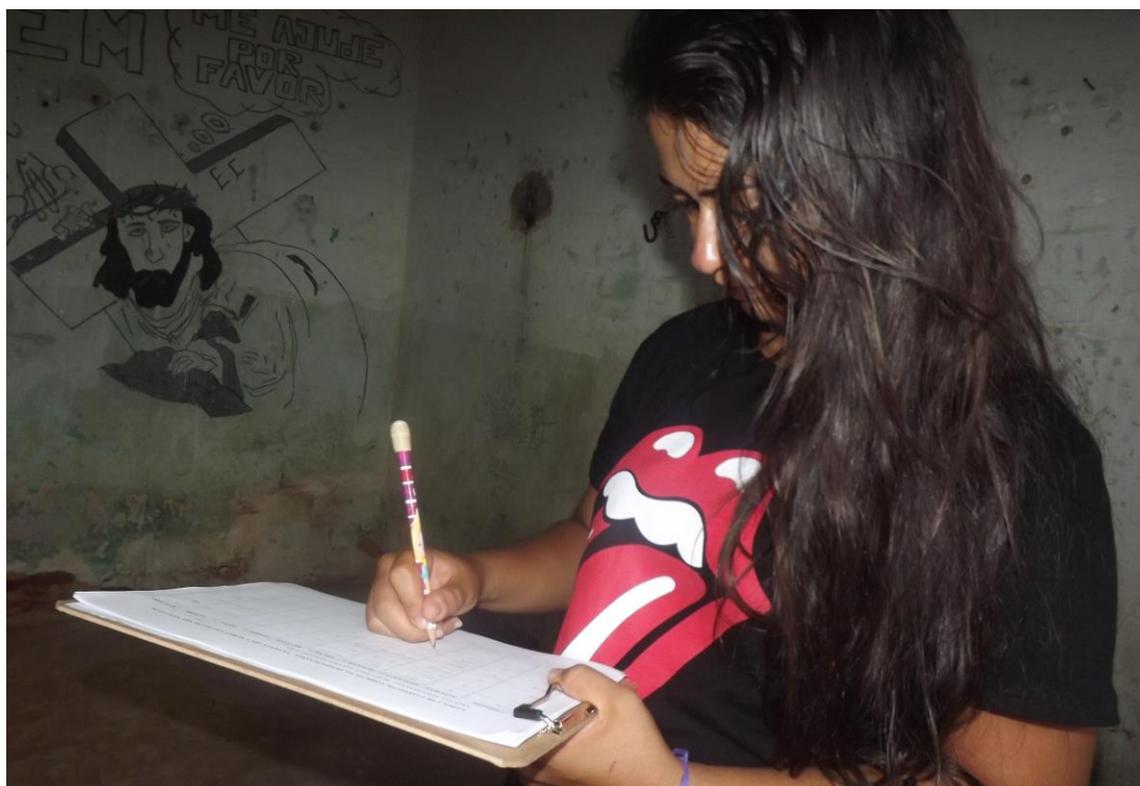
Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 28: Anotação de elementos poucos visíveis



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 29: Registro dos grafismos em planilha



Fonte: Elaborada pela autora (2015)

Figura 30: Análise dos grafismos



Fonte: Elaborada pela autora (2015).

Figura 31: Registro fotográfico final



Fonte: Elaborada pela autora (2015)